

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BOTÂNICA

Dissertação de Mestrado

LICÓFITAS E SAMAMBAIAS: UMA REVISÃO ETNOBOTÂNICA NO BRASIL

Caroline Modena de Medeiros

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BOTÂNICA

LICÓFITAS E SAMAMBAIAS: UMA REVISÃO ETNOBOTÂNICA NO BRASIL

Caroline Modena de Medeiros

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Botânica.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mara Rejane Ritter -
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)

Co-orientador: Prof. Dr. Felipe Gonzatti -
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Porto Alegre

2022

LICÓFITAS E SAMAMBAIAS: UMA REVISÃO ETNOBOTÂNICA NO BRASIL

Caroline Modena de Medeiros

Dissertação Apresentada em: 15/07/2022

Orientadora:

Prof^a. Dra. Mara Rejane Ritter

Coorientador:

Prof. Dr. Felipe Gonzatti

Banca examinadora:

Prof. Dr. Augusto Cesar Pessoa Santiago (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE)

Prof. Dr. Jorge Luiz Waechter (PPG Botânica – UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Maria Franco Trindade Medeiros (Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - MN-UFRJ)

Porto Alegre,

2022

Agradecimentos

A minha orientadora, Mara, que me acompanhou em cada pedaço do processo e cuja capacidade pedagógica e de orientação excedeu todos os dias minhas melhores expectativas. Que sabe e me ensina muito sobre etnobotânica, sobre profissionalismo e competência, e sobre outras coisas que me tornam uma pessoa muito melhor.

A meu coorientador, Felipe, cujo (inigualável!) conhecimento sobre pteridófitas e entusiasmo sobre as mesmas enriquece e transcende o que pode ser expresso neste trabalho, e a quem só tenho a agradecer pela parceria e comprometimento com essa dissertação e esses dados.

A meus pais, que acompanham e apoiam meu trabalho desde o dia em que decidi me tornar bióloga e que caminham junto em todos os passos que eu dou diariamente, sempre me ajudando e se interessando muito pelo trabalho que realizo como botânica. Que me ensinaram muito sobre a pessoa que eu gostaria de ser e que me esforço todos os dias para ser, inclusive no âmbito profissional.

A toda minha família, em especial a meus avós, e a minhas tias-avós, que sempre tiveram palavras de muita sabedoria, acolhimento e amor, e cujo conhecimento sobre as plantas e sobre a vida me fizeram despertar para o amor pela etnobotânica antes que eu sequer soubesse o que ela era.

A minhas amigas do PPG e incríveis profissionais da botânica Rafaella, Aline e Ana que por boa parte da minha formação nessa pós-graduação me deram suporte e trocaram comigo valiosos conhecimentos de dentro e de fora da academia, e que foram de grande importância nesse momento tão desafiador de viver a distância, fazendo com que eu me sentisse próxima dos meus colegas e da UFRGS mesmo estando longe.

À professora Alice, que acompanhou minha trajetória em diversos momentos dessa pós-graduação, em aula, em estágio e costurando um projeto de divulgação que valorizasse ainda mais nosso PPG. Sua companhia rendeu também proveitosas trocas, tanto de conhecimento como de vida, e que também foi fundamental na minha formação ao longo desse período.

Aos demais colegas, professores e servidores (agradecida, Milene!) da UFRGS que seguraram minha mão mesmo à distância nestes tempos desafiadores e bateram de frente juntos com os desafios que enfrentamos ao longo destes dois anos de mestrado e de isolamento.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço à CAPES pela bolsa concedida e ao Programa de Pós-Graduação em Botânica da UFRGS pela estrutura cedida e colaboração para a realização deste trabalho.

A minha amiga Marina, que me incentivou a continuar na academia me lembrando sempre da importância do trabalho de um pesquisador, acreditando e apostando na minha capacidade para isso. Receber o apoio de uma pesquisadora genial como ela foi essencial para a conclusão deste trabalho, e me faz acreditar todos os dias no potencial do que podemos construir com nosso conhecimento como sociedade. Além disso, é uma companhia fundamental, que me ensina cada dia mais sobre como é ter uma boa amiga para caminhar junto.

A minha amiga Clara, cuja criatividade e afeto me inspiraram a criar também, e que fez parte de todo o processo final desse trabalho, dividindo horas de home office e cafés, ou só conversando sobre a vida quando tudo parecia difícil. Que torna tudo mais leve e me faz enxergar novos caminhos possíveis em toda a parte.

A minha amiga Eduarda que tem me acompanhado de perto nas trajetórias da vida, e que com seu ânimo inabalável me ensinou a ter energia para encarar desafios como é um mestrado, sabendo me divertir e agregar conhecimento em cada etapa do caminho. Que também é uma pesquisadora genial e me inspira a fazer sempre mais, e por quem tenho um afeto que não cabe nessas palavras.

A meus amigos Eduardo, Marianna, Maria Eduarda, Stefanie, Anna Thereza, Clara, Bia, Isabella, Eliza, Guilherme, Larissa e Luis Henrique e que estiveram comigo durante todo o processo, trabalhando juntos, e que todos os dias me tornam uma pessoa melhor e uma pesquisadora mais interessada e implicada em meu trabalho.

A minha namorada Ana, que apesar de caminhar comigo há pouco tempo, o faz de maneira muito presente, leve e alegre, e tem sido presença fundamental em meus dias. Que contribuiu para este trabalho dando suporte do emocional ao profissional, e que me incentiva sem duvidar de que sempre estou entregando meu melhor. Que me inspira todos os dias por sua

paixão pelas histórias das pessoas, seu amor pelas plantas, sua tranquilidade, sua alegria de viver, seu companheirismo e afeto inigualáveis.

A São Jorge, escudeiro fiel e companheiro de batalhas recentes, e a Seu Jorge, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que me reposicionaram em minha fé sobre mim, sobre a vida e sobre meu lugar no mundo, me lembrando do porque tanto amo as plantas e o rumo que segui na vida.

A Zeca, Leandro, Jorge, Luedji, Antón, Kamasi, Juçara e Kiko e todos os outros que embalaram meus ouvidos na produção desse trabalho, me tranquilizando, confortando e ajudando a focar quando era mais difícil.

Nenhuma conquista é feita sozinha e nada se constrói se não no coletivo. Então esta dissertação é um pouco, também, de cada uma dessas pessoas que já agradei, e de cada um que construiu os trabalhos aqui revisados, sejam os pesquisadores ou aqueles que fazem o uso de todas essas plantas, costurando a rede do conhecimento popular.

Resumo

Licófitas e samambaias são todas as plantas vasculares sem flores, frutos ou sementes, agrupadas sob o nome artificial de Pteridófitas. O grupo tem diversos usos etnobotânicos, de cunho medicinal, ornamental, ritualístico, alimentício e outros mais, mas são poucos os estudos que registram esses usos para o grupo, e não existia, até então, uma compilação compreensiva de seus usos no Brasil. O objetivo geral desta pesquisa foi, portanto, de reunir, organizar e analisar dados sobre a etnobotânica histórica e atual das pteridófitas em todo o Brasil, através de revisão bibliográfica, a fim de compreender como esses grupos taxonômicos são utilizados pelas populações humanas no país e qual o seu potencial. Através da revisão, foram encontrados dados sobre 367 espécies em 124 fontes datando desde o Século XVI até o período atual. Os usos mais comuns relatados foram de espécies medicinais, seguidas por ornamentais, de uso ritualístico e alimentício. As espécies estão presentes em todas as regiões do país e são utilizadas por grupos humanos diversos. Este levantamento evidencia o amplo uso destas espécies no país, e compila estas informações em um levantamento inédito sobre o assunto.

Palavras-chave: pteridófitas; plantas medicinais; plantas ornamentais; plantas ritualísticas; plantas alimentícias.

Abstract

Ferns and lycophytes comprise all the vascular plants with no flowers, fruits, or seeds, grouped under the artificial name Pteridophytes. This group presents a broad range of ethnobotanical uses, being those medicinal, ornamental, ritual or religious, food and even others, but there are few studies that register the uses of this specific group, and there was no comprehensive gathering of this data under one study in Brazil. This research objective was, therefore, to gather, organize and analyze existing data on historical and present ethnobotany of Pteridophytes in Brazil through a literature review, to understand how this taxonomic group is utilized by the human populations in the country. Through this review, data regarding 367 species in 124 different sources were found, dating from the 16th century until today. The most reported uses were medicinal, followed by ornamental, those of religious and ritual use and food uses. They are in use in all parts of the country, by many different human groups. This data survey brings to surface the broad use of Pteridophyte species in the country, compiling these informations in an unprecedented way for Brazil.

Keywords: pteridophytes; medicinal plants; ornamental plants; ritual plants; food plants.

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	10
2.	Objetivos.....	16
3.	Metodologia.....	16
3.1.	Pesquisa bibliográfica e coleta de dados.....	16
3.2.	Complementação e tratamento de dados.....	17
3.3.	Atualização nomenclatural.....	19
4.	Resultados e discussão.....	29
4.1.	Famílias e espécies de pteridófitas mais utilizadas.....	20
4.2.	Questões geográficas e étnicas.....	23
4.3.	Categorias de uso.....	25
4.3.1.	Uso medicinal.....	26
4.3.2.	Uso ornamental.....	31
4.3.3.	Uso ritualístico.....	34
4.3.4.	Uso alimentício.....	36
4.3.5.	Outras categorias de uso.....	37
4.3.6.	Usos não informados.....	39
4.4.	Observações sobre toxicidade.....	40
4.5.	Historicidade e alterações de uso.....	41
4.6.	Nomes vernaculares.....	43
4.7.	Táxons não confirmados.....	44
4.8.	Representatividade de pteridófitas frente a outras espécies vasculares nos levantamentos etnobotânicos.....	46
5.	Considerações finais.....	47
6.	Referências Bibliográficas.....	48
7.	Anexos.....	65
7.1.	Tabela 1. Fontes de consulta.....	65
7.2.	Tabela 2. Espécies de pteridófitas com usos etnobotânicos.....	73
7.3.	Tabela 3. Táxons não confirmados.....	95

1. Introdução

As pteridófitas representam duas linhagens de plantas vasculares esporofíticas, sem flores, frutos ou sementes (PRADO e SYLVESTRE, 2010), com dispersão por esporos e um ciclo de vida em duas fases: a primeira gametofítica, efêmera e de pequeno porte, e a segunda esporofítica, perene, vascularizada e de maior porte. O nome “Pteridophyta” tem sido tradicionalmente utilizado para diferentes grupos taxonômicos com diferentes características morfológicas e relações evolutivas (PPG I, 2016). Esta classificação tornou-se obsoleta depois de levantamentos filogenéticos que demonstraram que as pteridófitas não seriam um grupo monofilético, e sim duas linhagens independentes, a das licófitas e a das samambaias (às vezes citadas como monilófitas), que se desenvolveram entre as embriófitas avasculares e as gimnospermas (plantas vasculares com sementes) (PRYER, 2001; PRYER, 2004; SMITH et al., 2006). Embora atualmente seja consenso que as samambaias e licófitas sejam linhagens distintas, o termo pteridófita ainda tem sido amplamente utilizado para o agrupamento destas duas linhagens (PPG I, 2016).

Na escala evolutiva, as licófitas são as primeiras plantas vasculares a surgir, tendo iniciado sua diversificação no Devoniano, há cerca de 420 milhões de anos antes do presente (SPENCER et al., 2021). Podem ser diferenciadas de outros grupos pelo protostelo com xilema exarco e folhas micrófilas (pequenas, com única nervura não ramificada) (PRADO e SYLVESTRE, 2010). São herbáceas, em geral diminutas, e ocorrem como terrestres, epífitas, rupícolas ou aquáticas. Esta linhagem representa menos de 1% da diversidade de plantas vasculares (SMITH et al., 2006) – cerca de 1.300 espécies distribuídas em três famílias (Isoetaceae, Lycopodiaceae e Selaginellaceae). No Brasil, estão presentes 188 espécies, distribuídas nas três famílias (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022).

Samambaias ou monilófitas, por sua vez, surgiram há cerca de 380 milhões de anos atrás (PRYER, 2004), de um mesmo ancestral comum com as espermatófitas (plantas vasculares com sementes) (SMITH et al., 2006). O que as diferencia das licófitas, dentre outros caracteres, é o aparecimento de megáfilos, folhas vascularizadas com mais de uma ramificação. Essa característica ajudou o grupo a crescer e ocupar nichos diversos, variando muito em hábitos e morfologia, compreendendo desde plantas de 2 cm de altura até espécies de porte arbórescente de 7 m de altura, podendo ser terrestres, epífitas, rupícolas ou aquáticas (PRADO e SYLVESTRE, 2010). O grupo inclui mais de 10 mil espécies distribuídas em 37 famílias

(PPG I, 2016). No Brasil, são reconhecidas 1.219 espécies (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022), distribuídas em 36 famílias.

As pteridófitas, em sua totalidade, representam de 2 a 5% das espécies de plantas vasculares. Sua distribuição é cosmopolita, com a riqueza florística concentrada nos trópicos (RANKER e HAUFLE, 2008). Mais de 11.900 espécies ocorrem pelo mundo (PPG I, 2016), sendo 1.407 no Brasil (sendo 544 endêmicas do país) (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022). Estão presentes em todas as regiões do país, com destaque para a região Sudeste, que possui 913 espécies documentadas, seguida pela região Norte, com 633, Sul (598), Nordeste (553) e Centro-Oeste (468). Se distribuem especialmente nos domínios fitogeográficos Mata Atlântica (949 espécies) e Amazônia (559 espécies), seguidos pelo Cerrado (304), Pampa (73), Caatinga (51) e Pantanal (50) (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022). Estas plantas preferem, em geral, ambientes úmidos e temperaturas medianas, além daqueles com outros fatores como maior fertilidade do solo e disponibilidade de biomassa dos habitats (MEHLTRETER et al., 2010). Essas características alteram sua distribuição fitogeográfica conforme seus gradientes nos diversos ecossistemas, favorecendo, por exemplo, seu estabelecimento nas faixas tropicais, e em domínios fitogeográficos como a Mata Atlântica. Apesar disso, são cosmopolitas, ocorrendo em diferentes locais, desde o nível do mar até ambientes montanhosos, ambientes com alta salinidade como manguezais e bordas de deserto ou semidesérticos como a Caatinga (BARROS et al., 2006; PRADO e SYLVESTRE, 2010).

As pteridófitas são fundamentais aos ecossistemas, iniciando estágios sucessionais que favorecem o desenvolvimento de outros organismos, auxiliando na manutenção de umidade e no estabelecimento da microfauna e microflora dos ambientes, servindo como alimento e abrigo para outras espécies (BARROS et al., 2006; MEHLTRETER et al., 2010). No entanto, no Brasil e no mundo o status de conservação destas plantas tem sido motivo de discussão, uma vez que estes organismos sofrem alta pressão de mudanças climáticas e alterações antrópicas (SHARPE, 2020) e que ainda há dados incompletos e escassos sobre a ecologia, distribuição e status das populações de várias espécies (BARROS et al., 2006; SHARPE, 2020). Vários autores reconhecem as pteridófitas como indicadores ecológicos (DELLA e FALKENBERG, 2019) e de conservação ambiental (TRAVASSOS et al., 2014), como é o caso de samambaias arborescentes, que por sua sensibilidade às mudanças ambientais e lento crescimento, indicam os estágios sucessionais de evolução das florestas e variações no clima ao longo do tempo (CASTELLO et al., 2017).

As populações humanas e os usos que fazem dessas espécies têm papel fundamental na dinâmica ecológica das espécies, interferindo na preservação e modificando dinâmicas da distribuição fitogeográfica das mesmas. Por mais que as interferências possam ser prejudiciais - alterando ou devastando habitats característicos de pteridófitas (como é o caso de diversos locais na Mata Atlântica, principal domínio fitogeográfico de distribuição destes grupos) (BARROS, 2006), ou extraindo indivíduos de seus habitats em excesso [como acontece com a samambaia-preta - *Rumohra adiantiformis* (G.Forst.) Ching - e o xaxim - *Dicksonia sellowiana* Hook. - para uso ornamental] (SOUZA et al., 2006; LORENZI, 2015), há maneiras de preservá-las. Iniciativas de proteção e estudos ecológicos como no caso da samambaia-preta (*Rumohra adiantiformis*) na região Sul, cujas estratégias de manejo com os coletores da espécie já foram avaliadas em estudos etnobotânicos e possuem potencial de organização para a conservação da espécie na região (SOUZA et al., 2006; BALDAUF et al., 2007; RIBAS et al., 2007). O uso dessas espécies por populações humanas também pode alterar a distribuição das mesmas, conforme são cultivadas e disseminadas para usos diversos, e é relevante reconhecer o papel humano e o envolvimento cultural nessas dinâmicas. Ainda, assim como ocorre com outros grupos vegetais, as espécies de pteridófitas têm profunda conexão com as populações humanas, e sua relação com as comunidades atravessa diversos campos de uso e de relevância simbólica, com importância cultural e econômica no Brasil e no mundo, interessando ao campo de investigação da etnobotânica.

A etnobotânica é a ciência que estuda as inter-relações entre pessoas inseridas em seus determinados contextos culturais e as plantas de seu ambiente (ALBUQUERQUE, 2005). Este campo de estudo permite investigar não somente os usos em si dos organismos vegetais como também sua importância cultural e simbólica, e as relações e trocas que existem entre as populações e os organismos vegetais utilizados por elas. As pteridófitas são um grupo amplamente utilizado por populações humanas no mundo, ainda que de maneira diminuta em comparação com outras vasculares, com registros na maior parte das farmacopeias, ou como alimentícias, ritualísticas e ornamentais, tendo inclusive um alto potencial de usos ainda inexplorados (BARROS et al., 2006; MANNAN et al., 2008; REINALDO et al., 2015; SCARPA e CASSA, 2015). Há registros para o uso de diversas partes do esporófito dessas plantas, como das frondes, raízes e brotos. O Brasil, com sua considerável diversidade de espécies como descrito acima, não é exceção a esse cenário, apresentando registros de uso em diferentes regiões, culturas, e momentos da história do país (PIO CORREA, 1926; BRASIL, 2006; OLIVEIRA et al. 2009; PECKOLT e PECKOLT, 2016).

Entre as categorias de uso das pteridófitas, as mais proeminentes e bem registradas na literatura são as de uso ornamental e medicinal. Quanto às medicinais, estão amplamente documentadas em farmacopeias populares e investigações etnobotânicas, e outras tantas com compostos ativos de uso potencial (SANTOS, 2010). Um dos casos mais emblemáticos de uso no Brasil é a “cavalinha”, nome popular utilizado para designar diversas espécies do gênero *Equisetum* L., como *E. arvense* L. (CARNEIRO et al., 2013) e *E. giganteum* L. (também denominado *E. pyramidale* Goldm.) (LOPES, 2010; FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022), que são utilizadas com efeitos antimicrobianos, antioxidantes, analgésicos, antidiabéticos, anti-inflamatório, diurético, digestivo e para o tratamento de problemas gastrointestinais (BARROS et al., 2007; WRIGHT et al., 2007; LOPES, 2010; CARNEIRO et al., 2013). *Equisetum arvense* tem seu uso como planta medicinal regulado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e é a única espécie de pteridófitas a aparecer na lista de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de Saúde (SUS) - RENISUS (BRASIL, 2021). Existe, no entanto, registro de toxicidade e contra-indicações de uso deste gênero, por causar deficiência de tiamina (vitamina B1) pela presença de tiaminase (CARNEIRO et al., 2013; RIET-CORREA et al., 2017), podendo gerar efeitos colaterais da diurese que tornam seu uso não recomendável para pessoas com deficiência renal e cardiovascular e provocar algumas reações alérgicas (CARNEIRO et al., 2013), sendo tóxica também para animais de criação (TOKARNIA, 2012). Outras espécies de uso terapêutico popular expressivo e que são reportadas como medicinais incluem *Adiantum raddianum* C. Presl. - utilizada para tratar tosse, resfriados, náuseas, febre e outras aflições diversas, com presença de triterpenos aos quais são atribuídas atividade analgésica e antimicrobiana (REINALDO et al., 2018) - *Selaginella convoluta* (Arn.) Spring - também é utilizada para tratamento de febres e dores (REINALDO et al., 2015) - *Blechnum occidentale* L. - com efeito analgésico e anti-inflamatório (NONATO et al., 2009; REINALDO et al., 2015) - e *Palhinhaea cernua* (L.) Franco & Vasc. [também denominada *Lycopodiella cernua* (L.) Pic.Serm.] - diurética e anti-inflamatória (SANTOS, SYLVESTRE, 2006; TEIXEIRA et al., 2015).

O uso ornamental também apresenta uma abundância de registros, já que pteridófitas são comercializadas no circuito convencional (floriculturas e mercados) no Brasil e no mundo, além de serem utilizadas por comunidades tradicionais e rurais. Algumas das espécies descritas como ornamentais incluem a avenca (*Adiantum raddianum*) (LORENZI, 2015; REINALDO et al., 2018), a samambaia-preta (*Rumohra adiantiformis*) (SOUZA et al., 2006; LORENZI, 2015), o chifre-de-veado [*Platyserium bifurcatum* (Cav.) C. Chr.] (SANTOS-SILVA, 2020), o

xaxim (*Dicksonia sellowiana*) (LORENZI, 2015) entre muitas outras. Por vezes, o uso ornamental de pteridófitas pode tornar-se prejudicial para a conservação da espécie, como acontece em certos locais com a samambaia-preta, cuja pressão de mercado motiva o extrativismo em excesso (SOUZA et al., 2006), mas em geral é comum que as espécies mais usadas sejam cultivadas, e não coletadas.

Além disso, pteridófitas também têm potencial de uso alimentício (MANNAN et al., 2008), como é o caso de *Pteridium aquilinum sensu lato*¹, que no Brasil, em especial no estado de Minas Gerais (ULIAN et al., 2010), é bastante consumido, apesar de também apresentar toxicidade, com alta concentração de toxinas nos brotos que são a parte consumida (ULIAN et al., 2010; LORENZI, 2011). Existem ainda usos ritualísticos e para curas espirituais (ALBUQUERQUE, 2007; SÁTIRO et al., 2020), especialmente em religiões de matriz africana [como é o caso de *Lygodium venustum* Sw. - “abre-caminho”, *Selaginella convoluta* - “jericó” e *Phlebodium decumanum* (Willd.) J.Sm. que, assim como outras espécies na tradição, denomina-se simplesmente “samambaia”] (SÁTIRO et al., 2020). Existem ainda outros usos, como artesanais ou cosméticos, e usos potenciais a serem investigados (farmacológicos, químicos, tecnológicos, ou mesmo outras espécies dentro de usos já citados). Algumas, ainda, aparecem listadas como tóxicas, como é o caso para algumas espécies do gênero *Equisetum* e de *Pteridium aquilinum s.l.*, como já relatado acima.

Apesar da relevância de uso destas plantas em todos os campos acima descritos, as pteridófitas têm sido sub-representadas em estudos etnobotânicos e farmacológicos (REINALDO et al., 2015), e muitos autores relatam a falta de informações ou estudos detalhados sobre estes táxons nas diversas áreas em que estão inseridos (MACEDO e NONATO, 2009; REINALDO et al., 2015; DELLA e FALKENBERG, 2019). Na etnobotânica, eles costumam ser incluídos em listagens de estudos generalistas, que consideram todo e qualquer grupo vegetal citado, o que acaba reduzindo a expressividade de pteridófitas mencionadas frente a outros grupos de plantas vasculares, em parte por sua proporção menor de diversidade (no Brasil, por exemplo, são 1.407 espécies de pteridófitas frente às mais de 35 mil angiospermas), em parte pela maneira como é conduzida a coleta de dados sobre essas

¹ *Pteridium aquilinum* está registrado como s.l. em todo este trabalho, já que é mencionada nas fontes como presente na natureza no Brasil. No entanto, atualmente a espécie é considerada exótica. O nome, porém, continua sendo recorrentemente utilizado, e de maneira ampla abarca diversas espécies do gênero *Pteridium* que não poderiam ser rastreadas individualmente a partir da análise das fontes desse levantamento, como *Pteridium caudatum* (L.) Maxon e *Pteridium arachnoideum* (Kaulf.) Maxon)

espécies, e também pela percepção que a população tem do seu potencial de uso (REINALDO et al., 2015). Além disso, muitas das citações de uso de pteridófitas são antigas, e ao longo dos anos esses grupos passaram por diversas atualizações e alterações nomenclaturais (PRYER, 2004; PPG I, 2016), em especial levando em conta o avanço nas pesquisas de sistemática molecular, o que faz com que seja mais difícil rastrear o uso dessas espécies ao longo do tempo e a compilação de listagens mais compreensivas.

Sendo assim, o panorama atual sobre a etnobotânica de pteridófitas no Brasil é difuso e de difícil acesso e compreensão, já que não existe até o momento uma revisão etnobotânica no país, como ocorre em outros locais - como Argentina (SCARPA e CASSA, 2015), Ucrânia (MINARCHENKO et al., 2017) e Sri Lanka (RANIL e BUSSMANN, 2021) - ou para usos específicos - como é o caso de Muhammad et al. (2020), que discute os usos medicinais de samambaias pelo mundo - e existem poucas publicações sobre o uso humano com foco específico neste grupo, tanto no Brasil - como é o caso de Barros e Andrade (1997), Macedo e Nonato (2009) e Reinaldo et al. (2015) - como em outros países - por exemplo, em Liu et al. (2012), na China, ou Sujarwo et al. (2014), na Indonésia. Os dados, portanto, acabam dispersos entre publicações diversas que compreendem o uso de plantas vasculares no geral, dificultando o acesso à informação sobre o uso humano de pteridófitas.

A execução deste trabalho registra, agrupa e analisa os dados de uso destes grupos no Brasil, observando sua relevância cultural, sua distribuição e a maneira como são utilizados. Pretende-se aqui investigar esses dados a partir de uma perspectiva etnobotânica, costurando os diferentes aspectos taxonômicos, biológicos e ecológicos com aqueles intrínsecos à cultura e suas alterações ao longo da história. Para isso, serão investigados tanto estudos de caráter etnobotânico propriamente dito, quanto dados gerais sobre o uso dessas espécies, incorporando outras informações que acrescentem à discussão sobre o assunto conforme disponíveis e necessárias. Esses dados podem ser fundamentais para a compreensão futura da conservação e o potencial de uso econômico destas espécies, além de compreender os fatores que as tornam importantes para grupos humanos e como e porque seus usos foram se alterando ao longo do tempo e nas diferentes áreas do país. Se faz necessário também observar estes dados como um panorama geral a respeito das pteridófitas, para ter uma melhor compreensão de pontos que ainda não foram explorados e lacunas a serem preenchidas no conhecimento sobre essas espécies e seus usos no Brasil.

2. Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa foi de reunir, organizar e analisar dados sobre os registros etnobotânicos das pteridófitas em todo o Brasil, através da revisão bibliográfica de dados da literatura, a fim de compreender como as espécies de plantas desse grupo taxonômico são utilizadas pelas populações humanas no país.

A partir desta proposição, os objetivos específicos foram:

- Relacionar as espécies utilizadas por populações humanas no Brasil compilando-as em uma listagem;
- Verificar os registros taxonômicos e atualizar a nomenclatura científica das espécies;
- Registrar os diversos usos e potenciais usos etnobotânicos relacionados às espécies encontradas;
- Verificar a distribuição geográfica e étnica das plantas utilizadas por populações humanas;
- Observar qual a relação entre o número de pteridófitas nativas e exóticas que são utilizadas por populações humanas;
- Investigar, quando estiverem disponíveis, dados de composição química e outros disponíveis na literatura que possam interferir em seus usos potenciais;

3. Metodologia

3.1. Pesquisa bibliográfica e coleta de dados

A metodologia de pesquisa escolhida para esta pesquisa foi de revisão bibliográfica, que consiste em buscas a partir de material tratado, em especial livros e artigos científicos, permitindo a realização de buscas de maneira ampla territorial e temporalmente, possibilitando esta análise a nível nacional e através da história (GIL, 2008). Os dados desta dissertação foram coletados entre março de 2020 e dezembro de 2021, período em que não houve a possibilidade de coleta de dados a campo (como por exemplo, de dados documentais em arquivos, herbários, mercados, floriculturas e outros) nem visitas às bibliotecas locais que estavam fechadas devido à crise sanitária ocasionada pela pandemia de COVID-19. Sendo assim, durante todo o período as consultas foram realizadas através da internet e em livros e materiais disponíveis em acervos pessoais da autora e respectivos orientadores.

A pesquisa bibliográfica foi realizada através de buscas em revistas e periódicos nos bancos de dados virtuais Scielo (<https://scielo.org/>), LILACS (<https://lilacs.bvsalud.org/>) e Scopus (<https://www.scopus.com/>), utilizando 21 termos de busca distintos (Etnobotânica, Etnobotânica Brasil - Samambaias, Etnobotânica samambaias, Etnobotânica samambaia, Etnobotânica ornamental, Etnobotânica alimentícias, Etnobotânica indígena, Etnobotânica pteridófitas, Etnobotânica quilombola, Etnobotânica urbana, Plantas ornamentais, Plantas alimentícias Brasil, Plantas candomblé, Plantas de uso etnobotânico Brasil, Plantas de uso religioso, Plantas medicinais Brasil, Plantas ornamentais Brasil, Plantas ritualísticas Brasil, Plantas umbanda, Plantas úteis Brasil, Pteridófitas ornamentais), aplicados em cada uma das plataformas de busca e buscados em português e inglês. Foram considerados trabalhos publicados até 31 de dezembro de 2021, sem limite de início para o período de publicação das fontes, pois foram considerados também dados ao longo de toda a história do Brasil, conforme fossem encontrados nas buscas. As fontes selecionadas precisavam abranger dados registrados para o território brasileiro, conter em suas listagens no mínimo uma espécie de pteridófito e ao menos uma categoria de uso para estas, mesmo quando não especificados ou listados de maneira vaga (p.ex. “outros”, “não informado”). Foram coletados tanto trabalhos que continham dados primários como revisões bibliográficas, levando em consideração que os dados dessas revisões não estivessem sobrepostos aos de fontes já citadas nesta dissertação. Para cada revisão foi realizada uma conferência rigorosa a fim de respeitar essa condição. As fontes foram listadas na Tabela 1.

3.2. Complementação e tratamento de dados

Os trabalhos selecionados incluem aqueles exclusivamente sobre pteridófitas e também aqueles de dados gerais que incluem outras plantas vasculares. Todas as espécies vasculares encontradas nas fontes foram contadas, a fim de realizar uma análise comparativa de citações entre esses grupos, avaliando a proporção de pteridófitas frente a outras espécies vasculares nas fontes. As espécies de pteridófitas foram revisadas em maior detalhamento, na amplitude de fatores que as cercam: quanto à origem (nativas ou exóticas - incluindo exóticas cultivadas e naturalizadas), usos etnobotânicos, ocorrência das espécies na natureza e dos grupos que as utilizam, quem são esses grupos humanos e, quando existentes e relevantes, dados de conservação e ecologia das espécies e descrições de perfil químico. Os registros de espécies de pteridófitas e dados a seu respeito estão compilados em uma listagem (Tabela 2).

Os usos e dados de grupos humanos que as utilizam foram retirados diretamente das fontes. Os dados de distribuição geográfica incluíram dados retirados das fontes (para delimitar locais em que essas espécies são utilizadas) e dados sobre a ocorrência natural das espécies no território brasileiro e sua origem (nativas ou exóticas), que foram obtidos na Flora e Funga do Brasil (2022). Informações de conservação e composição química foram registradas quando disponíveis nas fontes, e consultadas também em artigos e livros complementares quando necessário e quando disponíveis para complementar a discussão dos dados. Dados documentais também foram coletados quando disponíveis para complementar a discussão. Estes diferem de dados bibliográficos porque observam apenas materiais sem tratamento analítico (como documentos governamentais ou históricos, legislação relacionada, reportagens, sites e outros) como fonte de dados para análises posteriores (GIL, 2008).

Os usos etnobotânicos foram categorizados a partir das descrições dos autores. Para quantificação e análise dos diferentes tipos de usos, estes foram categorizados em usos medicinais, ornamentais, de potencial ornamental, ritualísticos, alimentícios, outros (categoria que abrange citações de demais usos infrequentes ou inconsistentes, como artesanais ou aromáticos, por exemplo) e não informados/não especificados pelos autores. Foi necessário criar essa distinção de categoria de potencial ornamental devido a citações imprecisas nos seis volumes da obra de Pio Corrêa (1926, 1931, 1952, 1969, 1974, 1975). O autor agrupa as espécies sob seus nomes populares e às vezes descreve todas sob o mesmo nome como ornamentais, ao invés de descrevê-las individualmente. Ele provavelmente menciona esse uso pelo potencial ornamental das espécies, às vezes como uma opinião pessoal, sem que elas de fato fossem utilizadas pela população, e por isso foram agrupadas em uma categoria distinta. Além disso, os usos medicinais também foram registrados como no material original e categorizados a partir das descrições dos autores dos trabalhos, observando como estes se incluem dentro das categorias da 11ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças - CID 11 (WHO, 2019), e contabilizados para análise e discussão. As espécies citadas como tóxicas também foram registradas e analisadas na discussão.

A fim de garantir que os dados taxonômicos a respeito das espécies listadas estavam corretos, na revisão bibliográfica foram escolhidos apenas estudos que continham na metodologia a revisão sistemática das espécies por pelo menos uma via considerada válida aqui - consulta a especialistas, revisão em herbários, revisão através de material de herbários ou

revisão através de literatura especializada. Os nomes populares mencionados foram transcritos conforme estavam registrados nas fontes e incluídos nas análises.

3.3. Atualização nomenclatural

Foi realizada uma ampla atualização nomenclatural a respeito das espécies registradas na revisão bibliográfica. As espécies foram revisadas e atualizadas a partir da Flora e Funga do Brasil (2022) (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>) como fonte primária, consultando outras bases de dados para esclarecimento quando necessário, como o Global Biodiversity Information Facilities - GBIF (<https://www.gbif.org/>), Tropicos (<https://www.tropicos.org/home>) e Species Link (<https://specieslink.net/>). O sistema taxonômico utilizado na organização da lista segue o PPG I (Pteridophyte Phylogeny Group) (PPG I, 2016). As espécies foram revisadas em conjunto com o Professor Dr. Felipe Gonzatti, especialista no grupo.

Para compor a listagem final (Tabela 2) de plantas de uso etnobotânico no Brasil foram selecionadas aquelas que puderam ser precisamente reconhecidas até o nível de espécie, e que de fato eram espécies nativas ou cultivadas no Brasil, ou exóticas sobre as quais pudesse ser feita alguma inferência sobre o uso em território nacional. Táxons cuja identificação não atendeu a estes critérios (não possuindo registros nos bancos de dados consultados ou na literatura, com registro confuso, sem grafia ou autor que pudessem ser rastreados, identificadas somente até o gênero ou cuja utilização nunca tenha sido registrada no Brasil - sendo assim provavelmente identificadas de maneira errônea), foram retiradas da listagem final de plantas de uso etnobotânico. No entanto, esses registros de táxons não confirmados não foram descartados deste trabalho, mas registrados separadamente em uma listagem adicional (Tabela 3) juntamente com seus usos e nomes populares associados.

4. Resultados e discussão

Através da pesquisa bibliográfica foram encontrados mais de 28 mil resultados em investigações online, nos mecanismos de busca e acervos próprios da autora e orientadores, incluindo artigos científicos, dissertações, teses e livros (somando todos os resultados dos mecanismos de busca, sem descontar as sobreposições). Ao fim da busca, e seguindo os critérios estabelecidos, foram registradas 124 fontes contendo espécies de pteridófitas. Essas fontes abarcam 702 citações de espécies válidas (ou que foram atualizadas para nomes válidos) que se referem a 367 espécies de pteridófitas (Tabela 2). Outras 118 citações de táxons não confirmados (não identificados até o nível de espécie ou identificadas erroneamente nas fontes),

estão apresentadas separadamente na Tabela 3. Com isso, são 820 citações no total. Das 124 fontes encontradas, 116 são de dados primários e oito são trabalhos de revisão ou compilações que abrangem dados de publicações diferentes. As diferentes fontes estão distribuídas entre as cinco regiões do país: 18 se referem a várias regiões ao mesmo tempo, e as demais distribuídas na região Sudeste (29 estudos), Sul (25), Nordeste (23), Centro-Oeste (22) e, por fim, Norte (7).

Foram encontradas fontes de épocas variadas, mas a maior parte (100 de 124) foram publicadas ou se referem a dados coletados depois do ano de 2000. Outras cinco são parte das revisões e se referem a dados anteriores e posteriores a esse período, e as 19 restantes se referem a dados anteriores aos anos 2000. Algumas destas apresentam dados referentes a trabalhos dos séculos XVI (GIORGETTI et al., 2007), XVII (GIORGETTI et al., 2007; RODRÍGUEZ et al., 2020), XIX (GIORGETTI et al., 2007; MEDEIROS et al., 2010; DE BRITO et al., 2015; FAGG et al., 2015; RICARDO et al., 2017) e XX (BRANDÃO et al., 2006; BRANDÃO et al., 2008), embora tenham sido publicados mais recentemente. As demais publicações compreendem um compêndio de 1888 atualizado recentemente (PECKOLT & PECKOLT, 2016), os seis volumes do “Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas” (PIO CORRÊA, 1926; 1931; 1952; 1969; 1974; 1975), três publicações dos anos 1980 (BRANCH & SILVA, 1983; GUEDES et al., 1985; GRANDI et al., 1989) e o livro “Pteridófitas Medicinais” (BARROS & ANDRADE, 1997). Apesar de representar somente 19 das 124 fontes, os dados nestes trabalhos com dados referentes ao período anterior ao ano 2000 representam mais de dois terços das citações encontradas neste levantamento (562 das 820 totais).

4.1. Famílias e espécies de pteridófitas mais utilizadas

O Brasil possui uma diversidade de 1.407 espécies de pteridófitas (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022). Dessas, 367 aparecem neste levantamento, representando mais de um quarto (26%) da biodiversidade de pteridófitas disponível no país. Destas, 37 são licófitas e as demais 330 monilófitas. 327 das 367 totais são nativas, e as demais espécies (40) são exóticas, sendo que dentre estas, dez são descritas como cultivadas na Flora e Funga do Brasil (2022), e outras três como naturalizadas. As outras 27 aparecem sob a classificação “Não ocorre no Brasil”, mas foram mantidas na lista gerada neste trabalho por apresentarem descrição de uso ou comercialização em território nacional, ou registro de coleta no país disponível na plataforma SpeciesLink Herbário Virtual. Assume-se também que as espécies listadas na Flora e Funga do Brasil possuem algum tipo de registro de presença no território nacional, mesmo quando listadas como exóticas.

As 1.407 espécies brasileiras de pteridófitas estão incluídas em 39 famílias, das quais 34 estão representadas neste levantamento. As famílias com maior número de usos citados são Pteridaceae e Polypodiaceae (151 e 93 citações, respectivamente), seguidas por Equisetaceae (61), Dryopteridaceae (50) e Cyatheaceae (43). Quanto ao número de espécies, no entanto, Pteridaceae e Polypodiaceae ainda são as famílias mais expressivas (84 e 43 espécies respectivamente), seguidas por Dryopteridaceae (39), Aspleniaceae (29) e Anemiaceae (23). Essas proporções acompanham as famílias que mais ocorrem no país, já que essas são representadas por Pteridaceae (207 das 1.407), Dryopteridaceae (192) e Polypodiaceae (173).

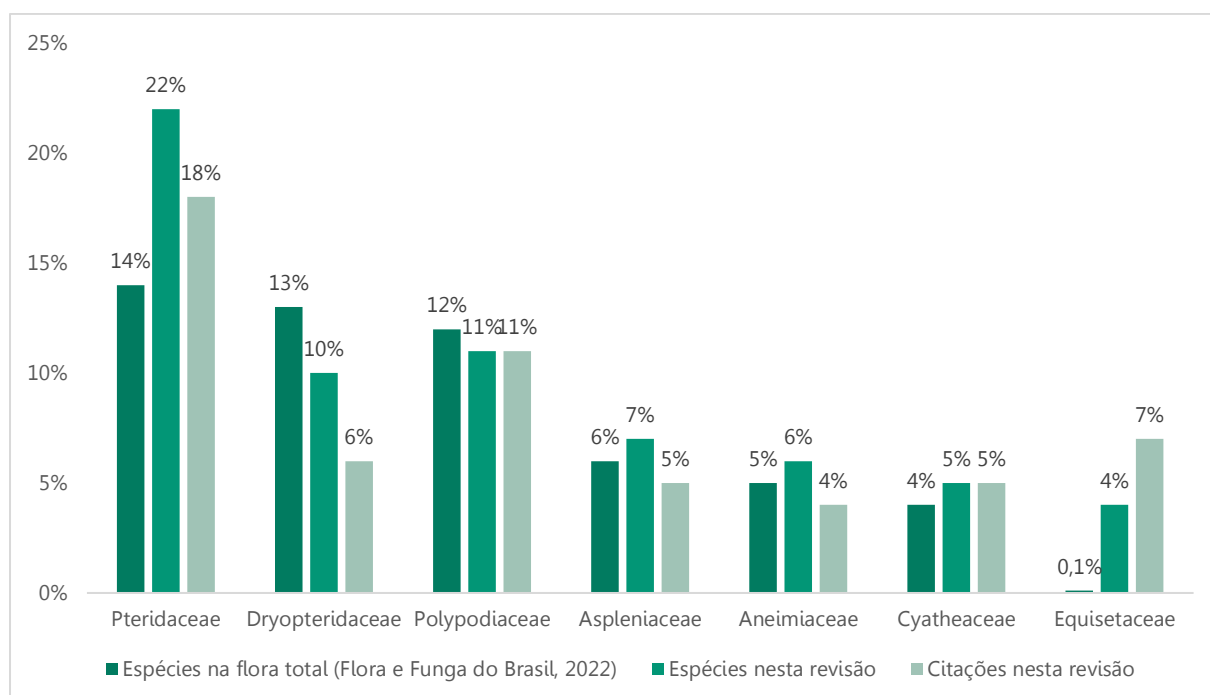


Figura 1: Comparação entre as famílias mais bem representadas na flora total de espécies no Brasil (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022), as espécies mais bem representadas nesta revisão e as espécies mais citadas aqui.

Já as espécies mais citadas neste levantamento são *Equisetum giganteum* (com 27 citações), *Adiantum raddianum* (23), *Equisetum hyemale* (22), *Pteridium aquilinum s.l.* (19), *Phlebodium decumanum* (15), *Selaginella convoluta* (14), *Equisetum arvense* (11), *Lygodium volubile* Sw., *Microgramma vacciniifolia* (Langsd. & Fisch.) Copel. e *Adiantum capillus-veneris* L. (todas com nove citações cada).

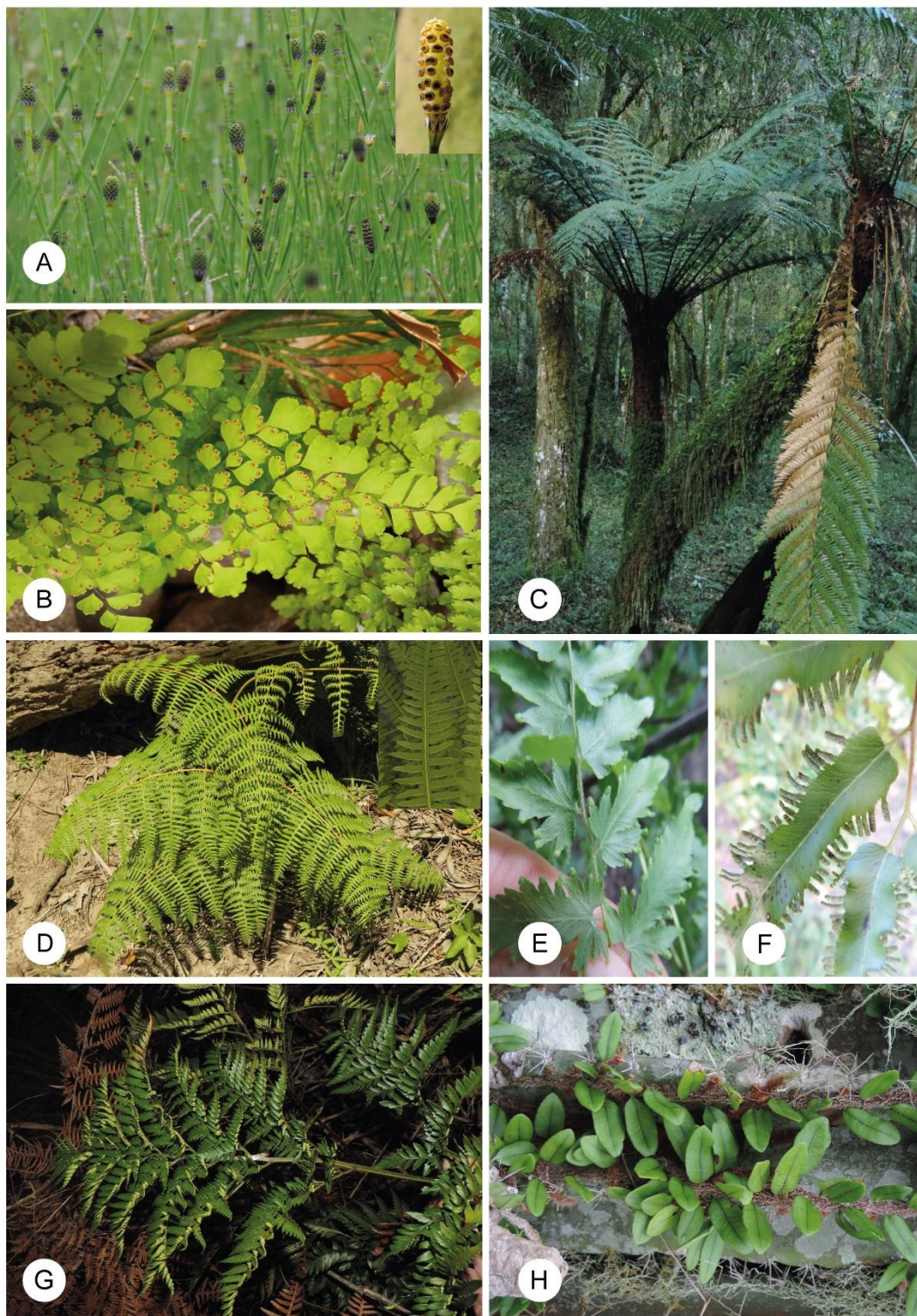


Figura 2: Diversidade de pteridófitas incluindo algumas das mais citadas neste trabalho. A = *Equisetum giganteum*; B = *Adiantum raddianum*; C = *Dicksonia sellowiana*; D = *Pteridium aquilinum* s.l. (*Pteridium arachnoideum*); E = *Lygodium venustum*; F = *Lygodium volubile*; G = *Rumohra adiantiformis*; H = *Microgramma vacciniifolia*. Arquivo pessoal - Felipe Gonzatti.

4.2. Questões geográficas e étnicas

A ocorrência das 327 espécies nativas encontradas neste levantamento também contempla as cinco regiões do país. A Região Sudeste é a mais bem representada, contando com em torno de 82% das espécies de pteridófitas registradas neste levantamento (269 espécies). Em seguida, aparecem as Regiões Nordeste, com 65% (213), Sul com 62% (205), Centro-Oeste com 54% (177) e, por fim, Norte, com 53% (173). É preciso ressaltar que a soma dos números não corresponde a 100% porque os valores são calculados relativamente às 327 espécies de pteridófitas nativas, e a maior parte delas ocorre em mais de uma região do país.

Quando se observa o total de espécies de ocorrência natural na biodiversidade brasileira de forma geral, no entanto, a Região Sudeste é ainda a mais representada (possui em torno de 64% das espécies que ocorrem na natureza, com 913 das 1.407), enquanto a Região Norte, menos representada neste levantamento, é a segunda mais expressiva, com 45% das espécies da flora natural (633). Isso pode indicar de fato que um menor número de espécies existentes é utilizado pelas populações no Norte, mas também pode estar relacionado à menor proporção de estudos apresentados aqui para esta região. Enquanto 29 estudos descrevem usos na Região Sudeste, apenas 7 descrevem os da Região Norte. A discrepância de concentração por regiões nas fontes consultadas segue aqui um padrão comum de outros trabalhos etnobotânicos, em que os registros estão concentrados em especial na região Sudeste e Nordeste (RITTER et al., 2015) (muito embora aqui se inclua também a região Sul), e em áreas mais urbanizadas, que acabam concentrando mais centros de pesquisa e universidades, e cujo costuma ser mais facilitado aos pesquisadores. É importante levar essa diferença em conta quando analisando os dados, já que muito provavelmente essa disparidade gera uma lacuna nas informações disponíveis, podendo haver várias espécies a serem registradas e investigadas em futuros levantamentos na região Norte e em outras onde há menos levantamentos etnobotânicos.

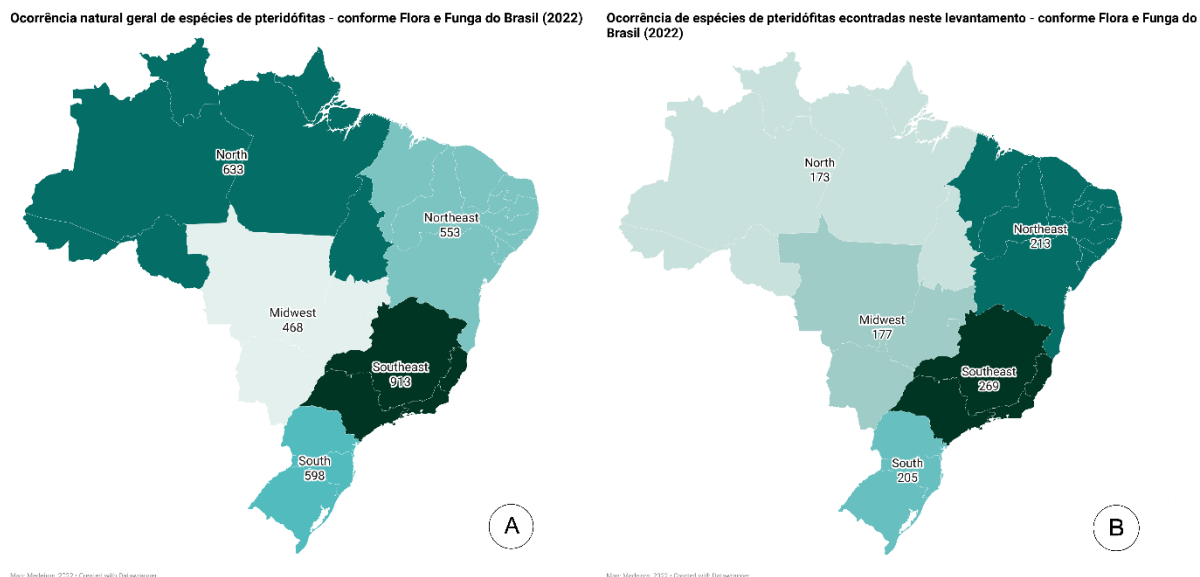


Figura 3: A: Mapa com a ocorrência natural de todas as espécies de pteridófitas no país. B: Mapa da ocorrência de espécies encontradas neste levantamento nas diferentes regiões do país, conforme Flora e Funga do Brasil (2022).

Quanto à distribuição de pteridófitas nos domínios fitogeográficos, a maior riqueza está presente na Mata Atlântica (262 espécies), seguida pela Amazônia (139), Cerrado (121), Pampa (56), Pantanal (32) e Caatinga (29). A distribuição geral das espécies na natureza acompanha um padrão semelhante, com a mesma ordem de domínios fitogeográficos em quantidades absolutas de diversidade - 942 espécies na Mata Atlântica, 575 na Amazônia, 318 no Cerrado, 119 no Pampa, 64 no Pantanal e 55 na Caatinga (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022).

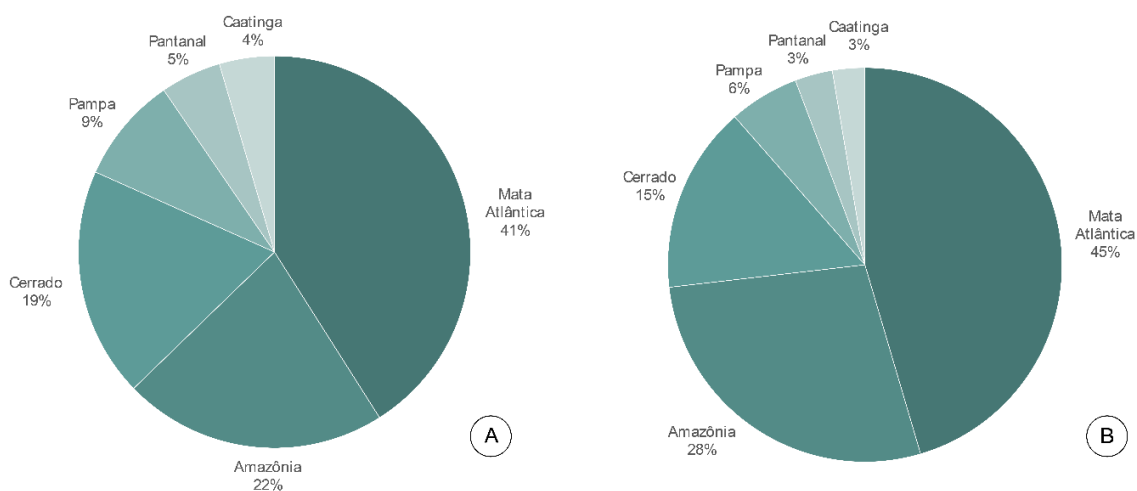


Figura 4: A: Ocorrência de todas as espécies de pteridófitas nativas do Brasil por Domínio Fitogeográfico. Fonte: Flora e Funga do Brasil (2022). B: Ocorrência de espécies de pteridófitas nativas do Brasil encontradas neste levantamento por Domínio Fitogeográfico.

Os dados a respeito da etnicidade dos grupos que aparecem nas 124 fontes levantadas indicam que a maior parte dos trabalhos não são referentes a comunidades tradicionais. Dentre as fontes, 63 se referem a grupos de moradores da zona rural ou urbana de cidades, geralmente em levantamentos feitos em algum bairro, cidade ou região específica. Outras 37 fontes, ainda, são referentes a dados não homogêneos, quando não é possível precisar as populações colaboradoras, seja porque eram dados de trabalhos históricos que não mencionam nenhum grupo específico como colaborador ou porque estão inclusos nas fontes que são revisões de outros trabalhos. Assim, restam 24 fontes cujos grupos de colaboradores foram bem delimitados pelos autores com um perfil específico, incluindo: quilombolas (7 fontes), raizeiros (3), curandeiros (3), indígenas (2), caiçaras (2), pescadores artesanais (2), ribeirinhos (2), integrantes de religiões de matriz africana (2) e assentados da reforma agrária (1).

4.3. Categorias de uso

Dentre as 367 espécies (em 702 citações de táxons) da listagem final, foram obtidas 784 diferentes citações de uso. Os usos mais documentados foram de espécies medicinais (289 citações de uso), seguidas pelas de potencial ornamental (165), ornamentais (129) ritualísticos ou religiosos (13 citações), alimentícios (11 citações) e outros (70 citações). Esta última categoria abrange usos infrequentes ou menos consistentes em sua descrição, como de uso cosmético, aromático, ou agrônômico, por exemplo. Ainda, 108 das menções eram de uso não informado, ou seja, espécies que estavam listadas como utilizadas de alguma forma, mas sem descrever como. Esta seção se destina a discutir em detalhe cada uma dessas categorias etnobotânicas, investigando usos específicos e táxons mais relevantes dentro de cada um deles.

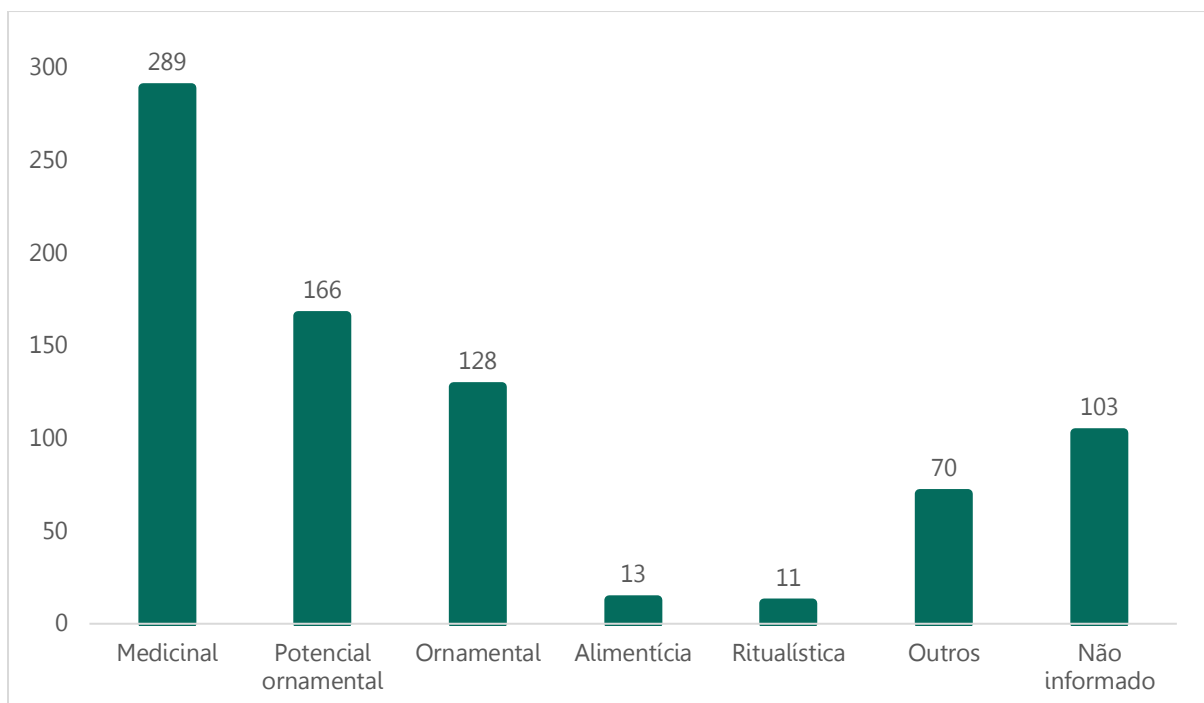


Figura 5: Categorias de uso mais frequentes registradas neste levantamento.

4.3.1. Uso medicinal

As espécies de uso medicinal constituem a categoria de uso mais expressiva, com 289 citações, representando 110 das 367 espécies registradas. É importante levar em conta, no entanto, que 60% das 124 fontes consultadas - 75 - (Tabela 1) são trabalhos que avaliam exclusivamente o uso de plantas medicinais, ou tem foco voltado também para o uso delas (avaliam somente plantas medicinais e ritualísticas, por exemplo), padrão que acompanha o dos estudos etnobotânicos em geral (RITTER et al., 2015). De qualquer modo, é uma categoria de extrema relevância dada a sua expressividade e a diversidade do registro de espécies de pteridófitas utilizadas para esse fim no Brasil e no mundo. As pteridófitas já possuem registro de uso na medicina tradicional ao longo da história, compreendendo usos diversos (HO et al. 2011), e esta compilação de dados levantados para usos medicinais evidencia um potencial ainda maior de investigação tanto para dados etnobotânicos quanto para o uso farmacêutico dessas espécies. Algumas têm sua composição química bem descrita, mas a maior parte ainda carece de investigação, no entanto, se sabe que o grupo apresenta riqueza de metabólitos secundários, principalmente terpenóides, compostos fenólicos, flavonóides e alcalóides, mas não limitados a estes (HO et al. 2011), cujo uso medicinal pode ser explorado.

Plantas medicinais são, provavelmente, a principal fonte de tratamentos na medicina popular, e tem seus usos aplicados tanto para doenças físicas e/ou já registradas pelo sistema biomédico quanto aquelas de caráter espiritual ou cultural, que tem significados simbólicos ou

que se sobrepõem por vezes com as plantas de uso ritualístico. O levantamento dos dados específicos de uso reflete essa realidade, incluindo esses usos místicos, outros que não possuem uma definição tão específica (como sintomas de dor generalizada, coceiras em geral, feridas em geral) e ainda aquelas curas que não são bem uma definição, mas que expressam a intensidade do poder curativo dessas plantas para a tradição popular (como por exemplo, definir seu uso como “milagrosa” ou “cura até câncer”).

No geral, porém, os usos medicinais puderam ser categorizados conforme o CID-11 (WHO, 2019) e é possível observar padrões no uso das pteridófitas levantadas aqui. As 289 citações de usos medicinais contém 479 descrições de usos distribuídos entre as espécies, e dessas descrições somente 57 não foram especificadas. A maior é para o tratamento de doenças do sistema respiratório (79); seguidas por doenças do sistema genitourinário (77); sintomas clínicos não classificados (69); doenças infecciosas ou parasitárias (43); doenças do sistema digestivo (33); doenças do sistema musculoesquelético e tecidos conectivos (19); causas externas de morbidade ou mortalidade (12); doenças endócrinas, metabólicas ou nutricionais (11); doenças do sistema circulatório (9); doenças do sistema nervoso (5); doenças da pele (5); gravidez, parto e puerpério (5); neoplasmas (4); condições mentais e do neurodesenvolvimento (3); ferimentos, envenenamento e outras causas externas (3); doenças sanguíneas (2); doenças de ouvido (1). Ainda, 38 descrições foram classificadas como indefinidas, já que não puderam ser classificadas conforme o CID, por serem definições muito amplas de medicamentos ou tratamentos (como “tônica”, “xarope”, “adstringente” ou “desobstruente”), que não indicam uma forma de ação bem delimitada. Quatro descrições, por fim, foram classificadas como medicinais para o tratamento de doenças místicas ou as chamadas “aflições espirituais”, porém sem especificação da maneira como são utilizadas. Essas aflições são classificadas como doenças no sistema de conhecimento tradicional, e muito embora nem sempre possuam sintomatologia bem delimitada no campo físico ou registros para a biomedicina ocidental, são doenças de relevância para as populações e com tratamentos associados a espécies vegetais definidas.

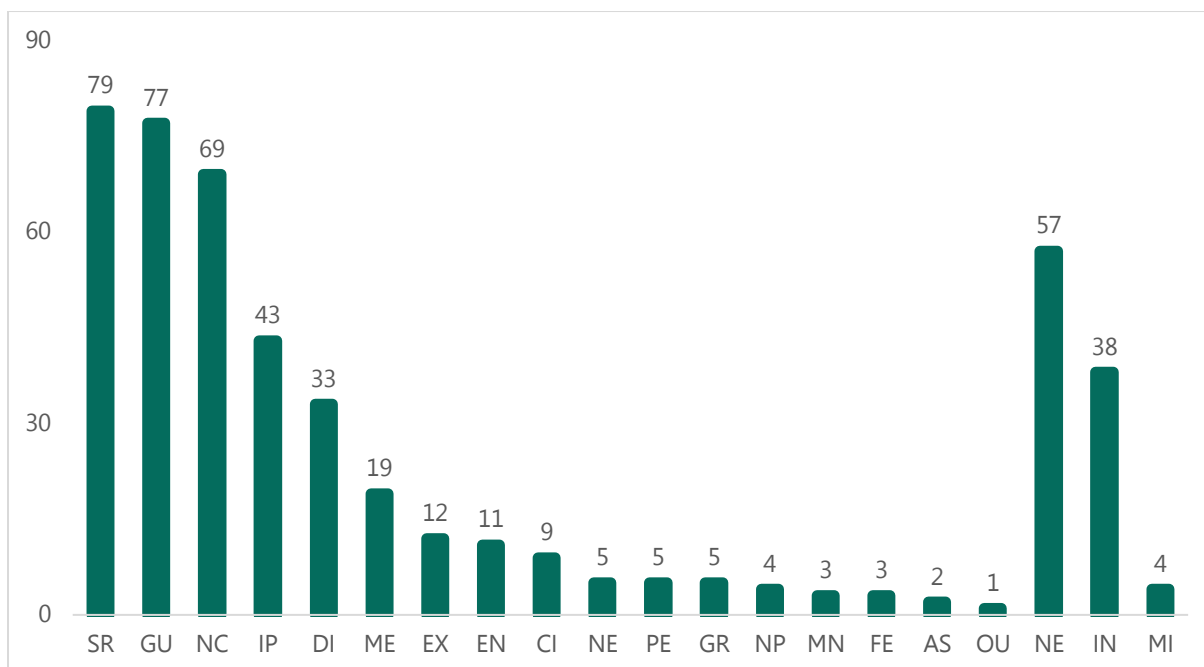


Figura 6: Frequência de citações de usos medicinais específicos. Legenda: SR = doenças do sistema respiratório; GU = doenças do sistema genitourinário; NC = sintomas clínicos não classificados; IP = doenças infecciosas ou parasitárias; DI = doenças do sistema digestivo; ME = doenças do sistema musculoesquelético e tecidos conectivos; EX = causas externas de morbidade ou mortalidade; EN = doenças endócrinas, metabólicas ou nutricionais; CI = doenças do sistema circulatório; NE = doenças do sistema nervoso; PE = doenças da pele; GR = gravidez, parto e puerpério; NP = neoplasmas; MN = condições mentais e do neurodesenvolvimento; FE = ferimentos, envenenamento e outras causas externas; SA = doenças sanguíneas; OU = doenças de ouvido; NE = uso não especificado; IN = uso indefinido; MI = místicas-medicinais.

As doenças do sistema respiratório, categoria mais abrangente, abarcam plantas usadas como expectorantes, indutoras da tosse, no tratamento de bronquites, “peitorais” e outras diversas. Aqui, se destacam as descrições para as famílias Pteridaceae (com 41 citações), Cyatheaceae (8) e Polypodiaceae (7). Já as doenças do sistema genitourinário compreendem tanto citações para tratamento de rins e bexiga e diuréticos (contendo a maior parte das citações desta subcategoria), como também condições relacionadas ao ciclo menstrual, doenças da próstata e outras mais. Aqui aparecem de forma destacada as espécies da família Equisetaceae (com 33 citações), Pteridaceae (14) e Lycopodiaceae (8). A categoria “Sintomas ou sinais clínicos não classificados”, referente ao capítulo 21 do CID-11, é a terceira que mais aparece, com 69 citações que se referem a sintomas generalistas, como “tratamento de dor”, “anti-inflamatória”, “febrífuga”, “tratamento de edemas” e outras mais que são tratamentos direcionados, mas cuja fonte da condição clínica não é específica (ao invés de “dor”, “dor de ouvido” ou “dor muscular” por exemplo). Para doenças do sistema digestivo, as mais proeminentes a aparecerem são as doenças do fígado, e no caso das doenças do sistema

musculoesquelético e tecidos conectivos o uso mais reportado foi antireumático. Parece também existir um padrão de uso entre as espécies, com diversas citações para a “limpeza” do organismo em geral, usando esse termo e citando também muitos usos diuréticos, expectorantes, desobstruentes e vomitivos.

Algumas espécies aparecem com usos muito bem delimitados, como é o caso de *Adiantopsis radiata* (L.) Fée (que aparece nas três ocasiões em que é mencionada como “peitoral”) ou *Microgramma lycopodioides* (L.) Copel. (indicada como diaforética e adstringente em todas as citações). Outras aparecem com diferentes usos ou usos não muito bem delimitados, tanto quando recebem muitas citações ou quando estão citadas apenas uma vez. É o caso de espécies como *Adiantum capillus-veneris* L. (cujos usos estão dispostos em oito categorias diferentes) ou *Phlebodium pseudoaureum* (Cav.) Lellinger (em quatro diferentes categorias de uso com apenas uma citação). É comum, em especial em fontes históricas, a menção a plantas reputadas como milagrosas, normalmente por sua amplitude de usos, como acontece com *Adiantum capillus-veneris*, conhecida como capilária e com xaropes e tônicos de mesmo nome registrados. Esse padrão de pouca especificidade costuma aparecer em dados de uso etnobotânico, e há registro desse fator ser comum em pteridófitas (HO et al., 2011).

Outros registros são indefinidos ou tem de ser vistos com cautela, por sua descrição com significados que são questionáveis, como é o caso, por exemplo, da expressão “cura até câncer”, muito provavelmente utilizada porque a planta abrange uma série de efeitos medicinais, às vezes somente para alguns sintomas, ou funciona como um tratamento altamente eficiente para alguma doença. Ainda, nos registros mais antigos aparecem termos inespecíficos como “adstringente”, “emoliente” ou “tônico” que podem ser usados para descrever diversos tipos de tratamentos, e foram inseridos na categoria “indefinidos”. Algumas condições também parecem datadas e caíram nessa categoria, como o uso “contra consequências nocivas dos sustos”. Para além dos termos mais antigos já obsoletos, aparecem também doenças para as quais o tratamento não cabe no contexto atual ou deve ser infrequente, como é o caso por exemplo da tuberculose, que apesar de não ter sido erradicada no Brasil, era muito mais presente no século passado, por exemplo.

As famílias que mais se destacam aqui acompanham o padrão geral deste levantamento, com Pteridaceae e Polypodiaceae com maior número de espécies presentes (30 e 18 espécies, respectivamente), seguidas por Selaginellaceae, com 10. Quando se leva em conta as citações, no entanto, o destaque vai para Equisetaceae, que apesar de possuir somente três espécies utilizadas, possui 53 diferentes citações de uso, mais até do que Polypodiaceae (46) e somente atrás de Pteridaceae (68).

As Equisetaceae também representam as espécies mais citadas como medicinais: *Equisetum giganteum* com 22 citações de uso, seguida por *Equisetum hyemale*, com 21. *Equisetum arvense* também aparece não muito atrás, com 10 citações. As espécies do gênero *Equisetum* são designadas pelo nome popular cavalinha e comumente comercializadas em mercados ou lojas de ervas sob esse mesmo nome. Há um amplo registro de seus usos e componentes químicos na literatura, sendo muito provavelmente o grupo mais bem documentado entre as pteridófitas neste sentido (BARROS et al., 2007; WRIGHT et al., 2007; LORENZI, 2008; LOPES, 2010; CARNEIRO et al., 2013; AL-SNAFI, 2017; CARNEIRO et al., 2019.). Seus usos são predominantemente diuréticos, mas aparecem neste levantamento e em outros trabalhos como tratamento para doenças dos rins e da bexiga, do sistema gastrointestinal, sistema cardiovascular, cicatrizante, antifúngico, expectorante, anti-hemorrágico e outros mais. *Equisetum giganteum* é a única espécie nativa das três, o que pode explicar o maior número de citações. Normalmente é utilizada na forma de chás, o que aparece aqui em algumas citações e na literatura (LORENZI, 2008). *Equisetum hyemale* é encontrada cultivada no Brasil, e por vezes também é comercializada para o uso de chás como cavalinha. Possui substâncias caracterizadas como anti-inflamatórias, antioxidantes e antimicrobianas (DE QUEIROZ et al., 2015). Já *Equisetum arvense*, apesar de ser também cultivada, é a única espécie não só do gênero, mas entre todas as pteridófitas, a aparecer na lista de plantas medicinais de interesse ao SUS (RENISUS), lista organizada pelo governo para direcionar pesquisas sobre estas espécies (BRASIL, 2021). A espécie tem diversos compostos descritos com efeitos antimicrobianos, hipotensores, antioxidantes, antidiabéticos e até anticancerígenos (MELLO e BUDEL, 2013; AL-SNAFI, 2017).

Em sequência aparece *Adiantum raddianum*, com 18 citações, estas mais voltadas para o combate de doenças do sistema respiratório, mas também contra artrite e reumatismo, entre outras funções. Também abarca as duas citações descritas como “cura até câncer” evidenciando sua reputação popular como um medicamento eficiente. Além dos registros presentes nas fontes coletadas aqui, é uma espécie marcadamente considerada eficaz na medicina tradicional, apesar de não ter sua eficácia e uso reconhecidos na legislação brasileira (REINALDO et al., 2018), assim como acontece com a maior parte das pteridófitas aqui listadas. Possui componentes químicos descritos na literatura e associados com seu uso medicinal, como filicene (Filic-3-ene), triterpeno associado com seus efeitos analgésicos, e outros triterpenos e de uso potencial (REINALDO et al., 2018), além de seu extrato também possuir comprovada ação antimicrobiana.

Pteridium aquilinum s.l. (13 citações) aparece nas fontes consultadas com uso predominante vermífugo, muito provavelmente associado com seus componentes tóxicos (ver seção 4.4), mas também como antirreumática, expectorante, diurética e contra a tuberculose. Seu uso como planta medicinal é amplamente documentado como vermífugo, e possui uso curativo tradicional em diversos locais do mundo, como na América do Norte e em locais da Ásia (VETTER, 2011). Há também registros de substâncias identificadas como antioxidantes e antimicrobianas para a espécie (KARDONG et al., 2013).

Selaginella convoluta (12 citações) tem uso mais generalista, aparecendo em tratamentos tanto para afecções do sistema respiratório como genitourinário, contra doenças infecciosas no geral e na categoria de sintomatologias não classificadas, como no tratamento de febres e dores no geral. *Phlebodium decumanum* (10 citações) apresenta essa mesma característica de uso de maneira ampla, mas para o tratamento de icterícia, afecções do fígado e do baço, dores generalizadas e reumatismo. Com nove citações, também de uso amplo, aparece *Adiantum capillus-veneris* L., que possui um certo destaque nas obras consultadas, em especial para dados mais antigos, por causa da capilária, medicamento produzido a partir desta planta, que era utilizado para diversos tratamentos. Está listada como vermífuga, diurética, peitoral, para o tratamento de angina no peito e outros tantos.

Outras espécies muito frequentemente citadas são *Microgramma vacciniifolia* (Langsd. & Fisch.) Copel. (8 citações); *Lycopodium clavatum* L. (7); *Cyathea microdonta* (Desv.) Domin e *Palhinhaea cernua* (6); *Gleichenella pectinata* (Willd.) Ching, *Lygodium venustum* e *Microgramma squamulosa* (Kaulf.) de la Sota (4); *Adiantopsis chlorophylla* (Sw.) Fée, *Adiantopsis radiata*, *Adiantum trapeziforme* L., *Asplenium serratum* L., *Dryopteris filix-mas* (L.) Schott, *Microgramma lycopodioides*, *Niphidium crassifolium* (L.) Lellinger, *Phlebodium aureum* (L.) J.Sm. e *Pityrogramma calomelanos* (L.) Link (3).

4.3.2. Uso ornamental

A categoria é a segunda mais representativa, com 85 espécies com esse uso registradas (129 citações). Se somado este valor com as espécies de potencial ornamental totalizariam 239 espécies, se tornando a categoria mais utilizada. Plantas ornamentais são aquelas que se destacam visualmente e são utilizadas por grupos humanos preenchendo e decorando espaços e permitindo o contato visual do ser humano com a natureza (LORENZI e SOUZA, 2001). Pteridófitas são valiosas espécies ornamentais, com uma grande diversidade de formas para compor folhagens, arranjos verdes em buquês, canteiros e espaços decorativos. As espécies ornamentais encontradas neste levantamento compreendem essa grande variedade de formas,

de espécies arborescentes como *Dicksonia sellowiana* e *Cyathea phalerata* Mart., a espécies diminutas ou delicadas como *Davallia fejeensis* Hook. ou *Selaginella exaltata* (Kunze) Spring.

A espécie com maior número de registros é *Adiantum raddianum*, com oito menções de uso ornamental. É conhecida popularmente como adianto, avenca, capilária, sapatinho-de-anjo e outras variações do nome “avenca”, e é também a planta mais comumente referida com este nome. Além dos usos medicinais descritos acima, é evidente sua importância ornamental. É uma espécie muito delicada com formato foliar diferenciado, comercializada amplamente e estudada pela horticultura, com técnicas de cultivo e propagação descritas (FUJINO & REID, 1983; AMAKI & HIGUCHI, 1990). Além disso, possui diversas variedades selecionadas para cultivo (BRICKELL, 2003).

Na sequência, com sete menções, aparece *Rumohra adiantiformis*, a samambaia-preta (ou calaguala, davália-bola, feto, renda-francesa, samambaia, samambaia-mansa). Essa é uma espécie com registro de uso ornamental bem documentado, utilizada no Brasil e em outros países (MILTON & MOLL, 1988; DE SOUZA et al., 2006; BALDAUF et al., 2007) para a produção de arranjos florais pelo tempo extenso em que as frondes se mantêm verdes após sua remoção do solo. No Brasil, é nativa e é coletada por populações locais para a comercialização, como uma maneira de complementar a renda familiar, e tem sua extração e métodos de manejo documentados em trabalhos diversos (DE SOUZA et al., 2006; BALDAUF et al., 2007).

Com cinco citações cada, aparecem *Nephrolepis exaltata* (L.) Schott (feto, samambaia, samambaia-americana, samambaia-de-boston, samambaia-espada), *Davallia fejeensis* Hook. (canela-de-veado, renda-portuguesa) e *Pityrogramma calomelanos* (L.) Link (avenca-branca, avenca-preta, calomelano-vegetal, feto-amarelo, feto-branco, pitirograma-lindo-negra, samambaia-do-brejo). Com quatro citações, *Platyterium bifurcatum* (avenca, chifre-de-veado, samambaia-chifre-de-veado) e *Nephrolepis cordifolia* (avenca, escadinha-do-céu, feto, samambaia, samambaia-de-metro). Ainda, com três citações cada, aparecem as espécies *Phlebodium decumanum* (avenca, avencão, cipó-cabeludo, erva-de-macaco, feto, guaribinha, rabo-de-cachilão, rabo-de-cachinganga, rabo-de-caxinguelê, rabo de macaco, samambaia, samambaia-chorona) e *Nephrolepis biserrata* (avenca, escadinha-do-céu, feto, rabo-de-peixe, samambaia, samambaia-rabo-peixe). As demais espécies registradas aparecem com apenas uma ou duas menções de uso.

É importante lembrar que, apesar do volume de dados coletados aqui, esta lista não resume todas as espécies de uso ornamental no país: somente nos catálogos de floriculturas que puderam ser acessados online, das floriculturas Úrsula (<https://www.floriculturaursula.com.br/gartencenter/produtos/0/0>) e Veiling Holambra

(<https://www.veilingonline.com.br/veiling/products>), são encontradas outras espécies comercializadas como ornamentais e que não aparecem nas fontes consultadas, como *Asplenium bulbiferum* G.Forst. (samambaia-indica) e *Selaginella kraussiana* (Kunze) A. Braun (selaginela-musgo, tapete-amarelo), muito embora não tenha sido possível quantificar o número de espécies que aparecem nesses catálogos já que nem todas estão devidamente identificadas taxonomicamente. Além disso, em materiais de horticultura aparecem também os registros das variedades de espécies que são cultivadas, o que não costuma ser registrado nos levantamentos etnobotânicos (e no caso das fontes utilizadas aqui, não apareceu em nenhuma vez). Mesmo assim, se fosse feito um levantamento somente das plantas comercializadas, este não daria conta de descrever todas as pteridófitas ornamentais do Brasil, pois há espécies que são somente coletadas pelas populações, e outras que têm seus usos restritos a locais limitados ou a grupos que as utilizam mais tradicionalmente, para além das espécies comerciais.

Além de ser um grupo tradicionalmente utilizado como ornamental, tem expandido as vendas no mercado de horticultura, em um fenômeno cultural bastante recente e urbano, ainda pouco documentado, preferencialmente para o cultivo dentro de casa e pelo público jovem. No texto publicado na revista de circulação geral “Elle” (D’AMARO, 2021), a jornalista documenta o aumento de 25% nas vendas de samambaias por uma das maiores distribuidoras do país em 2021, e acompanhando o crescimento do mercado de plantas ornamentais que aconteceu durante a pandemia de COVID-19, devido à necessidade das pessoas de aproximar-se da natureza no período de isolamento.

Há registros de usos ornamentais tanto em dados atuais quanto históricos neste levantamento, mas existem algumas divergências entre as espécies. Algumas espécies aparecem em ambos os registros, mas outras como *Adiantum obliquum* Willd. (culantrilho), *Anemia collina* Raddi (feto), *Cyathea phalerata* Mart. (feto-arbóreo, samambaia, samambaiaçu), *Dicranopteris linearis* (Burm.f.) Underw. (gleiquênia, samambaia), *Lellingeria suspensa* (L.) A.R.Sm. & R.C.Moran (samambaia-de-pendurar) e *Marattia cicutifolia* Kaulf. (samambaia, samambaia-do-brejo) só aparecem em registros históricos. Muitas das espécies que aparecem no registro histórico não são tradicionalmente cultivadas como ornamentais, e pode ser que sejam utilizadas para esse fim isoladamente em alguns locais, ou que sejam potencialmente ornamentais. Além disso, essa distinção entre plantas usadas atualmente daquelas usadas em outros períodos pode ser associada ao volume de citações da obra de Pio Corrêa (1926-1975) e à diminuição do hábito de coleta de plantas ornamentais, que tem se tornado menos frequente ao longo dos anos, sendo parcialmente substituído pela compra daquelas mais presentes no circuito comercial.

Outras espécies, como *Asplenium nidus* L. (asplênio, asplênio-ninho-de-ave, esplênio, ninho-de-passarinho), *Nephrolepis pectinata* (Willd.) Schott (samambaia) e a espécie cultivada *Platyserium bifurcatum* (chifre-de-veado), só aparecem no registro recente. Esta última, por exemplo, é citada quatro vezes neste trabalho e é uma espécie bastante popular como ornamental, vistosa e distinta visualmente, e amplamente comercializada, mas provavelmente foi introduzida há pouco tempo no país, justamente por seu uso ornamental.

Há ainda as espécies na subcategoria de potencial ornamental, que poderia ser considerada a segunda mais expressiva em número de citações, já que aparece associada a 156 espécies (165 citações). A subcategorização foi criada especialmente para citações presentes nos seis volumes da obra de Pio Corrêa (1926-1975), que foram descritas como ornamentais, mas de maneira imprecisa. Para distingui-las de citações diretas de uso ornamental, elas estão listadas na Tabela 2 como PO (espécies de potencial ornamental). Quando se observa essas espécies de maneira meticulosa percebe-se que muitas dificilmente seriam plantas cultivadas ou utilizadas como ornamentais, e no geral não são plantas domesticadas e/ou comercializadas. Algumas das espécies listadas pelo autor são endêmicas e restritas a pequenas áreas, ou então ameaçadas, ou não possuem nenhum outro registro de uso nas fontes consultadas. Um exemplo emblemático disso é a citação que ele faz de *Pleopeltis trinidadensis* (Brade) Salino, espécie endêmica da Ilha de Trindade (ES), local habitado mais remoto do país, que é registrada somente como de ocorrência natural e não possui nenhum outro uso registrado ou registro de cultivo. Outras espécies são delicadas e sem documentação de extração ou plantio, dificilmente sendo utilizadas para cultivo.

Ainda assim, existem espécies nativas que são de fato vistosas e cujo potencial ornamental poderia ser investigado. A sobreposição com outras citações de fato ornamentais ocorre somente para duas espécies (*Cyclodium heterodon* (Schrad.) T.Moore e *Phlebodium decumanum* (Willd.) J.Sm.), mas evidencia que há a possibilidade de encontrar outros registros de uso de fato ornamental com investigações mais extensas.

4.3.3. Uso ritualístico

Essa categoria contém 13 citações, incluindo oito espécies: *Lygodium volubile*, com seis citações, e todas as demais com uma citação (*Adiantum capillus-veneris* L., *Asplenium formosum* Willd., *Lygodium venustum*, *Microgramma vacciniifolia*, *Phlebodium aureum* (L.) J.Sm., *Phlebodium decumanum*, *Selaginella conduplicata* Spring). Pteridófitas costumam ser associadas a religiões de matriz africana, sendo importantes na tradição e muito utilizadas em banhos e rituais (ALBUQUERQUE, 2007; REINALDO et al., 2015). Aqui aparecem

principalmente dessa maneira, mas também são espécies místicas para os indígenas Xucuru e comunidades ribeirinhas da Amazônia, por exemplo. Além disso, existem registros de uso ritualístico ou espiritual de samambaias na literatura também em África (VERGER, 1995) e em outras partes das Américas onde também há a presença de religiões de matriz africana (BRANDON, 1991).

Lygodium volubile é a espécie mais mencionada, com seis citações. Ela é conhecida popularmente como “abre-caminho”, “segue-caminho” ou variações do nome “samambaia”, e é empregada, assim como *Lygodium venustum*, especialmente em banhos de purificação (ALBUQUERQUE, 2007), mas também em outros rituais de religiões de matriz africana. É uma planta vistosa e bastante distinta visualmente, o que pode facilitar a identificação e o posterior uso da espécie pelas comunidades. Apesar disso, é bastante similar morfológicamente a *Lygodium venustum*, e o mesmo nome popular pode acarretar o uso das duas espécies para mesmos fins. Abre-caminho também é um nome popular na tradição de religiões de matriz africana, e é usado para denominar outras espécies de plantas vasculares, como *Justicia gendarussa* Burm. (Acanthaceae), por exemplo.

Cinco espécies entre as listadas (*Adiantum capillus-veneris*, *Asplenium formosum*, *Microgramma vacciniifolia*, *Phlebodium decumanum*, *Selaginella conduplicata*) atendem por variações dos nomes populares avenca ou samambaia (avenca-cabelo-de-vênus, avenca-mirim, salambaia ou samambaia) na fonte que se refere a elas como de uso místico ou religioso, enquanto outras três atendem por abre-caminho (*Lygodium volubile*, *Lygodium venustum* e *Phlebodium aureum*). Essa indistinção nomenclatural de etnoespécies nessa categoria pode se tornar um fator de confusão ou sobreposição no uso destas plantas.

Em REINALDO et al. (2015), os autores propõem que as pteridófitas costumam ser associadas a religiões de matriz africana por seu uso frequente nos banhos e rituais. Apesar dos poucos registros encontrados na literatura científica, as ervanárias online que vendem plantas para banhos e rituais registram frequentemente espécies de pteridófitas, muitas vezes sob o nome popular samambaia (como é o caso nos *websites* <https://www.armazemsantahelena.com.br/erva-samambaia>, <https://www.santafrescura.com.br/produtos/samambaia/> e <https://www.naturezadivina.com.br/banho-de-ervas-defesa>, para citar alguns exemplos), e é possível encontrar informações em blogs online falando sobre a importância da samambaia na tradição e em relatos que contam sobre o uso de plantas sem haver descrição taxonômica. Na literatura científica há poucas informações sobre o uso específico de pteridófitas em rituais religiosos, e é possível notar somente pelo retorno de resultados em mecanismos de busca que

há uma defasagem em publicações etnobotânicas sobre o assunto plantas de uso religioso ou ritualístico. Apesar deste grupo taxonômico ser notavelmente associado com questões religiosas, esses registros escassos dificultam uma investigação mais profunda de seus usos para estes fins.

4.3.4. Uso alimentício

Plantas alimentícias englobam aquelas utilizadas como alimento diretamente ou como condimentares. Foram registradas 11 citações de uso alimentício de pteridófitas, entre seis espécies diferentes. A espécie mais citada foi *Pteridium aquilinum s.l.* (6 citações), as demais com uma citação cada: *Ceratopteris pteridoides* (Hook.) Hieron., *Cheiroglossa palmata* (L.) C.Presl, *Cyathea arborea* (L.) Sm., *Dicranopteris linearis* (Burm.f.) Underw., *Gleichenella pectinata* (Willd.) Ching.

Pteridófitas não são tradicionalmente plantas alimentícias, especialmente dentro do circuito comercial geral. Fatores como a coloração, sabor e aromas diversos buscados em alimentos não são altamente diversos em samambaias. Além disso, em geral, as partes mais consumidas de vegetais alimentícios no circuito comercial são seus frutos e sementes. Além de não possuírem essas estruturas, pteridófitas nem sempre são fonte de muitas reservas energéticas e em algumas fontes consultadas é descrito um gosto amargo ou pouco palatável. Para além desses fatores, algumas espécies, como é o caso de *Pteridium aquilinum s.l.*, apresentam certo nível de toxicidade (ver seção 4.4), tornando-se menos atrativas como espécies de potencial uso mais amplo e comercial.

Além disso, ao menos no Brasil, parecem ser utilizadas de maneira bastante específica e delimitada onde ocorre essa transmissão cultural, e não estão marcadamente presentes no circuito comercial de plantas alimentícias. O uso regionalizado é visto com *Pteridium aquilinum s.l.*, a espécie com mais registros de consumo no país, sendo inclusive considerada uma Planta Alimentícia Não Convencional (PANC) (KINUPP & LORENZI, 2014). Quando não há o hábito cultural de uso, costuma haver certa resistência no consumo de novas plantas como alimentícias, e a não existência de uma gama ampla de espécies em uso reflete essa dificuldade de utilização e propagação. As espécies listadas neste levantamento também não são cultivadas em larga escala ou plantadas para consumo próprio como alimentícias, e sim coletadas na natureza. Também são descritas como alimento de escassez, sendo utilizadas dessa maneira em momentos de fome, em contextos históricos e socioculturais em que não há outras alternativas de alimentação, ou como complemento da alimentação. É preciso notar também, que assim como acontece com as plantas de uso ritualístico, a diferença de resultados de busca

é notável quando em comparação com plantas ornamentais ou medicinais, e existem menos trabalhos etnobotânicos focados especificamente neste uso.

No entanto, samambaias são alimento popular em outros lugares do mundo como na China (LIU et al., 2012) e no resto da Ásia (SUJARWO et al., 2014; GIRI & UNİYAL, 2022). No Brasil, dentre as oito espécies levantadas aqui se destaca o caso de *Pteridium aquilinum s.l.*, cujos brotos são amplamente consumidos na região de Ouro Preto e em todo o estado de Minas Gerais, e que possui uma documentação abrangente para as formas de uso, composição química e substâncias tóxicas presentes na literatura (ver seção 4.4). É utilizada de maneira mais esparsa em outros locais também, e cresce espontaneamente na natureza em diversas partes do país, ao ponto de ser considerada erva daninha (KINUPP & LORENZI, 2014). A espécie tem seus báculos (brotos) preparados em conservas e é normalmente servida cozida, como acompanhamento para outros pratos. Seu gosto é descrito como levemente amargo, mas bastante saboroso. Os báculos contêm substâncias investigadas como carcinogênicas, mas indica-se o cozimento com extensa fervura e troca da água utilizada no processo, além do consumo apenas ocasional, para evitar os problemas de saúde (LORENZI, 2011; KINUPP & LORENZI, 2014). Também são tóxicas para o gado, cavalos e outros animais de criação (TOKARNIA, 2012).

4.3.5. Outras categorias de uso

A categoria “outros” abrange 70 citações, divididos entre 44 espécies. Aqui distribuem-se os usos menos citados ou com menos informações referentes a eles. Para alguns casos, é possível agrupar algumas espécies sob a mesma categoria de uso, como é o caso das **cultivadas (25)** [*Adiantum deflectens* Mart., *Adiantum hispidulum* Sw., *Adiantum intermedium* Sw., *Adiantum platyphyllum* Sw., *Adiantum tenerum* Sw., *Adiantum trapeziforme* L., *Anemia collina* Raddi, *Arachniodes denticulata* (Sw.) Ching, *Asplenium gastonis* Fée, *Athyrium filix-femina* (L.) Roth, *Dicranopteris flexuosa* (Schrad.) Underw., *Dicranopteris linearis* (Burm.f.) Underw., *Dryopteris filix-mas* (L.) Schott, *Elaphoglossum herminieri* (Bory & Fée) T.Moore, *Gleichenella pectinata* (Willd.) Ching, *Lindsaea falcata* Dryand., *Nephrolepis biserrata* (Sw.) Schott, *Nephrolepis cordifolia* (L.) C. Presl, *Nephrolepis exaltata* (L.) Schott, *Osmundastrum cinnamomeum* (L.) C.Presl, *Phlebodium aureum*, *Pityrogramma calomelanos* (L.) Link - citada por 3 vezes - *Pityrogramma ebenea* (L.) Proctor], **comercializadas em mercados (9)** [*Cyathea microdonta* (Desv.) Domin, *Equisetum arvense*, *Pteridium aquilinum s.l.*, *Equisetum giganteum*, *Equisetum hyemale*, *Lygodium venustum*, *Lygodium volubile*, *Selaginella*

convoluta, *Selaginella parkeri* (Hook. & Grev.) Spring], **com químicos úteis descritos (6)** (*Adiantum capillus-veneris* L., *Adiantum hispidulum* Sw., *Dryopteris filix-mas* (L.) Schott, *Pleopeltis lepidopteris* (Langsd. & Fisch.) de la Sota, *Pteridium aquilinum s.l.* e *Serpocaulon triseriale* (Sw.) A.R.Sm.), **afrodisíaco (6)** (*Azolla caroliniana* Willd., *Azolla filiculoides* Lam., *Selaginella convoluta* - em quatro citações distintas), **como substrato de plantio - usado para fixar orquídeas, fazer vasos ou cercas vivas (4)** (*Cyathea arborea* (L.) Sm., *Cyathea atrovirens* (Langsd. & Fisch.) Domin, *Cyathea delgadii* Sternb., *Dicksonia sellowiana*), **enchimento e estofamento (3)** (*Pteridium aquilinum s.l.*, *Dryopteris filix-mas* (L.) Schott, *Dicranopteris linearis* (Burm.f.) Underw.), **secativo de farmácias (3)** (*Lycopodium clavatum* - em duas citações distintas - e *Palhinhaea cernua*), **como adubo (2)** (*Pteridium aquilinum s.l.*, *Dicranopteris linearis* (Burm.f.) Underw.), **artesanal (2)** (*Equisetum giganteum* L., *Dicranopteris linearis* (Burm.f.) Underw.), **aromática (2)** (*Christella patens* (Sw.) Pic. Serm., *Serpocaulon triseriale* (Sw.) A.R.Sm.), **veterinário (2)** (*Dryopteris filix-mas* (L.) Schott, *Palhinhaea cernua*), **alucinógeno (1)** (*Lomariopsis japurensis* (Mart.) J.Sm.), **fabricação de aguardente (1)** (*Botrypus virginianus* (L.) Michx.), **fabricação de cachimbos (1)** (*Marattia cicutifolia* Kaulf.) **combustível (1)** (*Dicksonia sellowiana* Hook.), **fumegante (1)** (*Serpocaulon triseriale* (Sw.) A.R.Sm.) e **para produção de vidro (1)** (*Equisetum giganteum*).

A subcategoria mais expressiva é de espécies “cultivadas”, com 25 citações para 23 espécies. São as plantas que foram citadas como “presentes em estufas”, “plantadas” ou “cultivadas”, mas sem demais especificações de uso, como ornamental por exemplo, o que dificulta inferir algum motivo pelo qual sejam cultivadas, mas têm o seu plantio registrado como um tipo de “uso”. A maior parte das espécies mencionadas aqui (18) possuem algum outro uso nas fontes, enquanto outras 5 estão descritas somente deste modo.

Já as espécies comercializadas em mercados, com nove citações, compreendem exclusivamente dados de um trabalho de revisão (RODRÍGUEZ et al., 2020) que comparou plantas utilizadas de alguma maneira citadas em trabalhos históricos e espécies encontradas em uma revisão de trabalhos científicos sobre plantas comercializadas em mercados. A maior parte das espécies aparece também citada em outras fontes com o uso bem definido, o que pode ajudar a inferir qual o propósito de sua comercialização nos mercados públicos do país. *Cyathea microdonta*, por exemplo, só possui outras citações como medicinal, assim como *Equisetum arvense*, *Equisetum hyemale* e *Selaginella parkeri*. Já *Lygodium venustum* e *Lygodium volubile* possuem outras citações de utilização medicinal e mística, ambos usos prováveis para os

espécimes comercializados em mercados do país. Os outros usos de *Selaginella convoluta* incluem medicinal e afrodisíaco, de *Pteridium aquilinum s.l.* medicinal e alimentício, enquanto *Equisetum giganteum* abrange um número de usos mais amplo, fazendo com que seja mais difícil precisar o motivo pelo qual é comercializado, mas a maioria de suas citações de uso são de caráter medicinal. Ainda assim, é possível que sejam vendidos para outros usos diversos

Na subcategoria componentes químicos úteis, que abrange seis citações de seis espécies, vale destacar *Serpocaulon triseriale* que, apesar de não ter mais citações, contém cumarina em suas estruturas, fator que aparece em outras publicações e que já foi bem documentado. A quantidade de cumarina que produz, no entanto, é inferior a de outras plantas vasculares, e portanto acaba não sendo tão usada para extração de substâncias. É chamada popularmente, muito provavelmente por seu cheiro adocicado, de “samambaia-cheirosa” e “samambaia-cumaru”. *Serpocaulon triseriale* também é citada como aromática inclusive, juntamente com *Christella patens*, também denominada “samambaia-cheirosa” e com registros na fonte para a presença de cumarina.

Sob o uso como substrato de plantio encontram-se espécies de porte arborescente, cujos cáudices já foram muito extraídos, e suas fibras utilizadas para a fabricação de vasos e como substrato de plantio no geral, em especial para orquídeas, que não costumam ser plantadas em solo. Os cáudices dessas plantas conseguem reter a umidade e ao mesmo tempo facilitam as trocas gasosas radiculares das plantas cultivadas. Hoje, devido a extração excessiva que levou a diminuição das populações na natureza e a colocando em risco de extinção (MARTINELLI & MORAES, 2013), a extração do xaxim (*Dicksonia sellowiana*) foi proibida em alguns locais, como acontece no estado de São Paulo desde 2004, com a lei estadual nº 11.754. Além disso, existem hoje outros substratos, como fibra de coco e misturas de cascas de pinus e carvão vegetal, que podem ser utilizados para o cultivo de orquídeas, além de fibras sintéticas que são usadas na fabricação de vasos que busquem as mesmas características do xaxim. Em alguns locais, esses vasos de outros materiais são, inclusive, comercializados sob o nome xaxim, que se popularizou para a descrição desse tipo de recipiente.

4.3.6. Usos não informados

Algumas espécies descritas como utilizadas pelas populações não tiveram seu uso especificado, com o uso de expressões como “não informado”, “outro” (mas sem definir qual) ou simplesmente com lacunas em branco nos dados das fontes. Essas incluem 107 das 784

citações de uso, compreendendo 88 espécies. Destas, no entanto, apenas 59 espécies não tiveram nenhum outro uso descrito em outras fontes e são realmente espécies unicamente sem uso informado. Boa parte delas deriva dos seis volumes da obra de Pio Corrêa, “Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas”, e em geral aparecem também com uma única citação.

4.4. Observações sobre toxicidade

Alguns dos trabalhos revisados indicaram as espécies como explicitamente tóxicas, por vezes descrevendo sua toxicidade como um fator útil. No total foram quatro citações de plantas nessa modalidade, atribuídas a duas espécies: *Pteridium aquilinum s.l.* (com três citações) e *Equisetum giganteum*. Apesar do registro de toxicidade bem documentado, *Equisetum giganteum* e *Pteridium aquilinum s.l.* são respectivamente a pteridófito medicinal mais utilizada no país e a mais consumida de forma alimentícia conforme este levantamento. Pode se argumentar que isso geraria uma questão de saúde pública, uma vez que seus usos são bastante difundidos, mas mais investigações seriam necessárias.

Pteridium aquilinum s.l. contém substâncias listadas como tóxicas que incluem o ptaquilosídio e pterosina B (substâncias consideradas carcinogênicas) (LORENZI, 2011) e tiaminase, enzima que degrada a vitamina B1 (ou tiamina), podendo causar deficiência da mesma tanto em pessoas quanto em animais. É descrita nas fontes como possivelmente tóxica para cavalos, e na literatura possui registros de toxidez para animais de criação em geral, em especial bovinos (TOKARNIA, 2012), mas também cavalos, ovelhas e porcos (HOJO-SOUZA, et al., 2010). Todas as partes da planta são descritas como tóxicas, em especial o rizoma, mas entre as partes aéreas os brotos (parte da planta que é consumida de maneira alimentícia) são descritos como mais tóxicos (TOKARNIA, 2012).

Equisetum giganteum tem sua toxicidade registrada especialmente pela grande quantidade de sílica em seus tecidos, o que pode ser prejudicial tanto para o consumo humano quanto um fator de toxicidade para animais de criação (LORENZI, 2008). Além disso, contém tiaminase, podendo causar também déficit de vitamina B1 (LORENZI, 2008), e por seu efeito diurético é recomendado que não se faça uso constante. No entanto, seu consumo em doses esporádicas não parece causar danos de maior grau, já que é amplamente disseminado, inclusive no meio comercial.

Apesar de somente duas espécies terem sido mencionadas como tóxicas pelos autores, existem outras que aparecem neste levantamento e que podem ser elencadas como tóxicas a partir da literatura, como é o caso de *Microgramma vacciniifolia* (que apresenta registros de

toxicidade para células tumorais em humanos e sobre alguns animais, incluindo vermes (ALBUQUERQUE et al., 2014) o que poderia ser inclusive utilizado de maneira benéfica por exemplo no tratamento de verminoses), *Dryopteris filix-mas* (L.) Schott (que também apresenta descrição de toxidez para vermes nas fontes, com emprego na medicina veterinária, e na literatura apresenta também registros também para a presença de tiaminase (POHL, 1955)) e *Equisetum hyemale* (que é descrita como tóxica tanto para humanos quanto animais de criação (LORENZI, 2011), sendo contraindicada durante a gravidez e podendo levar à deficiência de vitamina B1).

4.5. Historicidade e alterações de uso

Os materiais encontrados referem-se a dados de diferentes momentos da história, desde o século XVI até o ano de 2021. A maioria das fontes (100) se referem a dados coletados depois do ano 2000, outras cinco (de dados de revisão) se referem a períodos tanto anteriores quanto posteriores ao ano 2000, e as 19 restantes são anteriores ao ano 2000. No entanto, apesar de a maior parte das fontes serem bastante recentes, a maior parte das citações são referentes a períodos anteriores. Das 820 citações totais, 562 provêm dessas 19 fontes mais antigas.

É possível observar que ao longo do tempo houve mudanças na forma de uso destas plantas, e que algumas plantas utilizadas historicamente e relatadas nestas obras já não possuem mais usos registrados atualmente, ou tiveram seus usos alterados. A princípio, verifica-se três grandes fatores que podem justificar a diferença de uso entre as espécies citadas atualmente e as mais antigas, inclusive observando uma menor diversidade de espécies no período recente: o uso mais amplo de pteridófitas em contextos históricos que hoje não fazem mais sentido (levando em conta as doenças que essas plantas tratam e outros usos que têm substitutos sintéticos ou industrializados atualmente), a amplitude do levantamento realizado no “Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas” [que dificilmente é alcançada através dos levantamentos etnobotânicos isolados e realizados com uma metodologia que não estimula a citação de pteridófitas (REINALDO et al., 2015)] e também a existência de citações questionáveis ou isoladas de uso (como é o caso das plantas com potencial uso ornamental) na obra de Pio Corrêa.

Dentre os usos históricos não aplicados atualmente se encontram casos como o da cavalinha, que costumava ser usada como lixa para madeiras e metais, devido a quantidade de cristais e drusas de sílica em seu mesofilo (MELLO e BUDEL, 2013) que conferem a propriedade abrasiva. Em certas fontes históricas, seu nome vernacular chega a constar como “lixa vegetal” e o uso é descrito como artesanal para trabalhar com esses materiais. Muito

provavelmente devido a alta quantidade de sílica, também é citada como útil para a produção de vidro em uma das fontes, o que é improvável hoje com os métodos industriais aplicados nesse processo. Outro exemplo é *Lycopodium clavatum* que tem o uso documentado como secativo e pó absorvente em pílulas de farmácias. Hoje, quando é necessário, essa mesma função é desempenhada por componentes sintéticos. Apesar de registrar usos atuais, a espécie é hoje utilizada apenas para fins medicinais. *Cyathea delgadii* Pohl ex Sternb., com registro histórico para confecção de vasos e cercas vivas, aparece no registro atual apenas como medicinal. Hoje, em diversos locais é proibida a coleta dos cáudices de pteridófitas para a confecção de vasos, tornando esse uso defasado. Além disso, existem diversas espécies usadas para o tratamento de doenças quase erradicadas ou que possuem tratamentos mais eficientes hoje, como é o caso da tuberculose (tratada com o uso de *Pteridium aquilinum s.l.* e *Microgramma vacciniifolia*).

Dentro das 562 citações mencionadas acima, boa parte é referente aos seis volumes da obra de Pio Corrêa, “Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas” (1926-1975), que contém 409 citações. Em termos de espécies, 234 são exclusivamente citadas nesses seis volumes (63% das espécies deste levantamento). O “Dicionário” apresenta dados valiosos e inéditos sobre todas estas espécies, e é uma obra fundamental para compor essa lista e entender o panorama de uso das pteridófitas, mas é preciso levar em conta também algumas incoerências e informações faltantes sobre as espécies citadas pelo autor. Isso acontece, por exemplo, no caso das 121 espécies cujo único uso citado é o uso ornamental dúbio (discutidas na seção de Potencial Ornamental), e outras 59 sem uso descrito, além de uma espécie que é citada como ambas. No total, isso equivale a 180 das 367 espécies listadas. Uma boa parte das espécies que foram citadas como de potencial ornamental ou não informadas, no entanto, apresentaram alguma outra citação de uso, o que evidencia que uma possível investigação ainda mais aprofundada poderia encontrar outros registros de usos específicos para uma parte dessas 180 espécies indefinidas. No entanto, como se discute na seção de potencial ornamental, diversas destas não parecem ser plantas cultivadas ou utilizadas, devido a sua fragilidade, restrição geográfica, não domesticação ou comercialização, entre outros fatores.

Ainda, uma boa parte dos táxons não confirmados (Tabela 3) foram retiradas da obra de Pio Corrêa. Muitas são espécies exóticas que nunca foram cultivadas no país, e não possuem nenhuma descrição de aparecimento na natureza ou de uso pelas populações locais. Essas espécies podem ser investigadas em outros estudos para obter compreensão de quais se tratam, já que foram registradas pelo autor em território nacional. Estas incluem espécies como *Adiantum denticulatum* Sw., *Aleuritopteris farinosa* (Forssk.) Fée e *Polypodium leucatomus*

Poir, todas com usos registrados. Muito provavelmente são nomes mal aplicados ou erros de descrição para espécies de fato existentes no Brasil.

4.6. Nomes vernaculares

Para além da importância taxonômica dos registros científicos, é necessário também analisar os nomes vernaculares, utilizados corriqueiramente pelas pessoas. Eles referenciam um sistema de classificação popular das espécies e evidenciam como essas plantas são vistas pelas comunidades, seus padrões de uso e a maneira como são classificadas e diferenciadas.

No caso das pteridófitas, apesar de sua enorme diversidade, existe um certo grau de cegueira botânica que atravessa a visão que as pessoas têm delas, e boa parte das espécies são simplesmente denominadas “samambaia”, “feto”, “avenca”, “pinheirinho” ou “cavalinha”. Na verdade, para este levantamento, das 367 espécies registradas, apenas 60 não estão sob essas denominações ou suas variações (por exemplo “avenca-cabelo-de-vênus”, “feto-macho-do-pará”, “avencão”, “samambaia-de-trepar”). Ainda entre aquelas de nomes populares diferenciados é possível notar padrões de similaridade, como é o caso das três espécies da família Ophioglossaceae listadas, todas sob o nome popular “língua-de-víbora”, ou a denominação “pinheirinho” e suas variações, que são todas pertencentes à família Lycopodiaceae, provavelmente pela forma que lembra a disposição de folhas de pinheiro. Isso acontece também com todas as espécies do gênero *Equisetum*, chamadas de cavalinhas, que são amplamente comercializadas por seu nome popular, quando nem sempre se referem à mesma espécie.

Esse tipo de aglutinação de espécies sob um mesmo nome pode levar a confusões na classificação popular e a identificação ou até usos errôneos das plantas, sendo elas morfologicamente similares ou distintas. Isso pode gerar problemas especialmente quando se trata de plantas medicinais, caso a planta usada de maneira errônea seja tóxica enquanto a planta originalmente usada não era, ou simplesmente por não produzir o efeito medicinal desejado. Neste sentido é interessante pensar também como o nome popular se relaciona com o uso de fato, se o nome implica a existência ou não de algum determinado efeito. Por exemplo, “língua-de-víbora” [*Cheiroglossa palmata* (L.) C.Presl] e “língua-de-víbora-do-campo” [*Botrypus virginianus* (L.) Michx.], que são utilizadas para o tratamento de picadas de cobra, mas são espécies bastante distintas não só em sua composição química, mas também em sua morfologia e posição sistemática. No caso das espécies do gênero *Equisetum* a morfologia já é mais similar, e estão sob um mesmo nome, com usos muito semelhantes (em geral medicinais, de caráter

diurético ou para tratar doenças dos rins e do sistema digestivo), com ainda mais caracteres sobrepostos.

Além dos problemas que podem ser causados pelo consumo de uma espécie errada, essa classificação pouco diferenciada pode gerar problemas taxonômicos, na identificação de alguma espécie tanto pela população quanto pelos pesquisadores, ao consultar as pessoas em levantamentos etnobotânicos. Frequentemente as espécies apareceram em trabalhos identificadas só até o nível de gênero, e é comum que não exista especialista em pteridófitas para a identificação das espécies, tornando essa sobreposição de nomes vernaculares um fator de maior confusão ainda para confirmar de qual espécie se trata.

Ainda, alguns dos nomes vernaculares parecem estar registrados somente pelo autor, como é o caso em algumas obras mais antigas - especialmente no “Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas” (PIO CORRÊA, 1926-1975) e “Pteridófitas medicinais” (BARROS, 1997). Nesses registros, aparecem como transferências quase exatas ou traduções dos nomes científicos em latim para o português, e parece improvável que esses nomes tenham sido designados por classificação popular. Alguns exemplos desse tipo de citação incluem “elaphoglossum”, “blecno”, “licopódio”, “equiseto”, “gimnópteris- tomentosa”, “himenófilo- polianto”, “trichomanes-elegante” e “trichomanes-pinado”. Esse fenômeno ocorre frequentemente nestas obras e se aplica também a outros grupos vegetais que aparecem ali.

Alguns nomes vernaculares aparecem mais frequentemente em registros antigos, como “feto” e suas variações, que parecem ter sido mais comumente utilizados até do que “samambaia” para descrever espécies similares de “monilófitas”. Através dos nomes vernaculares às vezes também é possível observar como os usos relacionados mudaram ao longo do tempo. Um exemplo emblemático é o de algumas espécies do gênero *Equisetum*, que em materiais históricos apareciam designadas com nomes populares como “lixa vegetal” ou “limpa prata”, remetendo a seus usos artesanais, registrados em materiais históricos para lixar madeira e polir metais na produção de peças de mobiliário, ou artísticas e artesanais. Em materiais mais recentes, no entanto, estas mesmas espécies aparecem registradas somente como “cavalinha”, “rabo-de-cavalo”, “taquarinha” e outros nomes que não remetem a esse uso, que também deixa de aparecer no registro.

4.7. Táxons não confirmados

Além das 367 espécies distribuídas em 702 citações cuja identidade conseguiu ser definida, ainda foram encontradas nas fontes 118 citações de pteridófitas que só puderam ser definidas até o gênero, ou cuja citação apresentou-se de maneira confusa ou indefinida. As

análises que aparecem ao longo dos resultados e discussão contemplam somente as 367 espécies que puderam ser taxonomicamente precisadas e corretamente atualizadas. Sendo assim, esta seção é dedicada a discutir os dados relativos a estas demais citações (Tabela 3).

Os táxons descritos aqui são predominantemente de uso ornamental (45), seguidos pelos de uso medicinal (29) e de potencial ornamental (23). Ainda existem 20 sem uso definido, sete sob a categoria “outros” e um ritualístico. Dados relativos à origem e distribuição destes táxons não puderam ser coletados, devido a seu caráter indeterminado.

Na Tabela 3 as etnoespécies descritas até o nível de gênero estão apresentadas separadamente (p.ex. *Adiantum* sp. - avenca-verde - e *Adiantum* sp.- avenca-vermelha), levando em conta que não é possível saber se esses táxons se referem à mesma espécie. Existem trabalhos, inclusive, que citaram mais de uma espécie para o mesmo gênero sem identificá-la conclusivamente, como é o caso das nove espécies ornamentais do gênero *Nephrolepis* levantadas no trabalho de Eichemberg et al. (2009) sobre os quintais urbanos de Rio Claro.

Alguns dos nomes vernaculares citados nas fontes aparecem somente nestes táxons não confirmados, sem citações relacionadas a espécies da lista principal. Esse é o caso da samambaia-saia-de-baiana, samambaia-paulistinha e a samambaia-cabelo-de-anjo (ambas do gênero *Nephrolepis*), a samambaia-de-cipó (*Pteridium* sp.), o tupi-guarani [*Lycopodiella alopecuroides* (L.) Cranfill], o feto-real e a samambaia-de-penacho (estes últimos dois para *Osmunda regalis* L. - nome mal aplicado para *Osmunda spectabilis* Willd.). Os nomes vernaculares são relevantes para a classificação local e popular das espécies, e por vezes auxiliam na distinção entre diversas do mesmo gênero. No caso dos táxons identificados erroneamente aqui como espécies exóticas, mas que possuem nomes populares específicos e registros de uso, é possível inferir que de fato ocorreram ou tenham ocorrido no Brasil, mesmo que apenas cultivadas, e apenas foram identificadas de maneira equivocada.

Esses táxons identificados até o nível de espécie mas de maneira errônea representam 53 dos elencados nesta lista, enquanto que as demais não foram registradas até o nível de espécie. Esses erros de identificação correspondem a espécies exóticas que não tem registro de cultivo no país, ou que foram citadas como espécies nativas do Brasil nas fontes consultadas, quando se sabe que não ocorrem na natureza em território nacional. Alguns exemplos incluem *Polypodium leucotomos* Poir., que realmente é uma espécie utilizada para fins medicinais em outros países (CHOUDHRY et al., 2014.), para proteção solar e tratamentos de doenças de pele, mas é exótica à flora brasileira, sem citação oficial na Flora e Funga do Brasil (2022), nem registro de cultivo no território nacional; *Adiantum denticulatum* Sw., que aparece aqui como cultivada em estufas, e pode ser um registro legítimo da época, mas cujo uso não foi possível

rastrear em outras fontes nem como espécie presente no país de outra maneira; *Selaginella plumosa* Baker, que da mesma maneira aparece como introduzida, mas sem registro específico de uso em território nacional; e *Asplenium auritum* var. *sulcatum* Sw., (Lam.) Baker, que tem usos registrados como ornamental e medicinal, mas é exótica do Brasil, e não aparece indicada dessa maneira no texto da fonte, e sim como se fosse encontrada naturalmente.

4.8. Representatividade de pteridófitas frente a outras espécies vasculares nos levantamentos etnobotânicos

Para avaliar a proporção de uso e observar se as espécies de pteridófitas estavam sendo subutilizadas, foram contadas as outras espécies vasculares que apareciam nos levantamentos gerais e comparadas em proporção com as pteridófitas citadas. Das 124 fontes selecionadas, 111 possibilitaram que fosse feito esse cálculo, já que para as outras 13 restantes não havia registro do número de outras vasculares presentes nos dados, ou os trabalhos eram exclusivamente a respeito de pteridófitas. Em média 1,5% das espécies citadas nos trabalhos são de pteridófitas, e na maior parte das fontes (97) a proporção é de até 3% das citações. A proporção geral de espécies de pteridófitas para o total de vasculares que ocorrem no Brasil é de 2,92% (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022). Nesse sentido não parece haver uma sub-representação de uso, mas é preciso levar em conta que os dados são escassos, e seria necessária uma investigação mais ampla e considerando mais fatores para poder afirmar isso. Por enquanto, é possível apenas analisar os dados levantados aqui.

Por um lado, pteridófitas compõem uma parte pequena das listagens e não recebem muito destaque em trabalhos de etnobotânica. Entre as fontes encontradas, são poucas focadas em discutir esse grupo: “Do ferns and lycophytes function as medicinal plants?” (REINALDO et al., 2015), “Levantamento das pteridófitas ornamentais na cidade de Salvador, Bahia” (MACEDO & NONATO, 2009) “Pteridófitas Medicinais” (BARROS & ANDRADE, 1997). Também, pelo caráter delicado de algumas espécies e pela falta de especialistas que as identifiquem, é comum que não sejam feitas coletas de pteridófitas em levantamentos etnobotânicos, embora esse dado careça de mais investigação. Sendo assim, pode haver ainda muitos dados a ser levantados sobre as pteridófitas individualmente.

No entanto, a proporção de espécies de uso etnobotânico dentro do grupo é razoavelmente alta (mais de um quarto da biodiversidade disponível de pteridófitas no Brasil, como mencionado acima), e o número de espécies e usos encontrados supera as expectativas iniciais desta pesquisa. É necessário investigar mais a fundo se o grupo está ou não sub-representado, e quais seriam os motivos se estiver. Não existem muitas referências que discutam

essa questão, mas o trabalho de Reinaldo et al. (2015) comenta as desvantagens de incluir as pteridófitas dentro de levantamentos etnobotânicos de listagem livre sobre quaisquer espécies, já que há o risco de serem menos citadas frente a outras vasculares. Os autores propõem que os métodos de coleta utilizados não são adequados para a coleta de informações sobre pteridófitas e que podem acabar menos representadas por serem percebidas como menos efetivas (ao menos como medicinais).

5. Considerações finais

Esta pesquisa não deixa dúvidas sobre a importância das pteridófitas utilizadas no Brasil, revelando uma biodiversidade com alta riqueza etnobotânica e ainda maior potencial a ser explorado. Um grande número de fontes foi coletado, tornando este estudo uma compilação bastante abrangente para dados atuais, embora não encerre as discussões sobre o assunto. A compilação é relevante por organizar esses dados em uma única lista com táxons atualizados, beneficiando futuros estudos que utilizem essas informações.

O levantamento também destaca as lacunas no conhecimento atual sobre o assunto. Poucas fontes se concentraram nas pteridófitas, contabilizando apenas três trabalhos, e embora existam outros fora do escopo desta pesquisa estes são raros. Além disso, o grupo raramente é citado no universo dos estudos generalistas, representando menos de 2% das espécies vasculares citadas. O foco das fontes também é distribuído de forma desigual: 60% focam em espécies medicinais, e há um retorno muito menor nos buscadores para outros usos, como ornamental, ritualístico e alimentício. Também é notável que a maioria das fontes consulta grupos não tradicionais. Embora a maioria das fontes esteja bem distribuída entre as regiões do país, há uma lacuna na região Norte: abriga a segunda maior biodiversidade de pteridófitas na natureza (FFB 2022), mas é a menos representada aqui. A região é diversa quanto aos grupos de pessoas que a ocupam e que utilizam suas espécies vegetais (diversos povos indígenas, caboclos, ribeirinhos e outros). Com o crescente avanço do desmatamento e os danos causados às populações tradicionais da região, é urgente registrar a riqueza etnobotânica e a diversidade vegetal. Essas questões de intervenção antrópica representam uma ameaça para as espécies de pteridófitas e para as culturas que as utilizam, e mais estudos e coletas de dados podem ajudar a rastrear e entender o estado de conservação das espécies no Brasil, a fim de proteger tanto as plantas quanto os grupos de pessoas que se relacionam com elas.

Uma listagem com esse volume de dados etnobotânicos para pteridófitas é inédita no Brasil e pode ser utilizada como ponto de partida para outros estudos, como investigações mais profundas de espécies listadas, trabalhos etnobotânicos, históricos, fitoquímicos e

farmacológicos, preenchendo lacunas e investigando o que ainda não se sabe sobre o assunto. As pteridófitas são um grupo rico, cujo uso potencial e relevância simbólica podem ser revisitados e explorados em estudos futuros, e esta revisão não deixa dúvidas sobre isso.

6. Referências

7. AL-SNAFI, A.E. The pharmacology of *Equisetum arvense* - A review. IOSR Journal of Pharmacy 7(2):31-42. 2017.
8. AGRA, M.F. et al. Medicinal and poisonous diversity of the flora of “Cariri Paraibano”, Brazil. Journal of ethnopharmacology, v. 111, n. 2, p. 383-395. 2007.
9. ALBERTASSE, P. D.; THOMAZ, L. D.; ANDRADE, M. A. Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES. Revista brasileira de plantas medicinais, v. 12, p. 250-260. 2010.
10. ALBUQUERQUE, L.P et al. Toxic effects of *Microgramma vacciniifolia* rhizome lectin on *Artemia salina*, human cells, and the schistosomiasis vector *Biomphalaria glabrata*. Acta tropica 138:23-27. 2014.
11. ALBUQUERQUE, U.P. et al. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. Interciencia, v. 27, n. 6, p. 276-285. 2002.
12. ALBUQUERQUE, U.P. Introdução à etnobotânica. São Paulo: Interciência, 2005.
13. ALBUQUERQUE, U.P. et al.. Medicinal and magic plants from a public market in northeastern Brazil. Journal of Ethnopharmacology, v. 110, n. 1, p. 76-91. 2007.
14. ALMEIDA, M.Z. et al. Species with medicinal and mystical-religious uses in São Francisco do Conde, Bahia, Brazil: a contribution to the selection of species for introduction into the local Unified Health System. Revista Brasileira de Farmacognosia, v. 24, p. 171-184. 2014.
15. AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. Acta botânica brasilica, v. 16, p. 189-203. 2002.
16. ÁVILA, J.V.C. et al. Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization. Acta Botanica Brasilica, v. 31, p. 1-10. 2017.
17. AZEVEDO, S.K.S.; SILVA, I.M. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Acta botânica brasilica, v. 20, p. 185-194. 2006.

18. BAPTISTA, M.M. et al. Traditional botanical knowledge of artisanal fishers in southern Brazil. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 9, n. 1, p. 1-16. 2013.
19. BARREIRA, T.F. et al. Diversidade e equitabilidade de plantas alimentícias não convencionais na zona rural de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v. 17, p. 964-974. 2015.
20. BARRETO, M.R.; SPANHOLI, M.L. Estudo etnobotânico em comunidades rurais de Sinop, Mato Grosso, Brasil. *Interações (Campo Grande)*, v. 20, p. 267-282. 2019.
21. BARROS, I.C.L.; ANDRADE, L.H.C. Pteridófitas medicinais: samambaias, avencas e plantas afins. Recife: UFPE. 1997.
22. BARROS, I.C.L. et al. Pteridófitas. *Diversidade Biológica e Conservação da Floresta Atlântica ao Norte do Rio São Francisco* (K. Pôrto, J. Almeida-Cortez e M. Tabarelli, orgs.). Ministério do Meio Ambiente, Brasília, p. 147-171. 2006.
23. BALDAUF, C.; HANAZAKI, N.; REIS, M.S. Caracterização etnobotânica dos sistemas de manejo de samambaia-preta (*Rumohra adiantiformis* (G. Forst) Ching-Dryopteridaceae) utilizados no sul do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 21, n. 4, p. 823-834. 2007.
24. BIESKI, I.G.C. et al. Ethnobotanical study of medicinal plants by population of valley of Juruena region, legal Amazon, Mato Grosso, Brazil. *Journal of ethnopharmacology*, v. 173, p. 383-423. 2015.
25. BIESKI, I.G.C. et al. Ethnopharmacology of medicinal plants of the pantanal region (Mato Grosso, Brazil). *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, v. 2012, 2012.
26. BOLSON, M. et al. Ethno-medicinal study of plants used for treatment of human ailments, with residents of the surrounding region of forest fragments of Paraná, Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 161, p. 1-10. 2015.
27. BORTOLOTTI, I.M. et al. Lista preliminar das plantas alimentícias nativas de Mato Grosso do Sul, Brasil. 2018.
28. BOSCOLO, O.H.; VALLE, L.S. Plantas de uso medicinal em Quissamã, Rio de Janeiro, Brasil. *Iheringia, Série Botânica.*, v. 63, n. 2, p. 263-278. 2008.
29. BRANCH, L.C.; SILVA, M.F. Folk medicine of Alter do chão, Pará, Brazil. *Acta Amazonica*, v. 13, p. 737-797, 1983.
30. BRANDÃO, M.G.L. et al. Medicinal plants and other botanical products from the Brazilian Official Pharmacopoeia. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 16, p. 408-420, 2006.

31. BRANDÃO, M.G.L. et al. Other medicinal plants and botanical products from the first edition of the Brazilian Official Pharmacopoeia. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 18, p. 127-134, 2008.
32. BRANDON, G. The uses of plants in healing in an Afro-Cuban religion, Santeria. *Journal of Black Studies*, v. 22, n. 1, p. 55-76, 1991.
33. BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). Agrobiodiversidade e diversidade cultural. 2006.
34. BRASIL. Lista de plantas medicinais de interesse ao SUS - RENISUS. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sctie/daf/pnpmf/ppnpmf/plantas-medicinais-de-interesse-ao-sus-2013-renisus>>. Acesso em: 10 jun. 2022. 2021.
35. BRICKELL, C. Royal Horticultural Society AZ encyclopedia of garden plants. Dorling Kindersley. 2003.
36. CAMPOS, S.C. et al. Toxicidade de espécies vegetais. *Revista Brasileira de plantas medicinais*, v. 18, p. 373-382. 2016.
37. CARNEIRO, D.M. et al.. *Equisetum arvense*: scientific evidences for clinical use. 2013.
38. CARNEIRO, D.M. et al. *Equisetum arvense*: new evidences supports medical use in daily clinic. *Pharmacognosy Reviews*, v. 13, n. 26, p. 51, 2019.
39. CARNIELLO, M.A. et al. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta amazonica*, v. 40, p. 451-470. 2010.
40. CASTELLO, A.C.D.; COELHO, S.; CARDOSO-LEITE, E. Lianas, tree ferns and understory species: indicators of conservation status in the Brazilian Atlantic Rainforest remnants, southeastern Brazil. *Brazilian Journal of Biology*, v. 77, n. 2, p. 213-226, 2017.
41. CAVALHEIRO, L.; GUARIM-NETO, G. Ethnobotany and regional knowledge: combining popular knowledge with the biotechnological potential of plants in the Aldeia Velha community, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, Brazil. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas*, v. 17, n. 2. 2018.
42. CHANDRAN, G.; GRACE, S.R.S.; CHAUHAN, J.B. Fern to Pharma: Potential Neuroameliorative Properties of Pteridophytes. In: *Plant and Human Health, Volume 3*. Springer, Cham, p. 195-208. 2019.
43. CHRISTO, A.G. et al. Local knowledge on medicinal plant gardens in a rural community near the Atlantic Rain Forest, southeastern Brazil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 20, n. 4, p. 494-501. 2010.

44. CHRISTO, A.G.; GUEDES-BRUNI, R.R.; FONSECA-KRUEL, V.S. Uso de recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: estudo de caso na Gleba Aldeia Velha. *Rodriguésia*, v. 57, p. 519-542. 2006.
45. COELHO, F.C. et al. Traditional plants used by remaining healers from the region of Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, Brazil. *Journal of religion and health*, v. 58, n. 2, p. 572-588. 2019.
46. CONDE, B.E. et al. Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil. *PLoS One*, v. 12, n. 11, p. e0187599. 2017.
47. CORDEIRO, J.M.P.; FÉLIX, L.P. Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinai*s, v. 16, p. 685-692. 2014.
48. CORETTE-PASA, M. Abordagem etnobotânica na comunidade de Conceição-açu. Mato Grosso, Brasil. *Polibotânica*, n. 31, p. 169-197. 2011.
49. COSTA, V.P.; MAYWORM, M.A.S. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes-município de Extrema, MG, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinai*s, v. 13, p. 282-292. 2011.
50. CREPALDI, M.O.S.; PEIXOTO, A.L. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. *Biodiversity and Conservation*, v. 19, n. 1, p. 37-60, 2010.
51. CUNHA, S.A.; BORTOLOTTI, I.M. Etnobotânica de plantas medicinais no assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 25, p. 685-698, 2011.
52. D’AMARO, V. O retorno triunfal da samambaia. *Revista Elle*. 15 jun. 2021. Disponível em <<https://elle.com.br/lifestyle/a-volta-da-samambaia>>. Acesso em 20 jun. 2022. 2021.
53. DA COSTA FERREIRA, E. et al. Temporal assessment of the medicinal plants trade in public markets of the state of Paraíba, northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 17, n. 1, p. 1-24. 2021.
54. DA COSTA QUINTEIRO, M.M. et al. Inventory and implications of plant use for environmental conservation in Visconde de Mauá, Serra da Mantiqueira, Brazil. *Ethnobotany Research and Applications*, v. 14, p. 027-047. 2015.

55. DA SILVA COLACIO, D. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no município de Buriticupu, MA. *Revista Cubana de Plantas Medicinales*, v. 24, n. 4. 2019.
56. DELLA, A.P.; FALKENBERG, D.B. Pteridophytes as ecological indicators: an overview. *Hoehnea*, v. 46, n. 1, 2019.
57. DE ALMEIDA, C.F.C.B.R. et al. Intracultural variation in the knowledge of medicinal plants in an urban-rural community in the Atlantic Forest from Northeastern Brazil. *Evidence-based complementary and alternative medicine*, v. 2012, 2012.
58. DE BRITO, M.R. et al. Exchange of useful plants between Brazil and England in the second half of the nineteenth century: Glaziou and the botanists of the Royal Botanic Gardens, Kew. *Kew bulletin*, v. 70, n. 1, p. 1-10. 2015.
59. DE QUEIROZ, G.M. et al. Phytochemical characterization, antimicrobial activity, and antioxidant potential of *Equisetum hyemale* L. (Equisetaceae) extracts. *Journal of medicinal food*, v. 18, n. 7, p. 830-834. 2015.
60. DICKEL, M.L.; RATES, S.M.K.; RITTER, M.R. Plants popularly used for losing weight purposes in Porto Alegre, South Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 109, n. 1, p. 60-71. 2007.
61. DORIGONI et al. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, Brasil. I - Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. *Revista Brasileira de Plantas Medicinas*. 2001.
62. EICHEMBERG, M.T.; AMOROZO, M.C.M.; MOURA, L.C. Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil. *Acta botanica brasílica*, v. 23, p. 1057-1075. 2009.
63. ESTADO DE SÃO PAULO. Lei nº 11.754, de 01 de Julho de 2004. Proíbe a industrialização e a comercialização de produtos e artefatos provenientes, direta ou indiretamente, da extração do xaxim "*Dicksonia sellowiana*", no Estado de São Paulo . *Assembléia legislativa do estado de São Paulo (ALESP)*. 2004.
64. FAGG, C.W. et al. Useful Brazilian plants listed in the manuscripts and publications of the Scottish medic and naturalist George Gardner (1812–1849). *Journal of Ethnopharmacology*, v. 161, p. 18-29. 2015.
65. FEITOSA, I.S.; REINALDO, R.C.P.S.; SANTIAGO, A.C.P.; ALBUQUERQUE, U.P. *Equisetum giganteum* L. In: *Medicinal and Aromatic Plants of South America*. Dordrecht: Springer, p. 219-225. 2018.

66. FENNER, R. et al. Plantas utilizadas na medicina popular brasileira com potencial atividade antifúngica. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, v. 42, p. 369-394. 2006.
67. FERNANDES, P.; BOFF, P. Medicinal plants in the family farms of rural areas in southern Brazil: ecological and ethnobotanical aspects. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas*, v. 16, n. 5, p. 493-505. 2017.
68. FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2022.
69. FUJINO, D.W.; REID, M.S. Factors affecting the vase life of fronds of maidenhair fern. *Scientia Horticulturae*, 21(2), 181–188. 1983.
70. GANDOLFO, E.S.; HANAZAKI, N. Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC). *Acta Botanica Brasilica*, v. 25, p. 168-177. 2011.
71. GARCIA, D.; DOMINGUES, M.V.; RODRIGUES, E. Ethnopharmacological survey among migrants living in the southeast Atlantic forest of Diadema, São Paulo, Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 6, n. 1, p. 1-19. 2010.
72. GARROTE, V. et al. Os quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty (RJ). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.
73. GEERTSMA, I.P. et al. What's in a name? Revisiting medicinal and religious plants at an Amazonian market. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 17, n. 1, p. 1-15, 2021.
74. GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
75. GIORGETTI, M.; NEGRI, G.; RODRIGUES, E. Brazilian plants with possible action on the central nervous system—a study of historical sources from the 16th to 19th century. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 109, n. 2, p. 338-347. 2007.
76. GIRI, P; UNİYAL, P.L. Edible Ferns in India and Their Medicinal Uses: A Review. *Proceedings of the National Academy of Sciences, India Section B: Biological Sciences* 92(1):17–25. 2022.
77. GRANDI, T.S.M. et al. Plantas medicinais de minas gerais, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 3, p. 185-224. 1989.
78. GUARIM NETO, G.; MORAIS, R.G. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. *Acta Botanica Brasilica*, v. 17, p. 561-584. 2003.

79. GUEDES, R.R. et al. Plantas utilizadas em rituais afro-brasileiros no Estado do Rio de Janeiro-um ensaio Etnobotânico. *Rodriguésia*, v. 37, p. 03-09. 1985.
80. GUIMARÃES, B.O.; OLIVEIRA, A.P.; MORAIS, I.L. Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba-Ana Laura, Piracanjuba, GO. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 8, n. 3, p. 196-220. 2019.
81. HO, R. et al. Ferns: from traditional uses to pharmaceutical development, chemical identification of active principles. In: *Working with Ferns*. Springer, New York, NY, p. 321-346. 2011.
82. HOJO-SOUZA, N.S.; CARNEIRO, C.M.; SANTOS, R.C. *Pteridium aquilinum*: o que sabemos e o que ainda falta saber. *Bioscience Journal*, v. 26, n. 5, p. 798-808, 2010.
83. INSTITUTO DE BOTÂNICA (IBOT - SÃO PAULO). Lista das espécies da flora ameaçada no estado de São Paulo. 2016. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/institutodebotanica/2016/06/especies-da-flora-ameacadas-de-extincao-no-estado-de-sao-paulo/>. Acesso em 10 set. 2020.
84. IUCN 2020. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2020-2. Disponível em <https://www.iucnredlist.org>. Acesso em 10 set. 2020.
85. JESUS, N.Z.T. et al. Levantamento etnobotânico de plantas popularmente utilizadas como antiúlcera e antiinflamatórias pela comunidade de Pirizal, Nossa Senhora do Livramento-MT, Brasil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 19, p. 130-139. 2009.
86. KARDONG, D.; UPADHYAYA, S.; SAIKIA, L. R. Screening of phytochemicals, antioxidant and antibacterial activity of crude extract of *Pteridium aquilinum* Kuhn. *Journal of pharmacy research*, v. 6, n. 1, p. 179-182, 2013.
87. KINUPP, V.F.; LORENZI, H.J. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. 2014.
88. LEITÃO, F. et al. Urban ethnobotany in Petrópolis and Nova Friburgo (Rio de Janeiro, Brazil). *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 19, p. 333-342, 2009.
89. LIU, Y.; WUJISGULENG, W.; LONG, C. Food uses of ferns in China: a review. *Acta Societatis Botanicorum Poloniae*, v. 81, n. 4, 2012.
90. LOOSER, G.; RODRÍGUEZ, R. Los helechos medicinales de Chile y sus nombres vulgares. *Gayana Botánica*, v. 61, n. 1, p. 1-5, 2004.
91. LOPES CORREA, A.C. Avaliação da atividade anti-inflamatória da pomada e do extrato etanólico bruto da *Equisetum pyramidale* Goldn nas lesões cutâneas de ratos normais e diabéticos no processo de reparação tecidual. Dissertação de Mestrado -

- Programa de Pós-graduação em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. 2010.
92. LORENZI, H.; SOUZA, H.M. Plantas ornamentais do Brasil. Nova Odessa: Plantarum, 2001.
 93. LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. Plantas medicinais do Brasil: nativas e exóticas. Nova Odessa: Plantarum, 2008.
 94. LORENZI, H.; MATOS, F.J.A.; SANTOS, L.F.L. Plantas Tóxicas - Estudo de Fitotoxicologia Química de Plantas Brasileiras. Plantarum. 2011.
 95. LORENZI, H. Plantas para jardim no Brasil: herbáceas, arbustivas e trepadeiras. Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda, 2015.
 96. ZENI, A.L.B.; BOSIO, F. O uso de plantas medicinais em uma comunidade rural de Mata Atlântica-Nova Rússia, SC. *Neotropical Biology & Conservation*, v. 6, n. 1, 2011.
 97. MACEDO, T.S.; NONATO, F.R. Levantamento das pteridófitas ornamentais na cidade de Salvador, Bahia. *SITIENTIBUS série Ciências Biológicas*, v. 9, n. 4, p. 255-262, 2009.
 98. MAIA, A.C.P. et al. Comparing ethnobotanical knowledge of medicinal plants between community health workers and local experts in the “Mata da Paraíba” zone, northeastern Brazil. *Biodiversitas Journal of Biological Diversity*, v. 22, n. 12, 2021.
 99. MAIOLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V.S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. *Acta Botanica Brasilica*, v. 21, p. 263-275, 2007.
 100. MANNAN, M.M.; MARIDASS, M.; VICTOR, B. A review on the potential uses of ferns. *Ethnobotanical leaflets*, v. 2008, n. 1, p. 33, 2008.
 101. MARCHESI, J.A. et al. Medicinal plants used by "Passo da Ilha" rural community in the city of Pato Branco, southern Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 81, p. 691-700, 2009.
 102. MARINHO, M.G.V.; SILVA, C.C.; ANDRADE, L.H.C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 13, p. 170-182, 2011.
 103. MARODIN, S.M.; BAPTISTA, L.R.M. Plantas medicinais do Município de Dom Pedro de Alcântara, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil: espécies, famílias e usos em três grupos da população humana. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 5, n. 1, p. 1-9, 2002.

104. MARTINELLI, G.; MORAES, M.A. Livro vermelho da flora do Brasil. (ed.) Rio de Janeiro, Andrea Jakobsson: Instituto de Pesquisas do Rio de Janeiro. 2013.
105. MEDEIROS, M.F.T.; ANDREATA, R.H.P.; VALLE, L.S. Identificação de termos oitocentistas relacionados às plantas medicinais usadas no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 24, p. 780-789, 2010.
106. MEHLTRETER, K.; WALKER, L.R.; SHARPE, J.M. (Ed.). *Fern ecology*. Cambridge University Press, 2010.
107. MELLO, M.; BUDEL, J.M. *Equisetum L.(Equisetaceae): uma revisão*. Cadernos da Escola de Saúde, v. 1, n. 9, 2013.
108. MELO, S.; LACERDA, V.D.; HANAZAKI, N. Espécies de restinga conhecidas pela comunidade do pântano do sul. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2008.
109. MENETRIER, J.V. et al. Ethnomedicinal plants used for the treatment of cardiovascular diseases by healers in the southwestern state of paraná, brazil, and their validation based on scientific pharmacological data. *Journal of religion and health*, v. 59, n. 6, p. 3004-3036, 2020.
110. MERÉTIKA, A.H.C.; PERONI, Nivaldo; HANAZAKI, Natalia. Local knowledge of medicinal plants in three artisanal fishing communities (Itapoá, Southern Brazil), according to gender, age, and urbanization. *Acta Botanica Brasilica*, v. 24, p. 386-394, 2010.
111. MESSIAS, M.C.T.B. et al. Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. *Revista brasileira de plantas medicinais*, v. 17, n. 1, p. 76-104, 2015.
112. MILLION, J.L. et al. Plantas medicinais e ritualísticas dos Kaiowá do Tekoha Taquara como contribuição para a demarcação da terra ancestral, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Rodriguésia*, v. 71, 2020.
113. MILTON, S.J.; MOLL, E.J. Effects of harvesting on frond production of *Rumohra adiantiformis* (Pteridophyta: Aspidiaceae) in South Africa. *Journal of Applied Ecology*, p. 725-743, 1988.
114. MINARCHENKO, V.M. et al. A review of the medicinal ferns of Ukraine. *Scripta Scientifica Pharmaceutica*, v. 4, n. 1, p. 7-23, 2017.
115. MONTEIRO, J.M. et al. Dynamics of medicinal plants knowledge and commerce in an urban ecosystem (Pernambuco, Northeast Brazil). *Environmental Monitoring and Assessment*, v. 178, n. 1, p. 179-202, 2011.

116. MOREIRA, D.L.; GUARIM-NETO, G. Usos múltiplos de plantas do cerrado: um estudo etnobotânico na comunidade Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. *Polibotânica*, n. 27, p. 159-190, 2009.
117. MUHAMMAD, M. et al. Medicinal use of ferns: an ethnobotanical review. *Sains Malays*, v. 49, n. 5, p. 1003-1014, 2020.
118. NEGRELLE, R. R. B. et al. Estudo etnobotânico junto à Unidade Saúde da Família Nossa Senhora dos Navegantes: subsídios para o estabelecimento de programa de fitoterápicos na Rede Básica de Saúde do Município de Cascavel (Paraná). *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v. 9, n. 3, p. 6-22, 2007.
119. NEGRELLE, R.R.B.; FORNAZZARI, K.R.C. Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guaratuba (Paraná, Brasil). *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v. 9, n. 2, p. 36-54, 2007.
120. NONATO, F.R. et al.. Antiinflammatory and antinociceptive activities of *Blechnum occidentale* L. extract. *Journal of ethnopharmacology*, v. 125, n. 1, p. 102-107, 2009.
121. NOVAKOWSKI, G.C.; FURLANETTO, P.N.C.; CORREA, E.A. Medicina popular em Mandaguaçu, Estado do Paraná: uma abordagem etnobotânica. *Acta Scientiarum: Biological Sciences*, 2012.
122. NUNES, G.P. et al. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 13, p. 83-92, 2003.
123. OLIVEIRA, E.R.; MENINI-NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte-MG. *Revista Brasileira de plantas medicinais*, v. 14, p. 311-320, 2012.
124. OLIVEIRA, F.C. et al. Avanços na pesquisa etnobotânica no Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, v. 23, n. 2, p. 590-605, 2009.
125. OLIVEIRA, H.B.; KFFURI, C.W.; CASALI, V.W.D. Ethnopharmacological study of medicinal plants used in Rosário da Limeira, Minas Gerais, Brazil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 20, p. 256-260, 2010.
126. OLIVEIRA, S.G.D. et al. An ethnomedicinal survey on phytotherapy with professionals and patients from Basic Care Units in the Brazilian Unified Health System. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 140, n. 2, p. 428-437, 2012.
127. PAGANI, E.; SANTOS, J.F.L.; RODRIGUES, E. Culture-Bound Syndromes of a Brazilian Amazon Riverine population: Tentative correspondence between traditional

- and conventional medicine terms and possible ethnopharmacological implications. *Journal of ethnopharmacology*, v. 203, p. 80-89, 2017.
128. PARENTE, C.E.T.; DA ROSA, M.M.T. Plantas comercializadas como medicinais no Município de Barra do Piraí, RJ. *Rodriguésia*, v. 52, p. 47-59, 2001.
129. PASA, M.C.; SOARES, J.J.; GUARIM-NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta botânica brasílica*, v. 19, p. 195-207, 2005.
130. PECKOLT, T.; PECKOLT, G. História das plantas úteis e medicinais do Brasil. *Fino Traço*, v. 1, 2016.
131. PEDROLLO, C.T. et al. Medicinal plants at Rio Jauaperi, Brazilian Amazon: Ethnobotanical survey and environmental conservation. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 186, p. 111-124, 2016.
132. PILLA, M.A.C.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 20, p. 789-802, 2006.
133. PILLA, M.A.C.; AMOROZO, M.C.M. O conhecimento sobre os recursos vegetais alimentares em bairros rurais no Vale do Paraíba, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 23, p. 1190-1201, 2009.
134. PIO CORRÊA, M. Dicionário de Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas. Vol. I. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1926.
135. PIO CORRÊA, M. Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas, Vol. II. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1931.
136. PIO CORRÊA, M. Dicionário de Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas. Vol. III. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1952.
137. PIO CORRÊA, M. Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas, Vol. IV. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1969.
138. PIO CORRÊA, M. Dicionário de Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas. Vol. V. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1974.
139. PIO CORRÊA, M. Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas, Vol. VI. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1975.
140. PIZZILO, V.R. et al. Plantas com possível atividade hipolipidêmica: uma revisão bibliográfica de livros editados no Brasil entre 1998 e 2008. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 13, p. 98-109, 2011.

141. POHL, R.W. Toxicity of ferns and Equisetum. American Fern Journal 45(3):95-97. 1955.
142. PPG I. A community-derived classification for extant lycophytes and ferns. Journal of Systematics and Evolution, v. 54, n. 6, p. 563-603, 2016.
143. PRADO, J.; SYLVESTRE, L.S. As samambaias e licófitas do Brasil. Catálogo de plantas e fungos do Brasil, v. 1, p. 69-74, 2010.
144. PRYER, K.M. et al.. Horsetails and ferns are a monophyletic group and the closest living relatives to seed plants. Nature, v. 409, n. 6820, p. 618-622, 2001.
145. PRYER, K.M. et al.. Phylogeny and evolution of ferns (monilophytes) with a focus on the early leptosporangiate divergences. American Journal of Botany, v. 91, n. 10, p. 1582-1598, 2004.
146. RANGEL, C.F.C.B. et al. A comparison of knowledge about medicinal plants for three rural communities in the semi-arid region of northeast of Brazil. Journal of Ethnopharmacology, v. 127, n. 3, p. 674-684, 2010.
147. RANIL, R.H.G.; BUSSMANN, R.W. Potential uses of Lycophytes and Ferns in Sri Lanka: an ethnopteridological perspective. Ethnobotany Research and Applications, v. 21, n. 36, p. 1-11, 2021.
148. RANKER, T.A.; HAUFLER, C.H. Biology and evolution of ferns and lycophytes. Cambridge University Press, 2008.
149. REINALDO, R.C.P.S. et al.. Do ferns and lycophytes function as medicinal plants? A study of their low representation in traditional pharmacopoeias. Journal of Ethnopharmacology, v. 175, p. 39-47, 2015.
150. REINALDO, R.C.P.S. et al.. *Adiantum raddianum* C. Presl. In: Medicinal and Aromatic Plants of South America. Springer, Dordrecht, p. 89-96. 2018.
151. RIBAS, R.P.; SEVERO, C.M.; MIGUEL, L.A. Agricultura familiar, extrativismo e sustentabilidade: o caso dos "samambaieiros" do litoral norte do Rio Grande do Sul. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 45, n. 1, p. 205-226, 2007.
152. RIBEIRO, D.A. et al. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v. 16, p. 912-930, 2014.
153. RIBEIRO, R.V. et al. Ethnobotanical study of medicinal plants used by Ribeirinhos in the North Araguaia microregion, Mato Grosso, Brazil. Journal of ethnopharmacology, v. 205, p. 69-102, 2017.

154. RICARDO, L.M. et al. Plants from the Brazilian traditional medicine: species from the books of the Polish physician Piotr Czerniewicz (Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, 1812–1881). *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 27, n. 3, p. 388-400, 2017.
155. RIET-CORREA, F. MEDEIROS, R.M.T; PFISTER, J.A.; MENDONÇA, F.S. Toxic plants affecting the nervous system of ruminants and horses in Brazil. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, v. 37, n. 12, p. 1357-1368. 2017.
156. RITTER, M.R. et al. Bibliometric analysis of ethnobotanical research in Brazil (1988-2013). *Acta Botanica Brasilica*, v. 29, p. 113-119, 2015.
157. RITTER, M.R. et al. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 12, p. 51-62, 2002.
158. RODRÍGUEZ, M.A. et al. Marcgrave and Piso's plants for sale: The presence of plant species and names from the *Historia Naturalis Brasiliae* (1648) in contemporary Brazilian markets. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 259, p. 112911, 2020.
159. ROGÉRIO, I.T.S. et al. Anthropogenic impact on a protected area, Rio Doce Park. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas*, v. 15, n. 4, p. 233-248, 2016.
160. ROQUE, A.A.; LOIOLA, M.I.B. Potencial de uso dos recursos vegetais em uma comunidade rural no semiárido potiguar. *Revista Caatinga*, v. 26, n. 4, p. 88-98, 2013.
161. ROQUE, A.A.; ROCHA, R.M.; LOIOLA, M.I.B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). *Revista brasileira de plantas medicinais*, v. 12, p. 31-42, 2010.
162. SANTOS, E.A.; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento etnobotânico de moradores do Sítio Histórico de Olinda, Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade. *Rodriguésia*, v. 71, 2020.
163. SANTOS, J.A.; SILVEIRA, A.P.; GOMES, V.S. Knowledge and use of the flora in a Quilombola community of Northeastern Brazil. *Floresta e Ambiente*, v. 26, 2019.
164. SANTOS, J.F.L. et al. Observations on the therapeutic practices of riverine communities of the Unini River, AM, Brazil. *Journal of ethnopharmacology*, v. 142, n. 2, p. 503-515, 2012.
165. SANTOS, M.G.; SYLVESTRE, L.S. Aspectos florísticos e econômicos das pteridófitas de um afloramento rochoso do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 20, n. 1, p. 115-124, 2006.

166. SANTOS, M.G.; KELECOM, A.; PAIVA, S.R.; MORAES, M.G.; ROCHA, L.; GARRETT, R. Phytochemical studies in pteridophytes growing in Brazil: A review. *Am. J. Plant Sci. Biotechnology*, v. 4, p. 113-125, 2010.
167. SANTOS-SILVA, D.L. et al. Potencial ornamental de samambaias e licófitas no Leste do Maranhão, Brasil. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. e278974087-e278974087, 2020.
168. SANTOS, T.A.C.; BARROS, F.B. Each person has a science of planting: plants cultivated by quilombola communities of Bocaina, Mato Grosso State, Brazil. *Hoehnea*, v. 44, p. 211-235, 2017.
169. SÁTIRO, L.N.; VIEIRA, J.H.; DA ROCHA, D.F. Uso místico, mágico e medicinal de plantas nos rituais religiosos de candomblé no agreste alagoano. *Revista Ouricuri*, v. 9, n. 2, p. 045-061, 2019.
170. SAUINI, T. et al. Participatory methods on the recording of traditional knowledge about medicinal plants in Atlantic forest, Ubatuba, São Paulo, Brazil. *PLoS One*, v. 15, n. 5, p. e0232288, 2020.
171. SCARPA, G.F.; CASSA, L.A. *Etnobotánica de los helechos (Ophioglossidae, Equisetidae y Polypodiidae) en Argentina: recopilación y análisis entre grupos criollos e indígenas*. 2015.
172. SCHIAVO, M. et al. Conhecimento sobre plantas medicinais por mulheres em processo de envelhecimento. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, v. 38, n. 1, p. 45-60, 2017.
173. SHARPE, J.M. Fern ecology and climate change. *Indian Fern Journal* 36:179-199. 2019.
174. SILVA, V.A.; ANDRADE, L.H.C. *Etnobotânica xucuru: espécies místicas*. *Biotemas*, v. 15, n. 1, p. 45-57, 2001.
175. SILVA, A.J.R.; ANDRADE, L.H.C. *Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral-Mata do Estado de Pernambuco, Brasil*. *Acta botanica brasílica*, v. 19, p. 45-60, 2005.
176. SILVA, M.A.B. et al. Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas como anti-hiperlipidêmicas e anorexígenas pela população de Nova Xavantina-MT, Brasil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 20, p. 549-562, 2010.
177. SILVA, L.H.P.; COSTA, F.N.; MURTA, N.M.G. “Not just useless bush”: food culture and spontaneous plants in the Jequitinhonha Valley, Minas Gerais/Brazil. *Ambiente & Sociedade*, v. 24, 2021.

178. SIVIERO, A. et al. Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 9, p. 797-813, 2014.
179. SMITH, A.R. et al. A classification for extant ferns. Taxon, v. 55, n. 3, p. 705-731, 2006.
180. SOUZA, G.C.; KUBO, R.; GUIMARÃES, L.; ELISABETSKY, E. An ethnobiological assessment of *Rumohra adiantiformis* (samambaia-preta) extractivism in Southern Brazil. Biodiversity & Conservation, v.15, n.8, p. 2737–2746. 2006.
181. SOUZA, L.F. et al. Plantas medicinais referenciadas por raizeiros no município de Jataí, estado de Goiás. Revista brasileira de plantas medicinais, v. 18, p. 451-461, 2016.
182. SPENCER, V.; NEMEC VENZA, Z.; HARRISON, C.J.. What can lycophytes teach us about plant evolution and development? Modern perspectives on an ancient lineage. Evolution & Development, v. 23, n. 3, p. 174-196, 2021.
183. SUJARWO, W.; LUGRAYASA, N.; CANEVA, G. Ethnobotanical study of edible ferns used in Bali, Indonesia. Asia Pacific Journal of Sustainable Agriculture, Food and Energy, v. 2, n. 2, p. 1-4, 2014.
184. TEIXEIRA, G.; MACIEL, S.; PIETROBOM, M.R. Potencial utilitário de licófitas e samambaias: aplicabilidade ao contexto amazônico. Biota Amazônia, v. 5, n. 1, p. 68-73, 2015.
185. TEIXEIRA, M.P. et al. Ethnobotany and antioxidant evaluation of commercialized medicinal plants from the Brazilian Pampa. Acta Botanica Brasilica, v. 30, p. 47-59, 2016.
186. TEIXEIRA, S.A.; DE MELO, J.I.M.. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. Iheringia, Série Botânica., v. 61, n. 1/2, p. 5-11, 2006.
187. TNG, David Y.P. et al. Gender differences in plant use knowledge within a traditional fishing community in northeastern Brazil. Ethnobot Res Appl, v. 21, p. 1-36, 2021.
188. TOKARNIA, C.H.. Plantas tóxicas do Brasil para animais de produção. Ed. Helianthus, 2012.
189. TOMCHINSKY, B. et al. Ethnobotanical study of antimalarial plants in the middle region of the Negro River, Amazonas, Brazil. Acta Amazonica, v. 47, p. 203-212, 2017.
190. TRAVASSOS, C.C.; JARDIM, M.A.G.; MACIEL, S. Florística e ecologia de samambaias e licófitas como indicadores de conservação ambiental. Biota Amazônia, v. 4, n. 4, p. 40-44, 2014.

191. TRIBESS, B. et al. Ethnobotanical study of plants used for therapeutic purposes in the Atlantic Forest region, Southern Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 164, p. 136-146, 2015.
192. TULER, A.C.; DA SILVA, N.C.B. Women's ethnomedicinal knowledge in the rural community of São José da Figueira, Durandé, Minas Gerais, Brazil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 24, p. 159-170, 2014.
193. ULIAN, C.M.V.; BAPTISTA, A.A.S.; VENTURA, R.F.A.; SAKATE, M. *Pteridium aquilinum* na alimentação humana: uma revisão. *Acta Veterinaria Brasilica*, v. 4, n. 2, p. 64-69, 2010.
194. USTULIN, M. et al. Plantas medicinais comercializadas no mercado municipal de Campo Grande-MS. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 19, p. 805-813, 2009.
195. VAN LUIJK, N.; SOLDATI, G.T.; DA FONSECA-KRUEL, V.S. The role of schools as an opportunity for transmission of local knowledge about useful Restinga plants: experiences in southeastern Brazil. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 17, n. 1, p. 1-13, 2021.
196. VENDRUSCOLO, G.S.; MENTZ, L.. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 20, p. 367-382. 2006.
197. VENDRUSCOLO, G.S.; MENTZ, L.A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Iheringia, Série Botânica*. v. 61, n. 1/2, p. 83-103, 2006.
198. VERGER, Pierre. *Ewé - o uso das plantas na sociedade iorubá*. Odebrecht, 1995.
199. VETTER, J. Toxicological and medicinal aspects of the most frequent fern species, *Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn. In: *Working with Ferns*. Springer, New York, U.S.A. Pp. 361-375. 2011.
200. WRIGHT, C. I.; VAN-BUREN, L.; KRONER, C.I.; KONING, M.M.G. Herbal medicines as diuretics: a review of the scientific evidence. *Journal of ethnopharmacology*, v. 114, n. 1, p. 1-31. 2007.
201. WOLVERTON, S.; NOLAN, J.M.; AHMED, W. Ethnobiology, political ecology, and conservation. *Journal of Ethnobiology*, v. 34, n. 2, p. 125-152. 2014.
202. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO) (2019). *International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems (11th ed.)*. Disponível em: <https://icd.who.int/>

203. ZUCHIWSCHI, E. et al. Limitações ao uso de espécies florestais nativas pode contribuir com a erosão do conhecimento ecológico tradicional e local de agricultores familiares. *Acta Botanica Brasilica*, v. 24, p. 270-282, 2010.

204. Anexos

Tabela 1. Fontes bibliográficas

Nº	Ano	Título	Autores
1	2021	What's in a name? Revisiting medicinal and religious plants at an Amazonian market	Geertsma IP, Françoze M, Van Andel T, Rodríguez MA
2	2021	Temporal assessment of the medicinal plants trade in public markets of the state of Paraíba, northeastern Brazil	Ferreira EC, Lucena RFP, Bussmann RW, Paniagua-Zambrana NY, Cruz DD
3	2021	The role of schools as an opportunity for transmission of local knowledge about useful Restinga plants: experiences in southeastern Brazil	Van Luijk N, Soldati GT, Fonseca-Kruel VS
4	2021	“Not just useless bush”: food culture and spontaneous plants in the Jequitinhonha Valley, Minas Gerais/Brazil	Silva LHP, Costa FN, Murta NMG
5	2021	Comparing ethnobotanical knowledge of medicinal plants between community health workers and local experts in the “Mata da Paraíba” zone, northeastern Brazil	Maia ACP, Ferreira EC, Lucena CM, Sousa AS, Cruz DD, Lucena RFP
6	2021	Gender differences in plant use knowledge within a traditional fishing community in northeastern Brazil	Tng DYP, Apgaua DMG, Lisboa MDS, El-Hani CN
7	2020	Plantas medicinais usadas em uma comunidade do Noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil	Bremm N, Ramos RF, Nilles JH, Pivetta CP, Pelegrin CMG
8	2020	Plantas medicinais e ritualísticas dos Kaiowá do Tekoha Taquara como contribuição para a demarcação da terra ancestral, Mato Grosso do Sul, Brasil	Million JL, Veron V, Vilharva KN, Cáceres NV, Oliveira RC
9	2020	Conhecimento etnobotânico de moradores do Sítio Histórico de Olinda, Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade	Santos EA, Andrade LHC
10	2020	Participatory methods on the recording of traditional knowledge about medicinal plants in Atlantic forest, Ubatuba, São Paulo, Brazil	Sauini T, Fonseca-Kruel VS, Yazbek PB, Matta P, Cassas F, Cruz C, Barretto EHP, Santos MA, Gomes MAS, Garcia RJF, Honda S, Passero LFD, Conde BE, Rodrigues E
11	2019	Uso místico, mágico e medicinal de plantas nos rituais religiosos de Candomblé no agreste alagoano	Sátiro LN, Vieira JH, Rocha DF
12	2019	Knowledge and Use of the Flora in a Quilombola Community of Northeastern Brazil	Santos JA, Silveira AP, Gomes VS
13	2019	Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO	Guimarães BO, Oliveira AP, Morais IL

- 14 2019 Ethnomedicinal Plants Used for the Treatment of Cardiovascular Diseases by Healers in the Southwestern State of Paraná, Brazil, and Their Validation Based on Scientific Pharmacological Data Menetrier JV, Bonkoski VR, Medeiros KA, Estevan DA, Palozi RAC, Lívero FAR, Velasquez LG, Lourenço ELB, Junior AG
- 15 2019 Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no município de Buriticupu Colacio DS, Cajaiba RL, Sousa LA, Martins JSC, Sousa ES
- 16 2018 Estudo etnobotânico em comunidades rurais de Sinop, Mato Grosso, Brasil Barreto MR, Spanholi ML
- 17 2018 Ethnobotany and regional knowledge: combining popular knowledge with the biotechnological potential of plants in the Aldeia Velha community, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, Brazil Cavalheiro L, Guarim-Neto G
- 18 2018 Traditional Plants Used by Remaining Healers from the Region of Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, Brazil Coelho FC, Tirloni CAS, Marques AAM, Gasparotto FM, Lívero FAR, Junior AG
- 19 2017 Ethnobotanical study of medicinal plants used by Ribeirinhos in the North Araguaia microregion, Mato Grosso, Brazil Ribeiro RV, Bieski IGC, Balogun SO, Martins DTO
- 20 2017 Ethnobotanical study of antimalarial plants in the middle region of the Negro River, Amazonas, Brazil Tomchinsky B, Ming LC, Kinupp VF, Hidalgo AF, Chaves FCM
- 21 2017 Each person has a science of planting: plants cultivated by quilombola communities of Bocaina, Mato Grosso State, Brazil Santos TAC, Barros FB
- 22 2017 Medicinal plants in the family farms of rural areas in southern Brazil: ecological and ethnobotanical aspects Fernandes P, Boff P
- 23 2017 Conhecimento sobre plantas medicinais por mulheres em processo de envelhecimento Schiavo M, Gelatti GT, Oliveira KR, Bandeira VAC, Colet CF
- 24 2017 Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization Ávila JVC, Mello AS, Beretta ME, Trevisan R, Fiaschi P, Hanazaki N
- 25 2017 Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil Conde BE, Ticktin T, Fonseca AS, AL Macedo, Orsi TO, Chedier LM, Rodrigues E, Pimenta DS
- 26 2017 Culture-Bound Syndromes of a Brazilian Amazon Riverine population: Tentative correspondence between traditional and conventional medicine terms and possible ethnopharmacological implications Pagani E, Santos JFL, Rodrigues E
- 27 2016 Plantas medicinais referenciadas por raizeiros no município de Jataí, estado de Goiás Souza LF, Dias RF, Guilherme FAG, Coelho CP
- 28 2016 Ethnobotany and antioxidant evaluation of commercialized medicinal plants from the Brazilian Pampa Teixeira MP, Cruz L, Franco JL, Vieira RB, Stefenon VM
- 29 2016 Anthropogenic impact on a protected area, Rio Doce Park Rogério ITS, Conde BE, Siqueira AM, Chedier LM, Pimenta DS

- 30 2016 Medicinal plants at Rio Jauaperi, Brazilian Amazon: Ethnobotanical survey and environmental conservation Pedrollo CT, Kinupp VF, Shepard Jr G, Heinrich M
- 31 2015 Do ferns and lycophytes function as medicinal plants? A study of their low representation in traditional pharmacopoeias Reinaldo RCPS, Santiago ACP, Medeiros PM, Albuquerque UP
- 32 2015 Diversidade e equitabilidade de Plantas Alimentícias Não Convencionais na zona rural de Viçosa, Minas Gerais, Brasil Barreira TF, Paula Filho GX, Rodrigues VCC, Andrade FMC, Santos RHS, Priore SE, Pinheiro-Sant'ana HM
- 33 2015 Inventory and Implications of Plant Use for Environmental Conservation in Visconde de Mauá, Serra da Mantiqueira, Brazil Quinteiro MMC, Tamashiro AMG, Santos MG, Pinto LJS, Moraes MG
- 34 2015 Ethnobotanical study of plants used for therapeutic purposes in the Atlantic Forest region, Southern Brazil Tribess B, Pintarelli GM, Bini LA, Camargo A, Funez LA, Gasper AL, Zeni ALB
- 35 2015 Ethnobotanical study of medicinal plants by population of Valley of Juruena Region, Legal Amazon, Mato Grosso, Brazil Bieski IGC, Leonti M, Arnason JT, Ferrier J, Rapinski M, Violante IMP, Balogun SO, Pereira JFCA, Figueiredo RCF, Lopes CRAS, Silva DR, Pacini A, Albuquerque UP, Martins DTO
- 36 2014 Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil Ribeiro DA, Macedo DG, Oliveira LGS, Saraiva ME, Oliveira SF, Souza MMA, Menezes IRA
- 37 2014 Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil Cordeiro JMP, Felix LP
- 38 2014 Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil Messias MCTB, Menegatto MF, Prado ACC, Santos BR, Guimarães MFM
- 39 2014 Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil Siviero A, Delunardo TA, Haverroth M, Oliveira LC, Roman ALC, Mendonça AMS
- 40 2014 Women's ethnomedicinal knowledge in the rural community of São José da Figueira, Durandé, Minas Gerais, Brazil Tuler AC, Silva NCB
- 41 2014 Species with medicinal and mystical-religious uses in São Francisco do Conde, Bahia, Brazil: a contribution to the selection of species for introduction into the local Unified Health System Almeida MZ, Léda PHO, Da Silva MQOR, Pinto A, Lisboa M, Guedes MLML, Peixoto AL
- 42 2014 Ethno-medicinal study of plants used for treatment of human ailments, with residents of the surrounding region of forest fragments of Paraná, Brazil Bolson M, Hefler SR, Chaves EIDO, Junior AG, Junior ELC
- 43 2013 Traditional botanical knowledge of artisanal fishers in southern Brazil Baptista MM, Ramos MA, Albuquerque UP, Coelho-de-Souza G, Ritter MR
- 44 2013 Potencial de uso dos recursos vegetais em uma comunidade rural no semiárido potiguar Roque AA, Loiola MIB

- 45 2012 Medicina popular em Mandaguaçu, Estado do Paraná: uma abordagem etnobotânica Furlanetto PNC, Novakowski GC, Correa EA
- 46 2012 Intracultural Variation in the Knowledge of Medicinal Plants in an Urban-Rural Community in the Atlantic Forest from Northeastern Brazil Almeida CFCBR, Ramos MA, Silva RRV, Melo JG, Medeiros MFT, Araujo TAS, Almeida ALS, Amorim ELC, Alves RRN, Albuquerque UP
- 47 2012 Observations on the therapeutic practices of riverine communities of the Unini River, AM, Brazil Santos JFL, Pagani E, Ramos J, Rodrigues E
- 48 2012 An ethnomedicinal survey on phytotherapy with professionals and patients from Basic Care Units in the Brazilian Unified Health System Oliveira SGD, Moura FRR, Demarco FF, Nascente PS, Del Pino FAB, Lund RG
- 49 2012 Ethnopharmacology of Medicinal Plants of the Pantanal Region (Mato Grosso, Brazil) Bieski IGC, Santos FR, Oliveira RM, Espinosa MM, Macedo M, Albuquerque UP, Martins DTO
- 50 2011 Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil Cunha SA, Bortolotto IM
- 51 2011 Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC) Gandolfo ES, Hanazaki N
- 52 2011 Abordagem etnobotânica na comunidade de Conceição-Açu. Mato Grosso, Brasil Corette-Pasa M
- 53 2011 Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil Marinho MGV, Silva CC, Andrade LHC
- 54 2011 Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes - município de Extrema, MG, Brasil Costa VP, Mayworm MAS
- 55 2011 Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte - MG Oliveira ER, Menini Neto L
- 56 2011 O uso de plantas medicinais em uma comunidade rural de Mata Atlântica – Nova Rússia, SC Zeni ALB, Bosio F
- 57 2011 Dynamics of medicinal plants knowledge and commerce in an urban ecosystem (Pernambuco, Northeast Brazil) Monteiro JM, Ramos MA, Araújo EL, Amorim ELC, Albuquerque UP
- 58 2010 Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas como anti-hiperlipidêmicas e anorexígenas pela população de Nova Xavantina-MT, Brasil Silva MAB, Melo LVL, Ribeiro RV, Souza JPM, Lima JCS, Martins DTO, Silva RM
- 59 2010 Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica Carniello MA, Silva RS, Cruz MAB, Guarim-Neto G

- 60 2010 Limitações ao uso de espécies florestais nativas podem contribuir com a erosão do conhecimento ecológico tradicional e local de agricultores familiares Zuchiwschi E, Fantini AC, Alves AC, Peroni N
- 61 2010 Local knowledge on medicinal plant gardens in a rural community near the Atlantic Rain Forest, southeastern Brazil Christo AG, Guedes-Bruni RR, Silva AG
- 62 2010 Local knowledge of medicinal plants in three artisanal fishing communities (Itapoá, Southern Brazil), according to gender, age, and urbanization Merétika AHC, Peroni N, Hanazaki N
- 63 2010 Ethnopharmacological study of medicinal plants used in Rosário da Limeira, Minas Gerais, Brazil Oliveira HB, Kffuri CW, Casali VWD
- 64 2010 Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil) Roque AA, Rocha RM, Loiola MIB
- 65 2010 Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil Crepaldi MOS, Peixoto AL
- 66 2010 Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES Albertasse PD, Thomaz LD, Andrade MA
- 67 2010 A comparison of knowledge about medicinal plants for three rural communities in the semi-arid region of northeast of Brazil Almeida CFCBR, Ramos MA, Amorim ELC, Albuquerque UP
- 68 2010 Ethnopharmacological survey among migrants living in the Southeast Atlantic Forest of Diadema, São Paulo, Brazil Garcia D, Domingues MV, Rodrigues E
- 69 2009 Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil Eichenberg MT, Amorozo MCM, Moura LC
- 70 2009 Usos múltiplos de plantas do cerrado: um estudo etnobotânico na comunidade sítio pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil Moreira DL, Guarim-Neto G
- 71 2009 Urban ethnobotany in Petrópolis and Nova Friburgo (Rio de Janeiro, Brazil) Leitão F, Fonseca-Kruel VS, Silva IM, Reinert F
- 72 2009 Levantamento das pteridófitas ornamentais na cidade de Salvador, Bahia Macedo TS, Nonato FR
- 73 2009 Levantamento etnobotânico de plantas popularmente utilizadas como antiúlcera e antiinflamatórias pela comunidade de Pirizal, Nossa Senhora do Livramento-MT, Brasil Jesus NZT, Lima JCS, Silva RM, Espinosa MM, Martins DTO
- 74 2009 Medicinal plants used by “Passo da Ilha” rural community in the city of Pato Branco, southern Brazil Marchese JA, Ming LC, Franceschi L, Camochena RC, Gomes GDR, Paladini MV, Capelin D, Marchese CF
- 75 2009 O conhecimento sobre os recursos vegetais alimentares em bairros rurais no Vale do Paraíba, SP, Brasil Pilla MAC, Amorozo MCM

- 76 2008 Espécies de restinga conhecidas pela comunidade do Pântano do Sul, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil Melo S, Lacerda VD, Hanazaki N
- 77 2008 Plantas de uso medicinal em Quissamã, Rio de Janeiro, Brasil Boscolo OH, Valle LS
- 78 2008 Plantas medicinais comercializadas no Mercado Municipal de Campo Grande-MS Ustulin M, Figueiredo BB, Tremea C, Pott A, Pott VJ, Bueno NR, Castilho RO
- 79 2007 Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul Maioli-Azevedo V, Fonseca-Kruel VS
- 80 2007 Estudo etnobotânico junto à Unidade Saúde da Família Nossa Senhora dos Navegantes: subsídios para o estabelecimento de programa de fitoterápicos na Rede Básica de Saúde do Município de Cascavel (Paraná) Negrelle RRB, Tomazzoni MI, Ceccon MF, Valente TP
- 81 2007 Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guaratuba (Paraná, Brasil) Negrelle RRB, Fornazzari KRC
- 82 2007 Plants popularly used for losing weight purposes in Porto Alegre, South Brazil Dickel ML, Rates SMK, Ritter MR
- 83 2006 Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil Pilla MAC, Amorozo MCM, Furlan A
- 84 2006 Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil Azevedo SKS, Silva IM
- 85 2006 Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil Teixeira SA, Melo JIM
- 86 2006 Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais pormoradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil Vendruscolo GS, Mentz LA
- 87 2006 Uso de recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes à reserva biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: estudo de caso na Gleba Aldeia Velha Christo AG, Guedes-Bruni RR, Fonseca-Kruel VS
- 88 2006 Medicinal and poisonous diversity of the flora of “Cariri Paraibano”, Brazil Agra MF, Baracho GS, Nurit K, Basílio IJLD, Coelho VPM
- 89 2005 Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil) Corette-Pasa M, Soares JJ, Neto GG
- 90 2005 Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil Vendruscolo GS, Mentz LA
- 91 2004 Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil Silva ARJ, Andrade LHC
- 92 2004 Os quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a Comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty-RJ Garrote V

93	2003	Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul	Nunes GP, Silva MF, Resende UM, Siqueira JM
94	2002	Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil	Ritter MR, Sobierajski GR, Schenkel EP, Mentz LA
95	2002	Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso	Almeida CFCBR , Albuquerque UP
96	2002	Plantas medicinais do Município de Dom Pedro de Alcântara, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil: Espécies, famílias e usos em três grupos da população humana	Marodin SM, Baptista LRDM
97	2001	Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil	Amorozo MCM
98	2001	Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, Brasil. I - Relação entre enfermidades e espécies utilizadas	Dorigoni PA, Ghedini PC, Froes LF, Baptista KC, Ethur ABM, Baldisserotto B, Bürger ME, Almeida CE, Lopes AMV, Záchia RA
99	2001	Plantas comercializadas como medicinais no Município de Barra do Piraí, RJ	Parente CET, Rosa MMT
100	2001	Etnobotânica Xucuru: espécies místicas	Silva VA, Andrade LHC
101*	1989	Plantas medicinais de Minas Gerais, Brasil	Grandi TSM, Trindade JA, Pinto MJF, Ferreira LL, Catella AC
102*	1985	Plantas utilizadas em rituais afro-brasileiros no estado do Rio de Janeiro - um ensaio etnobotânico	Guedes RR, Profice SR, Costa EL, Baumgratz JFA, Lima HC
103*	1983	Folk medicine of Alter do Chão, Pará, Brazil	Branch LC, Da Silva MF
104*	1975	Dicionário das plantas úteis do brasil e das exóticas cultivadas - Volume VI	Pio Corrêa M
105*	1974	Dicionário das plantas úteis do brasil e das exóticas cultivadas - Volume V	Pio Corrêa M
106*	1969	Dicionário das plantas úteis do brasil e das exóticas cultivadas - Volume IV	Pio Corrêa M
107*	1952	Dicionário das plantas úteis do brasil e das exóticas cultivadas - Volume III	Pio Corrêa M
108*	1931	Dicionário das plantas úteis do brasil e das exóticas cultivadas - Volume II	Pio Corrêa M
109*	2008	Other medicinal plants and botanical products from the first edition of the Brazilian Official Pharmacopoeia	Brandão MGL, Zanetti NNS, Oliveira GRR, Goulart LO, Monte-Mor RLM

110*	2006	Medicinal plants and other botanical products from the Brazilian Official Pharmacopoeia	Brandão MGL, Cosenza GP, Moreira RA, Monte-Mor RLM
111*	1926	Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas - Volume I	Pio Corrêa M
112*	2016	História das Plantas Úteis e Medicinais do Brasil	Peckolt T, Peckolt G (<i>org.</i>), Paula-Souza J, Brandão MGL
113*	2015	Exchange of useful plants between Brazil and England in the second half of the nineteenth century: Glaziou and the botanists of the Royal Botanic Gardens, Kew	Brito MR, Lughadha EN, Duarte LFD, Senna-Valle L
114*	2010	Identificação de termos oitocentistas relacionados às plantas medicinais usadas no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Brasil	Medeiros MFT, Andreatta RHP, Valle LS
115*	2017	Plants from the Brazilian Traditional Medicine: species from the books of the Polish physician Piotr Czerniewicz (Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, 1812–1881)	Ricardo LM, Paula-Souza J, Andrade A, Brandão MGL
116*	2015	Useful Brazilian plants listed in the manuscripts and publications of the Scottish medic and naturalist George Gardner (1812–1849)	Fagg CW, Lughadha EN, Milliken W, Hind DJN, Brandão MGL
117*	2020	Marcgrave and Piso's plants for sale: The presence of plant species and names from the <i>Historia Naturalis Brasiliae</i> (1648) in contemporary Brazilian markets	Rodríguez MA, Geertsma IP, Françaço M, Van Andel T
118*	2006	Brazilian plants with possible action on the central nervous system—A study of historical sources from the 16th to 19th century	Giorgetti M, Negri G, Rodrigues E
119**	2018	Lista preliminar das plantas alimentícias nativas de Mato Grosso do Sul, Brasil	Bortolotto IM, Damasceno-Junior GA, Pott A
120**	2016	Toxicidade de espécies vegetais	Campos SC, Silva CG, Campana PRV, Almeida VL
121**	2011	Plantas com possível atividade hipolipidêmica: uma revisão bibliográfica de livros editados no Brasil entre 1998 e 2008	Pizzolo VR, Brasileiro BG, Oliveira TT, Nagem TJ
122**	2006	Plantas utilizadas na medicina popular brasileira com potencial atividade antifúngica	Fenner R, Betti AH, Mentz LA, Rates SMK
123**	2003	Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico	Neto GG, Morais RG
124**	1997	Pteridófitas Medicinais	Barros ICL, Andrade LHC

Legenda: * = fontes referentes a dados coletados antes dos anos 2000, mesmo se a fonte foi publicada depois. ** = fontes com dados tanto de antes quanto depois do ano 2000.

Tabela 2. Espécies de pteridófitas com usos etnobotânicos

Família/espécie	Nome popular	Fonte	Nº de cit.	Usos	Origem
Anemiaceae					
<i>Anemia adiantifolia</i> (L.) Sw.	Feto	107	1	PO	E
<i>Anemia blechnoides</i> Sm. (citada como <i>Aneimia radicans</i> Raddi)	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia buniifolia</i> (Gardner) T. Moore	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia collina</i> Raddi	Feto	107	1	O, Ou	N
<i>Anemia elegans</i> (Gardner) C.Presl	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia ferruginea</i> var. <i>ahenobarba</i> (Christ) Mickel (citada como <i>Aneimia ahenobarba</i> Christ)	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia gardneri</i> Hook.	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia glareosa</i> Gardner	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia hirsuta</i> (L.) Sw. (também citada como <i>Aneimia filiformis</i> Sw.)	Feto	107, 107	2	PO	N
<i>Anemia hirta</i> (L.) Sw.	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia hispida</i> Kunze (citada como <i>Aneimia heterodoxa</i> Christ)	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia humilis</i> (Cav.) Sw.	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia lanuginosa</i> Bong. ex J.W.Sturm	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia mandiocana</i> Raddi	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia millefolia</i> (Gardner) C.Presl	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia nervosa</i> Pohl (citada como <i>Aneimia ouropretana</i> Christ)	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia oblongifolia</i> (Cav.) Sw. (também citada como <i>Aneimia ulei</i> Christ)	Feto	107, 107	2	PO	N
<i>Anemia phyllitidis</i> (L.) Sw. (citada como <i>Aneimia phyllitides</i> Sw.)	Avenca-de-espiga, feto, pluma-de-cacho	107, 124	2	M, PO	N
<i>Anemia phyllitidis</i> var. <i>fraxinifolia</i> (Raddi) Hassl. (também citada como <i>Aneimia fraxinifolia</i> Raddi, <i>Aneimia langsдорfiana</i> C.Presl)	Avenca-de-espiga, feto	107, 111, 112	3	M, PO	N

<i>Anemia phyllitidis</i> var. <i>tweediana</i> (Hook.) Hassl. (citada como <i>Aneimia tweediana</i> Hook.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia pyrenaea</i> Taub.	Feto	107	1	PO	N
<i>Anemia tomentosa</i> (Sav.) Sw. (também citada como <i>Aneimia fulva</i> (Cav.) Sw.)	Espiga-de-ferrugem, feto	107, 112	2	M, PO	N
<i>Anemia tomentosa</i> var. <i>anthriscifolia</i> (Schrad.) Mickel (citada como <i>Aneimia anthriscifolia</i> Schrad.)	Feto	107	1	PO	N
Aspleniaceae					
<i>Asplenium abscissum</i> Willd.	Douradinha	108	1	NI	N
<i>Asplenium alatum</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Feto	107	1	PO	N
<i>Asplenium angustum</i> Sw.	Feto	107	1	PO	N
<i>Asplenium auritum</i> Sw. (também citada como <i>Asplenium sulcatum</i> Lam.)	Douradinha, samambaia-douradinha	104, 108, 124	3	M, NI	N
<i>Asplenium brasiliense</i> Sw. (citada como <i>Scolopendrium brasiliense</i> (Sw.) Fisch. ex Kunze)	Feto	107	1	PO	N
<i>Asplenium cuneatum</i> Lam.	Samambaia	104	1	NI	N
<i>Asplenium formosum</i> Willd.	Avenca-mirim, feto	100, 107	2	PO, R	N
<i>Asplenium gastonis</i> Fée (citada como <i>Asplenium divergens</i> Mett.)	Avenca	111	1	Ou	N
<i>Asplenium hallii</i> Hook.	Feto	107	1	PO	N
<i>Asplenium jucundum</i> Fée	Douradinha	108	1	NI	N
<i>Asplenium lunulatum</i> Sw.	Samambaia-mirim	104, 112	2	M, NI	E
<i>Asplenium monanthes</i> L.	Feto	107	1	M, PO	N
<i>Asplenium mucronatum</i> C. Presl.	Feto	107	1	PO	N
<i>Asplenium nidus</i> L.	Asplênio, asplênio-ninho-de-ave, esplênio, ninho-de-passarinho	69, 72	2	O	E
<i>Asplenium obtusifolium</i> L.	Feto	107	1	PO	E
<i>Asplenium oligophyllum</i> Kaulf. (também citada como <i>Asplenium camptocarpon</i> Fée)	Douradinha, feto	107, 108	2	PO, NI	N

<i>Asplenium praemorsum</i> Sw.	Feto	107	1	PO	N
<i>Asplenium pseudonitidum</i> Raddi	Feto	107	1	PO	N
<i>Asplenium pulchellum</i> Raddi	Feto	107	1	PO	N
<i>Asplenium radicans</i> L.	Douradinha	108	1	NI	N
<i>Asplenium salicifolium</i> L.	Douradinha	108	1	NI	N
<i>Asplenium scandicinum</i> Kaulf.	Avencão-da-serra	111	1	M	N
<i>Asplenium schwackei</i> Christ	Douradinha	108	1	NI	N
<i>Asplenium serra</i> Langsd. & Fisch.	Feto	107	1	PO	N
<i>Asplenium serratum</i> L.	Feto-macho-do-Pará, rabo-de-azanata	107, 112, 124	3	M	N
<i>Asplenium trichomanes</i> L.	Feto	107	1	M, O	E
<i>Asplenium uniseriale</i> Raddi	Feto	107	1	PO	N
<i>Asplenium wacketii</i> Rosenst.	Avencão-da-serra	112	1	M	N
<i>Hymenasplenium laetum</i> (Sw.) L.Regalado & Prada (citada como <i>Asplenium laetum</i> Sw.)	Feto	107	1	PO	N
Athyriaceae					
<i>Athyrium filix-femina</i> (L.) Roth	Douradinha	108	1	M, O, Ou	E
<i>Diplazium cristatum</i> (Desr.) Alston (citada como <i>Diplazium arboreum</i> (Willd.) C. Presl)	Feto	107	1	PO	N
<i>Diplazium riedelianum</i> (Bong. ex Kuhn) C.Chr.	-	113	1	O	N
Blechnaceae					
<i>Blechnum asplenioides</i> Sw.	Samambaia	104	1	NI	N
<i>Blechnum occidentale</i> L.	Blechno, samambaia-da-palmeira	31, 124	2	M	N
<i>Neoblechnum brasiliense</i> (Desv.) Gasper & V.A.O.Dittrich (citada como <i>Blechnum brasiliense</i> Desv.)	Samambaiaçu-do-brejo	104	1	NI	N

<i>Salpichlaena volubilis</i> (Kaulf.) J.Sm. subsp. <i>volubilis</i> (citada como <i>Blechnum volubile</i> Kaulf.)	Samambaia-de-trepar	104	1	NI	N
<i>Telmatoblechnum serrulatum</i> (Rich.) Perrie, D.J.Ohlsen & Brownsey (citada como <i>Blechnum serrulatum</i> Rich.)	Avenca, blecno, samambaia	3, 91, 124	3	M, NI	N
Culcitaceae					
<i>Culcita conifolia</i> (Hook.) Maxon (citada como <i>Dicksonia conifolia</i> Hook.)	Feto-grande	107	1	NI	N
Cyatheaceae					
<i>Alsophila capensis</i> (L.f.) J.Sm. (citada como <i>Hemitelia capensis</i> (L.f.) Spreng.)	Samambaiaçu	104	1	NI	N
<i>Alsophila setosa</i> Kaulf. (citada como <i>Cyathea leucosticta</i> Fée, <i>Hemitelia setosa</i> (Kaulf.) Mett.)	Samambaia, samambaiaçu	104, 104	2	NI	N
<i>Alsophila sternbergii</i> (Sternb.) D.S.Conant (citada como <i>Cyathea caesariana</i> Christ)	Samambaiaçu	104	1	NI	N
<i>Cyathea arborea</i> (L.) Sm.	Coqueiro-macho	108, 112	2	M, A, Ou	N
<i>Cyathea atrovirens</i> (Langsd. & Fisch.) Domin (citada como <i>Alsophila atrovirens</i> (Langsd. & Fisch.) C.Presl)	Pau-cardoso, samambaiaçu-do-brejo	104, 112	2	M, Ou	N
<i>Cyathea corcovadensis</i> (Raddi) Domin (também citada como <i>Alsophila corcovadensis</i> (Raddi) C.Chr., <i>Alsophila elegans</i> Mart., <i>Alsophila miersii</i> Hook., <i>Alsophila taenetis</i> (Roth.) Kunze)	Samambaiaçu, samambaia-assú	104, 104, 104, 104, 112	5	M, NI	N
<i>Cyathea delgadii</i> Sternb. (também citada como <i>Cyathea vestita</i> Mart., <i>Cyathea schanschii</i> Mart.)	Fetos-arbóreos, pau-cardoso, rabo-de-bugio, samambaia, samambaiaçu, xaxim	31, 104, 104, 113	4	M, O, Ou, NI	N
<i>Cyathea dichromatolepis</i> (Fée) Domin (citada como <i>Alsophila dichromatolepis</i> Fée, <i>Alsophila arbuscula</i> Baker)	Samambaia, Samambaiaçu-do-brejo	104, 104	2	NI	N
<i>Cyathea glaziovii</i> (Fée) Domin. (citada como <i>Alsophila glaziovii</i> Fée)	Samambaia	104	1	NI	N
<i>Cyathea leucofolis</i> Domin (citada como <i>Alsophila leucolepis</i> Mart.)	Samambaiaçu	104	1	NI	N
<i>Cyathea macrocarpa</i> (C. Presl) Domin	-	113	1	O	N
<i>Cyathea microdonta</i> (Desv.) Domin (também citada como <i>Alsophila armata</i> Mart., <i>Alsophila microdonta</i> (Desv.) Desv., <i>Trichipteris microdonta</i> (Desv.) Tryon.)	Feto-arborescente, pau-cardoso, rabo-de-bugio, rabo-de-macaco, samambaiaçu, xaxim-armado	95, 105, 105, 112, 112, 115, 117, 124	8	M, Ou, NI	N
<i>Cyathea multiflora</i> Sm. (citada como <i>Hemitelia multiflora</i> (Sm.) Spreng.)	Samambaia	104	1	NI	N

<i>Cyathea phalerata</i> Mart. (também citada como <i>Alsophila goyazensis</i> Christ, <i>Alsophila paleolata</i> Mart.)	Fetos-arbóreos, samambaia, samambaiçu	104, 104, 113	3	O, NI	N
<i>Cyathea praecincta</i> (Kunze) Domin	-	113	1	O	N
<i>Cyathea pungens</i> (Willd.) Domin (citada como <i>Alsophila infesta</i> Kunze, <i>Alsophila procera</i> (Willd.) Desv., <i>Alsophila pungens</i> (Willd.) C.Presl)	Pau-cardoso, samambaia	104, 104, 105	3	NI	N
<i>Cyathea surinamensis</i> (Miq.) Domin (citada como <i>Sphaeropteris hirsuta</i> (Desv.) Tryon.)	Rabo-de-guariba	124	1	M	N
<i>Cyathea villosa</i> Willd. (também citada como <i>Alsophila villosa</i> (Willd.) Desv.)	Samambaiçu	104	1	NI	N
<i>Hemitelia apiculata</i> Hook	Samambaia	104	1	NI	E
<i>Sphaeropteris gardneri</i> (Hook.) R.M.Tryon (também citada como <i>Cyathea gardneri</i> Hook.)	Samambaia	104, 113	2	O, NI	N
Davalliaceae					
<i>Davallia fejeensis</i> Hook. (também citada como <i>Davallia fijiensis</i> Diels)	Canela-de-veado, renda-portuguesa	9, 39, 69, 72, 92	5	O	C
Dennstaedtiaceae					
<i>Dennstaedtia cicutaria</i> (Sw.) T.Moore	Feto-grande	107	1	-	N
<i>Pteridium aquilinum</i> s.l. (citada como <i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn, <i>Pteridium caudatum</i> (L.) Maxon, <i>Pteris aquilina</i> var. <i>caudata</i> L., Hooker, <i>Pteridium arachnoideum</i> (Kaulf.) Maxon)	Avenca, avenca-pluma-grande, broto-de-samambaia, conambaia, feto águia, samambaia, samambaia-das-queimadas, samambaia-das-roças, samambaia-das-taperas, samambaia-do-campo, samambaia-do-mato, samambaia-verdadeira	4, 22, 32, 33, 35, 38, 49, 56, 75, 77, 91, 96, 104, 104, 112, 117, 120, 123, 124	19	M, A, Ou, NI	E
Desmophlebiaceae					
<i>Desmophlebium lechleri</i> (Mett.) Mynssen et al. (também citada como <i>Diplazium lechleri</i> (Mett.) T.Moore)	Feto	107	1	PO	N

Dicksoniaceae

<i>Dicksonia sellowiana</i> Hook.	Chachim, xaxim	22, 108	2	M, O, Ou	N
<i>Lophosoria quadripinnata</i> (J.F.Gmel.) C.Chr. (citada como <i>Alsophila pruinata</i> Kaulf.)	Samambaia	104	1	NI	N

Dryopteridaceae

<i>Arachniodes denticulata</i> (Sw.) Ching (citada como <i>Dryopteris denticulata</i> (Sw.) Kuntze)	Feto	107	1	PO, Ou	N
<i>Bolbitis aliena</i> (Sw.) Alston (citada como <i>Leptochilus alienus</i> (Sw.) C. Chr.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Ctenitis distans</i> var. <i>isabellina</i> (Fée) R.S.Viveros & Salino (citada como <i>Dryopteris ctenitis</i> forma <i>isabellina</i> (Fée) C. Chr.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Ctenitis flexuosa</i> (Fée) Copel. (citada como <i>Dryopteris flexuosa</i> (Fée) C. Chr.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Ctenitis submarginalis</i> (Langsd. & Fisch.) Ching (citada como <i>Nephrodium caripense</i> Hook.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Cyclodium heterodon</i> (Schrad.) T.Moore (citada como <i>Dryopteris abbreviata</i> Kuntze, <i>Cyclodium heterodon</i> var. <i>abbreviatum</i> (C. Presl) A.R. Sm.)	Feto	107, 113	2	O, PO	N
<i>Cyrtomium falcatum</i> (L. f.) C. Presl (citada como <i>Aspidium falcatum</i> Sw.)	Samambaia-japonesa	104	1	NI	C
<i>Dryopteris filix-mas</i> (L.) Schott (também citada como <i>Nephrodium filix-mas</i> (L.) Rich.)	Denterrura, feto-macho, feto-macho-verdadeiro	107, 110, 112	3	M, Ou	C
<i>Dryopteris wallichiana</i> (Spreng.) Hyl. (citada como <i>Dryopteris paleacea</i> Sw.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Elaphoglossum apodum</i> (Kaulf.) Schott	Feto	107, 124	2	M, PO	E
<i>Elaphoglossum aubertii</i> (Desv.) T. Moore	Feto	107	1	PO	E
<i>Elaphoglossum decoratum</i> (Kunze) T.Moore	Elaphoglossum	108	1	NI	N
<i>Elaphoglossum discolor</i> (Kuhn) C.Chr. (citada como <i>Elaphoglossum juruena</i> A.Samp.)	Elaphoglossum	108	1	NI	N
<i>Elaphoglossum erinaceum</i> (Fée) T.Moore	Feto	107	1	O	E
<i>Elaphoglossum herminieri</i> (Bory & Fée) T.Moore	Elaphoglossum	108	1	Ou	N
<i>Elaphoglossum horridulum</i> (Kaulf.) J.Sm.	Feto	107	1	PO	N

<i>Elaphoglossum laminarioides</i> (Fée) T. Moore	Feto	107	1	PO	N
<i>Elaphoglossum lindeni</i> (Bory ex Fée) T. Moore	Feto	107	1	PO	N
<i>Elaphoglossum lineare</i> (Fée) T. Moore (citada como <i>Elaphoglossum gracile</i> (Fée) C. Chr.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Elaphoglossum lingua</i> (C. Presl) Brack.	Feto	107	1	PO	N
<i>Elaphoglossum muscosum</i> (Sw.) T. Moore	Feto	107	1	PO	N
<i>Elaphoglossum ornatum</i> (Mett. ex Kuhn) Christ	Elaphoglossum	108	1	NI	E
<i>Elaphoglossum paleaceum</i> (Hook. & Grev.) Sledge (citada como <i>Elaphoglossum squamosum</i> J. Sm.)	Feto	107	1	PO	E
<i>Elaphoglossum piloselloides</i> (C. Presl) T. Moore	Feto	107	1	PO	N
<i>Elaphoglossum plumosum</i> (Fée) T. Moore	Elaphoglossum	108	1	NI	N
<i>Elaphoglossum rigidum</i> (Aubl.) Urb. (citada como <i>Elaphoglossum flaccidum</i> (Fée) T. Moore)	Feto	107	1	PO	N
<i>Elaphoglossum squamipes</i> (Hook.) T. Moore	Feto	107	1	PO	N
<i>Elaphoglossum tectum</i> (Humb. & Bonpl. ex Willd.) T. Moore	Feto	107	1	PO	N
<i>Elaphoglossum ulei</i> Christ	Elaphoglossum	108	1	NI	N
<i>Elaphoglossum viscidum</i> (Fée) Christ	Elaphoglossum	108	1	NI	N
<i>Megalastrum connexum</i> (Kaulf.) A. R. Sm. & R. C. Moran	Samambaia-da-queimada, samambaia-do-mato	42	1	M	N
<i>Megalastrum eugenii</i> (Brade) A. R. Sm. & R. C. Moran (citada como <i>Dryopteris eugenii</i> Brade)	Feto	107	1	PO	N
<i>Mickelia guianensis</i> (Aubl.) R. C. Moran, Sundue & Labiak (citada como <i>Leptochilus guianensis</i> (Aubl.) C. Chr.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Mickelia nicotianifolia</i> (Sw.) R. C. Moran, Labiak & Sundue (citada como <i>Leptochilus nicotianifolius</i> (Sw.) C. Chr.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Polybotrya caudata</i> Kunze	Cipó-de-coati, coati, feto	107	1	PO	N
<i>Polybotrya osmundacea</i> Willd.	Feto	107	1	PO	N

<i>Rumohra adiantiformis</i> (G.Forst.) Ching (também citada como <i>Polystichum adiantiforme</i> Smith., <i>Polystichum remotum</i> Fée, <i>Aspidium capense</i> Willd.)	Calaguala, davália-bola, feto, renda-francesa, samambaia, samambaia-mansa, samambaia-preta	51, 69, 72, 76, 107, 107, 111, 124	8	M, O	N
<i>Stigmatopteris prionites</i> (Kunze) C.Chr.	-	113	1	O	N
<i>Stigmatopteris tyucana</i> (Raddi) C.Chr. (citada como <i>Phegopteris tijuccana</i> Fée)	Feto	107	1	PO	N
Equisetaceae					
<i>Equisetum arvense</i> L. (também citada como <i>Equisetum arvensis</i> L.)	Cavalinha, equiseto, rabo-de-cavalo	15, 16, 18, 40, 49, 68, 80, 84, 117, 123, 124	11	M, Ou	C
<i>Equisetum giganteum</i> L. (também citada como <i>Equisetum pyramidale</i> Goldm., <i>Equisetum xylochaetum</i> Mett., <i>Equisetum martii</i> Milde)	Bambuzinho, caninha-do-brejo, canna-de-jacaré, cavalinha, cavalinha-do-brejo, cavallinho, colla-de-cavalo, limpa-prata, lixa-vegetal, rabo-de-cavalo, rabo-de-lagarto	2, 11, 17, 22, 23, 29, 38, 50, 59, 74, 78, 82, 86, 90, 93, 96, 101, 108, 108, 108, 111, 112, 112, 113, 117, 122, 124	27	M, O, Ou, N/I	N
<i>Equisetum hyemale</i> L. (também citada como <i>Equisetum hiemale</i> L.)	Bambuzinho, cavalinha, cavalinha-de-horta, junco, taquarinha	7, 14, 19, 27, 29, 33, 34, 35, 42, 43, 54, 55, 56, 61, 62, 66, 71, 79, 83, 87, 117, 121	22	M, Ou	C
<i>Equisetum ramosissimum</i> Desf.	Cavallinha	108	1	NI	E
Gleicheniaceae					
<i>Dicranopteris flexuosa</i> (Schrad.) Underw.	Gleiquênia, samambaia, samambaia-do-mato-virgem	31, 107, 124	3	M, O, Ou	N
<i>Dicranopteris linearis</i> (Burm.f.) Underw.	Gleiquênia, samambaia	107	1	M, O, A, Ou	E
<i>Gleichenella pectinata</i> (Willd.) Ching (também citada como <i>Dicranopteris pectinata</i> (Willd.) Underw.)	Gleiquênia, gleiquênia-de-pente, samambaia, samambaia-cabeluda, samambaia-do-mato-virgem	31, 107, 112, 124	4	M, O, A, Ou	N

<i>Sticherus bifidus</i> (Willd.) Ching (também citada como <i>Dicranopteris bifida</i> (Willd.) Maxon)	Feto, samambaia-cabeluda	107, 112	2	M, PO	N
---	--------------------------	----------	---	-------	---

Hemidictyaceae

<i>Hemidictyum marginatum</i> (L.) C.Presl	Feto	107	1	O	N
--	------	-----	---	---	---

Hymenophyllaceae

<i>Didymoglossum reptans</i> (Sw.) C.Presl (citada como <i>Trichomanes reptans</i> Sw.)	Carrapatinha	108	1	NI	N
---	--------------	-----	---	----	---

<i>Hymenophyllum caudiculatum</i> Mart.	Samambaia	104	1	NI	N
---	-----------	-----	---	----	---

<i>Hymenophyllum crispum</i> Kunth	Samambaia-rasteira	104	1	NI	N
------------------------------------	--------------------	-----	---	----	---

<i>Hymenophyllum elegans</i> Spreng. (também citada como <i>Hymenophyllum silveirae</i> Christ)	Samambaia	104, 104	2	NI	N
---	-----------	----------	---	----	---

<i>Hymenophyllum fucoides</i> (Sw.) Sw. (também citada como <i>Hymenophyllum vacilans</i> Christ)	Samambaia	104, 104	2	NI	N
---	-----------	----------	---	----	---

<i>Hymenophyllum hirsutum</i> (L.) Sw. (citada como <i>Hymenophyllum ciliatum</i> (Sw.) Sw.)	Samambaia	104	1	NI	N
--	-----------	-----	---	----	---

<i>Hymenophyllum polyanthos</i> (Sw.) Sw.	Himenófilo-poliante, samambaia	104, 124	2	M, NI	N
---	--------------------------------	----------	---	-------	---

<i>Hymenophyllum rufum</i> Fée	Samambaia	104	1	NI	N
--------------------------------	-----------	-----	---	----	---

<i>Hymenophyllum vestitum</i> (C.Presl) Bosch (citada como <i>Hymenophyllum ulei</i> Christ)	Samambaia	104	1	NI	N
--	-----------	-----	---	----	---

<i>Trichomanes elegans</i> Rich.	Trichomanes-elegante	124	1	M	N
----------------------------------	----------------------	-----	---	---	---

<i>Trichomanes pinnatum</i> Hedw.	Trichomanes-pinado	124	1	M	N
-----------------------------------	--------------------	-----	---	---	---

<i>Trichomanes vittaria</i> DC. ex Poir	Língua-de-tucano	106, 124	2	M, NI	N
---	------------------	----------	---	-------	---

<i>Vandenboschia rupestris</i> (Raddi) Ebihara & K.Iwats. (citada como <i>Trichomanes rupestre</i> Raddi)	Samambaia	104	1	NI	N
---	-----------	-----	---	----	---

Isoetaceae

<i>Isoetes martii</i> A.Braun	Batatinha-d'água	111, 112	2	M	N
Lindsaeaceae					
<i>Lindsaea botrychioides</i> A.St.-Hil.	Avenca	111	1	NI	N
<i>Lindsaea falcata</i> Dryand.	Avenca	111	1	Ou	N
<i>Lindsaea guianensis</i> (Aubl.) Dryand. (citada como <i>Lindsaya guyanensis</i> Dry.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Lindsaea lancea</i> (L.) Bedd. (também citada como <i>Adiantum lancea</i> L., <i>Lindsaya lancea</i> Bedd.)	Avenca, feto, lindsaia-lança	111, 124, 107	3	M, PO, NI	N
<i>Lindsaea macrophylla</i> Kaulf. (citada como <i>Schizoloma macrophyllum</i> (Kaulf.) C. Presl)	Feto	107	1	PO	N
<i>Lindsaea pendula</i> Klotzsch (citada como <i>Lindsaya pendula</i> Klotzsch)	Feto	107	1	PO	E
<i>Lindsaea sagittata</i> (Aubl.) Dryand. (citada como <i>Schizoloma saggitatum</i> (Aubl.) Diels)	Feto	107	1	PO	E
<i>Lindsaea stricta</i> (Sw.) Dryand. (citada como <i>Lindsaya stricta</i> (Sw.) Dryand.)	Feto	107	1	PO	N
Lomariopsidaceae					
<i>Cyclopeltis semicordata</i> (Sw.) J.Sm.	Feto	107	1	PO	N
<i>Dracoglossum plantagineum</i> (Jacq.) Christenh. (citada como <i>Tectaria plantaginea</i> (Jacq.) Maxon)	Feto	107	1	PO	E
<i>Lomariopsis japurensis</i> (Mart.) J.Sm.	Rabo-ardente	124	1	M	N
Lycopodiaceae					
<i>Austrolycopodium erectum</i> (Philippi) Holub (citada como <i>Lycopodium fastigatum</i> var. <i>assurgens</i> R. Br., Fée)	Licopódio-do-Brasil	106	1	NI	N
<i>Diphasiastrum thyoides</i> (Willd.) Holub (citada como <i>Lycopodium complanatum</i> L.)	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI	N
<i>Huperzia catharinae</i> (Christ) Holub (citada como <i>Lycopodium catharinae</i> Christ)	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI	N

<i>Lycopodium clavatum</i> L.	Colchão-de-pobre, floco-rasteiro, licopódio, licopódio-indígena, musgo, pé-de-lobo, proco-rasteiro	38, 101, 105, 110, 112, 122, 124	7	M, Ou	N
<i>Palhinhaea cernua</i> (L.) Franco & Vasc. (também citada como <i>Lycopodiella cernua</i> (L.) Pic. Serm.)	Licopódio, memby-jauja, palma-de-são-joão, pé-de-galinha, pé-de-lobo, pinheirinho, pinheirinho-de-sala, unha-de-gato	8, 38, 91, 101, 105, 112, 124	7	M, O, Ou, NI	N
<i>Phlegmariurus acerosus</i> (Sw.) B.Øllg. (citada como <i>Urostachys acerosus</i> (Sw.) Herter ex Nessel)	Samambaia-de-pendurar	104	1	PO	N
<i>Phlegmariurus comans</i> (Herter ex Nessel) B.Øllg. (citada como <i>Urostachys comans</i> Herter ex Nessel)	Samambaia-de-pendurar	104	1	PO	N
<i>Phlegmariurus dichotomus</i> (Jacq.) W.H.Wagner (citada como <i>Urostachys dichotomus</i> (Jacq.) Herter)	Pinheirinho	105	1	NI	N
<i>Phlegmariurus erythrocaulon</i> (Fée) B.Øllg. (citada como <i>Urostachys eritrocaulon</i> (Fée) Nessel)	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI	N
<i>Phlegmariurus loefgrenianus</i> (Silveira) B. Øllg. (citada como <i>Lycopodium leitzii</i> Nees.)	Licopódio-de-São-Paulo	106	1	NI	N
<i>Phlegmariurus mandiocanus</i> (Raddi) B.Øllg. (citada como <i>Urostachys mandiocanus</i> (Raddi) Herter)	Pinheirinho	105	1	NI	N
<i>Phlegmariurus pungentifolius</i> (Silveira) B. Øllg. (citada como <i>Lycopodium ouopretanum</i> Christ)	Pinheirinho	105	1	NI	N
<i>Phlegmariurus reflexus</i> (Lam.) B.Øllg. (citada como <i>Lycopodium reflexum</i> Lam.)	Pinheirinho	105	1	NI	N
<i>Phlegmariurus sellowianus</i> (Herter) B. Øllg. (citada como <i>Urostachys brasilianus</i> (Herter) Nessel)	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI	N
<i>Phlegmariurus taxifolius</i> (Sw.) A.Löve & D.Löve (citada como <i>Lycopodium taxifolium</i> var. <i>nitens</i> Poepp.)	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI	N
<i>Pseudolycopodiella meridionalis</i> (Underw. & Loyd) Holub (citada como <i>Lycopodium carolinianum</i> var. <i>meridionale</i> (Underw. & F.E. Lloyd) Nessel)	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI	N

Lygodiaceae

<i>Lygodium venustum</i> Sw. (também citada como <i>Lygodium polymorphum</i> (Cav.) Kunth, <i>Lygodium hastatum</i> (Willd.) Desv.)	Abre-caminho, coentrão, herva-de-são-joão, samambaia, samambaia-cipó	11, 31, 37, 104, 106, 112, 117, 123	8	M, R, Ou, NI	N
<i>Lygodium volubile</i> Sw. (também citada como <i>Lygodium expansum</i> Desv.)	Abre-caminho, samambaia, samambaia-cipó, samambaia-de-trepar, segue-caminho	11, 25, 71, 79, 84, 102, 104, 104, 117	9	O, R, Ou	N

Marattiaceae

<i>Danaea nodosa</i> (L.) Sm. (citada como <i>Danaea eliptica</i> Sm.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Eupodium kaulfussii</i> (J.Sm.) J.Sm. (citada como <i>Marattia kalfussii</i> J. Sm. ex Hook.)	Samambaiacu-do-brejo	104	1	O, NI	N
<i>Marattia cicutifolia</i> Kaulf. (também citada como <i>Marattia verschaffeltiana</i> (de Vriese) Surm, <i>Marattia cicutaeifolia</i> Kaulf.)	Samambaia, samambaia-do-brejo	104, 104, 112, 113	4	M, O, Ou, NI	N

Marsileaceae

<i>Marsilea deflexa</i> A.Braun	Trevo-d'água	112	1	M	N
<i>Marsilea polycarpa</i> Hook. & Grev.	Trevo-de-quatro-folhas	104	1	N/I	N

Nephrolepidaceae

<i>Nephrolepis biserrata</i> (Sw.) Schott	Avenca, escadinha-do-céu, feto, rabo-de-peixe, samambaia, samambaia-rabo-peixe	9, 58, 69, 72, 107, 124	6	M, O, Ou	N
<i>Nephrolepis brownii</i> (Desv.) Hovenkamp & Miyam.	Avenca	9	1	O	N
<i>Nephrolepis cordifolia</i> (L.) C. Presl	Avenca, escadinha-do-céu, feto, samambaia, samambaia-de-metro	9, 59, 92, 107, 124	5	M, O, Ou	N
<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott	Feto, samambaia (fern), samambaia-americana, samambaia-de-boston, samambaia-espada	5, 12, 39, 69, 72, 107	6	M, O, Ou	N
<i>Nephrolepis pectinata</i> (Willd.) Schott	Samambaia	69	1	O	N
<i>Nephrolepis rivularis</i> (Vahl) Mett. ex Krug	Feto	107	1	PO	N

Oleandraceae

<i>Oleandra articulata</i> (Sw.) C.Presl	Feto	107	1	PO	N
--	------	-----	---	----	---

<i>Oleandra neriiiformis</i> Cav.	Feto	107	1	M, PO	E
Ophioglossaceae					
<i>Botrypus virginianus</i> (L.) Michx. (também citada como <i>Botrychium virginianum</i> (L.) Sw.)	Língua-de-víbora-do-campo	106, 112	2	M, Ou, NI	N
<i>Cheiroglossa palmata</i> (L.) C.Presl (também citada como <i>Ophioglossum palmatum</i> L.)	Língua-de-víbora	106, 112	2	M, A, NI	N
<i>Ophioglossum reticulatum</i> L.	Língua-de-víbora	106	1	NI	N
Osmundaceae					
<i>Osmunda spectabilis</i> Willd. (citada como <i>Osmunda gracilis</i> Link.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Osmundastrum cinnamomeum</i> (L.) C.Presl (citada como <i>Osmundastrum cinnamomeum</i> subsp. <i>cinnamomeum</i> (L.) C.Presl)	Feto	107	1	PO, Ou	N
Polypodiaceae					
<i>Alansmia cultrata</i> (Bory ex Willd.) Moguel & M.Kessler (citada como <i>Polypodium cultratum</i> Bory ex Willd.)	Samambaia-de-pendurar	104	1	PO	N
<i>Campyloneurum angustifolium</i> (Sw.) Fée (também citada como <i>Polypodium angustifolium</i> Sw.)	Feto, polipódio-angustifólio	107, 124	2	M, PO	N
<i>Campyloneurum decurrens</i> (Raddi) C.Presl (citada como <i>Polypodium decurrens</i> Raddi)	Feto	107	1	PO	N
<i>Campyloneurum phyllitidis</i> (L.) C.Presl (citada como <i>Polypodium phyllitidis</i> L.)	Feto, língua-de-serpente, polipódio-filitidio	107, 124	2	M, PO	N
<i>Campyloneurum rigidum</i> Sm.	-	72	1	O	N
<i>Ceradenia albidula</i> (Baker) L.E. Bishop (citada como <i>Polypodium rosentockii</i> Maxon, <i>Polypodium albidulum</i> Baker)	Feto, samambaia-de-pendurar	104, 107	2	PO	N
<i>Ceradenia capillaris</i> (Desv.) L.E. Bishop (citada como <i>Polypodium capillare</i> Desv.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Cochlidium furcatum</i> (Hook. & Grev.) C.Chr.	Feto	107	1	PO	N
<i>Cochlidium punctatum</i> (Raddi) L.E. Bishop	Mão-de-anjo, mão-de-deus	9	1	O	N

<i>Cochlidium serrulatum</i> (Sw.) L.E. Bishop (citada como <i>Polypodium duale</i> Maxon., <i>Grammitis serrulata</i> (Sw.) Sw.)	Feto, polipódio-serreado	107, 124	2	M, PO	N
<i>Goniophlebium persicifolium</i> (Desv.) Bedd. (também citada como <i>Polypodium persicifolium</i> Desv.)	Samambaia-de-metro	69, 72	2	O	E
<i>Goniophlebium subauriculatum</i> (Blume) C. Presl (citada como <i>Polypodium subauriculatum</i> Blume)	Samambaia, samambaia-chorona, samambaia-de-pendurar, samambaia- pendente	72, 104	2	O	E
<i>Lellingeria apiculata</i> (Kunze ex Klotzsch) A.R.Sm. & R.C.Moran (citada como <i>Polypodium apiculatum</i> Kunze)	Feto	107	1	PO	N
<i>Lellingeria suspensa</i> (L.) A.R.Sm. & R.C.Moran (citada como <i>Polypodium suspensum</i> L.)	Samambaia-de-pendurar	104	1	PO	N
<i>Melpomene moniliformis</i> (Lag. ex Sw.) A.R.Sm. & R.C.Moran (citada como <i>Polypodium moniliforme</i> Lag. ex Sw.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Melpomene pilosissima</i> (M.Martens & Galeotti) A.R.Sm. & R.C.Moran (<i>Polypodium pilosissimum</i> M.Martens & Galeotti)	Feto	107	1	PO	E
<i>Microgramma lycopodioides</i> (L.) Copel. (também citada como <i>Polypodium lycopodioides</i> L.)	Feto, polipódio-escamoso, silvina-grande	107, 112, 124	3	M, PO	N
<i>Microgramma megalophylla</i> (Desv.) de la Sota (citada como <i>Polypodium megalophyllum</i> Desv.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Microgramma percussa</i> (Cav.) de la Sota (também citada como <i>Polypodium percussum</i> Cav.)	Feto-macho-de-Minas	107, 112	2	M	N
<i>Microgramma persicariifolia</i> (Schrad.) C.Presl (citada como <i>Polypodium persicariaefolium</i> Schrad.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Microgramma squamulosa</i> (Kaulf.) de la Sota	Cipó-cabeludo, cipó-índio, sordinha	14, 33, 74, 98	4	M	N
<i>Microgramma vacciniifolia</i> (Langsd. & Fisch.) Copel. (também citada como <i>Polypodium vacciniifolium</i> Langsd. & Fisch.)	Cipó-cabeludo, erva-de-passarinho- miúda, estanga-sangue, herba-silveira, herba-silvina, herba-teresa, salambaia, samambaia-grama, silvina	42, 66, 86, 90, 96, 100, 106, 112, 124	9	M, R	N
<i>Microsorium punctatum</i> (L.) Copel.	Chifre-de-veado	69	1	O	C
<i>Microsorium scolopendria</i> (Burm. f.) Copel. (também citada como <i>Phymatodes scolopendria</i> (Burm.f.) Ching, <i>Phymatosorus scolopendria</i> (Burm.f.) Pic. Serm.)	Jamaica, samambaia, samambaia- jamaica	9, 69, 72	3	O	E
<i>Moranopteris gradata</i> (Baker) R.Y.Hirai & J.Prado	Polipódio-de-degrau, samambaia, samambaia-de-pendurar	104	1	PO	N
<i>Niphidium crassifolium</i> (L.) Lellinger (também citada como <i>Polypodium crassifolium</i> L.)	Calaguala, feto, rabo-de-arara	60, 107, 112, 124	4	M, O, NI	N
<i>Pecluma hoehnei</i> (A.Samp.) Salino	Feto	107	1	PO	N

<i>Pecluma pectinata</i> (L.) M.G.Price	Feto	107	1	O	N
<i>Pecluma plumula</i> (Willd.) M.G.Price	Feto	107	1	O	N
<i>Pecluma recurvata</i> (Kaulf.) M.G.Price	Feto	107	1	PO	N
<i>Phlebodium aureum</i> (L.) J.Sm. (também citada como <i>Polypodium aureum</i> L.)	Abre-caminho, avenca-dourada, palminha, polipódio, polipódio-areolado, samambaia	31, 41, 72, 111	4	M, O, R, Ou	N
<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J.Sm. (também citada como <i>Polypodium decumanum</i> Willd.)	Avenca, avencão, cipó-cabeludo, erva-de-macaco, feto, guaribinha, rabo-de-cachilão, rabo-de-cachinganga, rabo-de-caxinguelê, rabo de macaco, samambaia, samambaia-chorona	11, 13, 21, 25, 29, 35, 49, 52, 59, 69, 70, 103, 107, 123, 124	15	M, O, PO, R	N
<i>Phlebodium pseudoaureum</i> (Cav.) Lellinger	Avenca-dourada	112	1	M	N
<i>Platyserium bifurcatum</i> (Cav.) C. Chr.	Avenca, chifre-de-veado, samambaia-chifre-de-veado	9, 69, 72, 92	4	O	C
<i>Pleopeltis lepidopteris</i> (Langsd. & Fisch.) de la Sota (também citada como <i>Polypodium lepidopteris</i> Langsd. & Fisch.)	Feto-macho-do-Rio-Grande, matataúba, samambaia, samambaia-fina	51, 105, 112	3	M, O, Ou, NI	N
<i>Pleopeltis macrocarpa</i> (Bory ex Willd.) Kaulf. (também citada como <i>Polypodium lanceolatum</i> L.)	Feto, polipódio-lanceolado	107, 124	2	M, O	N
<i>Pleopeltis minima</i> (Bory) J.Prado & R.Y.Hirai	Silvina-miúda	112	1	M	N
<i>Pleopeltis trinidadensis</i> (Brade) Salino (citada como <i>Polypodium trinidadense</i> Brade)	Feto	107	1	PO	N
<i>Polypodium punctatum</i> Thunb.	Ninho-de-passarinho	72	1	O	C
<i>Serpocaulon catharinae</i> (Langsd. & Fisch.) A.R.Sm. (citada como <i>Polypodium catharinae</i> Langsd. & Fisch.)	Feto	107	1	M, O	N
<i>Serpocaulon fraxinifolium</i> (Jacq.) A.R.Sm. (também citada como <i>Polypodium fraxinifolium</i> Jacq.)	Feto, samambaia	33, 107	2	M, PO	N
<i>Serpocaulon latipes</i> (Langsd. & Fisch.) A.R.Sm.	Kara-guara	8	1	M	N
<i>Serpocaulon triseriale</i> (Sw.) A.R.Sm. (também citada como <i>Polypodium brasiliense</i> Poir.)	Caticéa, coaticéa, samambaia-cheirosa, samambaia-cumaru	104, 112	2	M, Ou	N

Pteridaceae

<i>Acrostichum aureum</i> L.	Avencão	111	1	M	N
<i>Acrostichum danaeifolium</i> Langsd. & Fisch.	Avencão, feto	107, 124	2	M, O	N
<i>Adiantopsis chlorophylla</i> (Sw.) Fée (citado também como <i>Cheilantes chlorophylla</i> Sw.)	Avenca-da-terra, samambaia-roxa	74, 111, 112	3	M	N
<i>Adiantopsis dichotoma</i> (Sw.) T. Moore	Feto	107	1	PO	N
<i>Adiantopsis flexuosa</i> (Kunze) Link-Pérez & Hickey (citada como <i>Cheilantes flexuosa</i> Kunze)	Feto	107	1	PO	N
<i>Adiantopsis monticola</i> (Gardner) T. Moore	Feto	107	1	PO	N
<i>Adiantopsis radiata</i> (L.) Fée (também citada como <i>Cheilantes radiata</i> (L.) J.Sm.)	Avenca, avenca-estrelada, avenca-de-minas, feto-estrelado, samambaia	111, 112, 124	3	M	N
<i>Adiantopsis regularis</i> (Mett.) T. Moore (também citada como <i>Cheilantes regularis</i> Mett.)	Avenca-da-serra	111, 112	2	M, NI	N
<i>Adiantopsis senae</i> (Baker) Schuettp. & A. Davila (citada como <i>Adiantum tenuissimum</i> Taub.)	Avenca	111	1	NI	N
<i>Adiantum abscissum</i> Schrad. (citada como <i>Adiantum brasiliense</i> Raddi)	Avenca	111	1	NI	N
<i>Adiantum cajennense</i> Willd. ex Klotzsch	Feto	107	1	PO	N
<i>Adiantum calcareum</i> Gardner	Feto	107	1	PO	N
<i>Adiantum capillus-veneris</i> L.	Avenca, avenca-cabello-de-Vênus, avenca-comum, cabelo-de-Vênus, capilária, capilária-do-comércio, capillaria-de-Montpellier	18, 35, 36, 109, 110, 111, 112, 114, 124	9	M, R, Ou	N
<i>Adiantum concinnum</i> Willd.	Avenca, culantrilho	108, 124	2	M, O	N
<i>Adiantum curvatum</i> Kaulf.	Avenca, feto	22, 107	2	M, PO	N
<i>Adiantum deflectens</i> Mart.	Feto, vinca	107, 116	2	M, O, Ou	N
<i>Adiantum digitatum</i> Hook.	Feto	107	1	PO	N
<i>Adiantum diogoanum</i> Glaz. ex Baker	Avenca	111	1	NI	N
<i>Adiantum edgeworthii</i> Hook. (citada como <i>Adiantum caudatum</i> var. <i>rhizoporum</i> Wall. ex C.B. Clarke)	Avencão	112	1	M	C
<i>Adiantum glaucescens</i> Klotzsch	Feto	107	1	PO	N

<i>Adiantum gracile</i> Fée	Avenca, feto	107	1	PO	N
<i>Adiantum hispidulum</i> Sw. (também citada como <i>Adiantum pedatum</i> L.)	Avenca-do-Canadá, capilária-do-Canadá	110, 111	2	M, O, Ou	C
<i>Adiantum intermedium</i> Sw.	Avenca	111	1	Ou	N
<i>Adiantum latifolium</i> Lam.	Feto	107	1	PO	N
<i>Adiantum lucidum</i> (Cav.) Sw.	Feto	107	1	PO	N
<i>Adiantum macrophyllum</i> Sw.	Avenca-de-folha-grande, feto	107, 124	2	M, PO	N
<i>Adiantum obliquum</i> Willd.	Culantrilho	108	1	O	N
<i>Adiantum pectinatum</i> Kunze ex Baker	Feto	107	1	PO	N
<i>Adiantum petiolatum</i> Desv.	Adianto-peciolado, avenca-peciolada, culantrilho	108, 124	2	M, O	N
<i>Adiantum philippense</i> L. (citada como <i>Adiantum lunulatum</i> Burm.f.)	Avenca	111	1	M	N
<i>Adiantum platyphyllum</i> Sw.	Avenca	111	1	Ou	N
<i>Adiantum poiretii</i> Wickstr.	Avenca, avenca-de-Poiret	124	1	M	N
<i>Adiantum polyphyllum</i> Willd.	Feto	107	1	PO	E
<i>Adiantum pseudotinctum</i> Hieron.	Avenquinha-graúda	28, 98	2	M	N
<i>Adiantum pulvulentum</i> L.	Culantrilho	108	1	O	N
<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl. (também citada como <i>Adiantum cuneatum</i> G. Forst.)	Adianto, avenca, avenca-brasileira, avenca-cuneiforme, avenca-de-folha-miúda, avenca-delta, avenca-miúda, avenca-véu-de-noiva, avencão, avenquinha-da-miúda, capilária, capilário, sapatinho de anjo	9, 10, 33, 34, 38, 39, 40, 59, 69, 71, 72, 74, 86, 90, 94, 96, 98, 99, 101, 111, 112, 123, 124	23	M, O	N
<i>Adiantum rhyzophytum</i> Schrad.	Avencão	111	1	NI	N
<i>Adiantum serratodentatum</i> Willd. (citada como <i>Adiantum obtusum</i> Desv., <i>Adiantum serrato-dentatum</i> Willd.)	Avenca-serrato-dentada, feto, quebra-pedra	107, 124	2	M, PO	N
<i>Adiantum sinuosum</i> Gardn.	Avenca	111	1	NI	N

<i>Adiantum subcordatum</i> Sw.	Avenca, avenca-da-grande, avencão	9, 111, 112	3	M, O, NI	N
<i>Adiantum tenerum</i> Sw.	Avenca, avenca-tenra, capillaria-do-México	72, 111, 124	3	M, O, Ou	N
<i>Adiantum tetraphyllum</i> Willd.	Feto, avenca-de-quatro-folhas	107, 124	2	M, PO	N
<i>Adiantum tomentosum</i> Klotzsch	-	124	1	M	N
<i>Adiantum trapeziforme</i> L. (também citada como <i>Cheilantes farinosa</i> Klf.)	Avenca-dos-córregos, avenca-estrelada, avenca-grande, avenca-paulista, avencão	111, 112, 124	3	M	E
<i>Ananthacorus angustifolius</i> (Sw.) Underw. & Maxon (citada como <i>Ananthocorus angustifolia</i> (Sw.) Underw. & Maxon)	Feto	107	1	PO	N
<i>Ceratopteris pteridoides</i> (Hook.) Hieron.	-	119	1	A	N
<i>Ceratopteris thalictroides</i> (L.) Brongn.	-	113	1	O	N
<i>Cheilanthes eriophora</i> (Fée) Mett. (citada como <i>Notochlaena eriophora</i> Fée)	Feto	107	1	PO	N
<i>Cheilanthes incisa</i> Kunze ex Mett.	Feto	107	1	PO	N
<i>Cheilanthes micropteris</i> Sw.	Feto	107	1	PO	N
<i>Cheilanthes pohliana</i> Mett.	Feto	107	1	PO	N
<i>Doryopteris concolor</i> (Langsd. & Fisch.) Kuhn & Decken (também citada como <i>Doryopteris baturitensis</i> Brade)	Feto	107	2	PO	N
<i>Doryopteris pentagona</i> Pic. Serm. (citada como <i>Doryopteris pedata</i> Fée, <i>Doryopteris pedata</i> var. <i>palmata</i> (Willd.) Hicken)	Feto, samambaia-miúda	107, 112	2	M, O	N
<i>Doryopteris rediviva</i> Fée (citada como <i>Doryopteris angularis</i> Fée)	Feto	107	1	O	N
<i>Doryopteris sagittifolia</i> (Raddi) J.Sm.	Feto	107	1	O	N
<i>Doryopteris triphylla</i> (Lam.) Christ (citada como <i>Cassebeera pedatifida</i> Christ, <i>Cassebeera triphylla</i> (Lam.) Kaulf.)	Feto	107, 107	2	PO	N
<i>Hecistopteris pumila</i> (Spreng.) J.Sm.	Feto	107	1	PO	N
<i>Hemionitis palmata</i> L.	Feto	107	1	O	N
<i>Hemionitis tomentosa</i> (Lam.) Raddi	Gimnópters-tomentosa	124	1	M	N
<i>Lytoneuron crenulans</i> (Fée) Yesilyurt (citada como <i>Doryopteris crenulans</i> Fée)	Feto	107	1	PO	N

<i>Lytoneuron itatiaense</i> (Fée) Yesilyurt (citada como <i>Pallaea itatiaensis</i> Fée)	Feto	107	1	PO	N
<i>Lytoneuron lomariaceum</i> (Kunze ex Klotzsch) Yesilyurt (citada como <i>Doryopteris lomariacea</i> Klotzsch)	Feto	107	1	O	N
<i>Lytoneuron ornithopus</i> (Mett. ex Hook. & Baker) Yesilyurt (também citada como <i>Doryopteris ornithopus</i> (Hook. & Baker) J.Sm.)	Feto, samambaia	101, 107, 113	3	M, O	N
<i>Lytoneuron paradoxum</i> (Fée) Yesilyurt (citada como <i>Cassebeera paradoxa</i> Fée)	Feto	107	1	PO	N
<i>Lytoneuron microphyllum</i> (Christ) Yesilyurt (citada como <i>Cassebeera microphylla</i> Fée)	Feto	107	1	PO	E
<i>Ormopteris gleichenioides</i> (Gardner) J.Sm. (citada como <i>Cassebeera gleichenioides</i> Gardner)	Feto	107	1	PO	N
<i>Ormopteris pinnata</i> (Kaulf.) Lellinger (citada como <i>Cassebeera pinata</i> Kaulf.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Pellaea viridis</i> (Forssk.) Prantl (citada como <i>Pellaea bongardiana</i> Baker, <i>Pellea flavescens</i> Fée, <i>Pallaea flavescens</i> Fée)	Feto	107	3	O, PO	NA
<i>Pityrogramma calomelanos</i> (L.) Link (também citada como <i>Pityrogramma chrysophylla</i> (Sw.) Link, <i>Gymnogramma calomelanos</i> (L.) Kaulf.)	Avenca-branca, avenca-preta, calomelano-vegetal, feto-amarelo, feto-branco, pitiograma-lindo-negra, samambaia-do-brejo	59, 107, 107, 111, 112, 124	6	M, O, Ou, NI	N
<i>Pityrogramma chaerophylla</i> (Desv.) Domin (citada como <i>Gymnogramma choerophylla</i> Desv.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Pityrogramma ebenea</i> (L.) Proctor (citada como <i>Pityrogramma tartarea</i> (Cav.) Maxon)	Feto	107	1	O, Ou	N
<i>Pityrogramma trifoliata</i> (L.) R.M.Tryon (citada como <i>Trismeria trifoliata</i> (L.) Diels)	Feto	107	1	PO	N
<i>Polytaenium cajenense</i> (Desv.) Benedict (também citada como <i>Antrophyum cajenense</i> (Desv.) Spreng.)	Feto, tajazinho-de-enfeite	107, 124	2	M, PO	N
<i>Polytaenium guayanense</i> (Hieron.) Alston (citada como <i>Antrophyum guayanense</i> Hieron.)	-	124	1	M	N
<i>Pteris cretica</i> L.	Folhagem	69	1	O	NA
<i>Pteris decurrens</i> C.Presl	Feto	107	1	PO	N
<i>Pteris denticulata</i> Sw.	Samambaia	104	1	NI	N
<i>Pteris leptophylla</i> Sw. (citada como <i>Pteris liptophylla</i> Sw.)	Avenca-do-Rio-Grande	111, 112	2	M, NI	N
<i>Pteris schwackeana</i> Christ	Samambaia	104	1	NI	N

<i>Pteris vittata</i> L.	Avenca, samambaia	9, 69	2	O	NA
<i>Pterozonium reniforme</i> (Mart.) Fée	Feto	107	1	PO	N
<i>Radiovittaria stipitata</i> (Kunze) E.H.Crane (citada como <i>Vittaria stipitata</i> Kunze)	Feto	107	1	PO	N
<i>Tryonia myriophylla</i> (Sw.) Schuettp., J.Prado & A.T.Cochran (citada como <i>Cheilantes glandulifera</i> Fée, <i>Gymnogramma myriophylla</i> Sw.)	Feto	107, 107	2	O, PO	N
<i>Tryonia schwackeana</i> (Christ) Schuettp., J.Prado & A.T.Cochran (citada como <i>Gymnogramma schwackeana</i> Christ)	Feto	107	1	PO	N
Saccolomataceae					
<i>Saccoloma elegans</i> Kaulf.	Feto	107	1	PO	N
<i>Saccoloma inaequale</i> (Kunze) Mett.	Feto	107	1	PO	N
Salviniaceae					
<i>Azolla caroliniana</i> Willd.	Mururé-rendado	105	1	Ou	N
<i>Azolla filiculoides</i> Lam.	Almíscar-vegetal, âmbar-vegetal	112	1	Ou	N
<i>Salvinia auriculata</i> Aubl.	Apeay, mururé-carrapatinho, mururé-carrapato	105, 112, 124	3	M	N
Schizaeaceae					
<i>Actinostachys subtrijuga</i> (Mart.) C.Presl (citada como <i>Schizaea subtrijuga</i> Mart.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Schizaea elegans</i> (Vahl) Sw.	Esquizéia-elegante, feto	107, 124	2	M, PO	N
<i>Schizaea poeppigiana</i> J.W.Sturm (citada como <i>Lophidium poeppigianum</i> (J.W.Sturm) Underw. ex Maxon)	Feto	107	1	PO	N
Selaginellaceae					
<i>Selaginella amazonica</i> Spring	Nambaia, samambaia	30	1	M	N

<i>Selaginella asperula</i> Spring	-	124	1	M	N
<i>Selaginella breynii</i> Spring	Selaginela-rasteira	104	1	NI	N
<i>Selaginella conduplicata</i> Spring	Samambainha	26	1	M, R	N
<i>Selaginella convoluta</i> (Arn.) Spring	Erva-milagrosa, gericó, jericó, mão-de-sapo, mão-fechada, pé-de-papagaio, planta-da-ressurreição, ressurreição	2, 11, 31, 44, 53, 64, 67, 88, 106, 112, 116, 117, 118, 124	14	M, Ou	N
<i>Selaginella decomposita</i> Spring	Selaginela	104	1	O	N
<i>Selaginella exaltata</i> (Kunze) Spring (também citada como <i>Selaginella strobilifera</i> Christ)	Musgo, selaginela	104, 124	2	M, O	N
<i>Selaginella flexuosa</i> Spring	Selaginela	104	1	O	N
<i>Selaginella jungermannioides</i> (Gaudich.) Spring	Selaginela-rasteira	104	1	NI	N
<i>Selaginella macrostachya</i> (Spring) Spring	Selaginela	104	1	O	N
<i>Selaginella marginata</i> (Humb. & Bonpl. ex Willd.) Spring	Selaginela	104	1	O	N
<i>Selaginella microphylla</i> (Kunth) Spring (também citada como <i>Selaginella thujaefolia</i> Spring)	Selaginela	104, 104	2	O	N
<i>Selaginella muscosa</i> Spring (citada como <i>Selaginella brasiliensis</i> Lindm. ex Raddi)	Selaginela	104	1	O	N
<i>Selaginella pallescens</i> (C.Presl) Spring (citada como <i>Selaginella cuspidata</i> (Link) Link)	Selaginela	104, 104	2	O	N
<i>Selaginella parkeri</i> (Hook. & Grev.) Spring (citada como <i>Selaginella pedata</i> Klotzsch)	Samambaia	1, 117, 122	3	M, Ou	N
<i>Selaginella revoluta</i> Baker (citada como <i>Selaginella demissa</i> Christ)	Jericó, selaginela	104, 106	2	O, NI	N
<i>Selaginella stellata</i> Spring	Cama-de-menino, samambaia	103, 104, 124	3	M, O	E
<i>Selaginella tenuissima</i> Fée	Selaginela	104	1	O	N
<i>Selaginella umbrosa</i> Lem. ex Hieron.	Folhagem	69	1	O	N
<i>Selaginella willdenowii</i> (Desv. ex Poir.) Baker	Selaginela	104	1	O	N

Tectariaceae

<i>Tectaria incisa</i> Cav. (citada como <i>Tectaria martinicensis</i> (Spreng.) Copel.)	Feto	107	1	O	N
<i>Tectaria trifoliata</i> (L.) Cav.	Feto	107	1	O	N

Thelypteridaceae

<i>Amauropelta decurtata</i> (Kunze) Salino & T.E. Almeida (citada como <i>Athyrium decurtatum</i> (Kunze) Fée)	Feto	107	1	PO	N
<i>Amauropelta eriosorus</i> (Fée) Salino & T.E. Almeida (citada como <i>Dryopteris eriosora</i> (Fée) C. Chr.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Amauropelta novaeana</i> (Brade) Salino & T.E. Almeida (citada como <i>Dryopteris novaeana</i> Brade)	Feto	107	1	PO	N
<i>Christella dentata</i> (Forssk.) Brownsey & Jermy (citada como <i>Thelyptens dentata</i> (Forssk.) E.P.St.John), <i>Dryopteris dentata</i> (Forssk.) C. Chr.)	Feto, samambaia	69, 107	2	O	N
<i>Christella patens</i> (Sw.) Pic. Serm. (citada como <i>Nephrodium patens</i> (Sw.) Desv., <i>Thelypteris patens</i> (Sw.) Small)	Samambaia-cheirosa, samambaiaçu	104, 112	2	M, NI, Ou	N
<i>Cyclosorus interruptus</i> (Willd.) H. Ito (citada como <i>Dryopteris gongylodes</i> (Schkuhr) Kuntze)	Feto	107	1	PO	N
<i>Goniopteris poiteana</i> (Bory) Ching (citada como <i>Dryopteris poiteana</i> (Bory) Urb.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Goniopteris refracta</i> (Fischer & C. Meyer) Brade (citada como <i>Nephrodium refractum</i> Hook.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Goniopteris tetragona</i> (Sw.) C. Presl (citada como <i>Dryopteris subtetragona</i> (Link) Maxon)	Feto	107	1	PO	N
<i>Goniopteris tristis</i> (Kunze) Brade (citada como <i>Thelypteris tristis</i> (Kunze) R.M. Tryon)	Feto-macho-de-Goiás	112	1	M	N
<i>Macrothelypteris torresiana</i> (Gaudich.) Ching	Avenca, feno-grego, samambaia, samambaiazinha	9, 10, 31	3	M, O	N
<i>Meniscium angustifolium</i> Willd. (citada como <i>Dryopteris angustifolia</i> (Willd.) Urb.)	Feto	107	1	PO	N
<i>Meniscium serratum</i> Cav. (citada como <i>Dryopteris serrata</i> (Cav.) C. Chr.)	Feto-grande	107	1	NI	N
<i>Steiropteris decussata</i> (L.) A.R.Sm. (citada como <i>Phegopteris decussata</i> (L.) Mett.)	Feto	107	1	PO	N

Legenda: Usos - M = medicinal; O = ornamental; PO = potencial ornamental; R = ritualística ou mística; A = alimentícia; Ou = outros; NI = não-informado.

Origem - N = nativo; E = exótica; C = exótica cultivada; NA = exótica naturalizada;

Tabela 3. Táxons não confirmados

Família/espécie	Nome popular	Fonte	Nº de cit.	Usos
Aneimiaceae				
<i>Aneimia flexuosa</i> Raddi	Feto	107	1	PO
Aspleniaceae				
<i>Asplenium auritum</i> var. <i>sulcatum</i> Sw., (Lam.) Baker	Samambaia-douradinha	112	1	M, O
<i>Asplenium</i> sp.	Samambaiazinha	25	1	O
Athyriaceae				
<i>Diplazium striatum</i> (L.) C.Presl	Feto	107	1	PO
Blechnaceae				
<i>Blechnum</i> sp.	-	113	1	O
<i>Lomaridium acutum</i> (Desv.) Gasper & V.A.O.Dittrich	Samambaia	104	1	NI
<i>Lomaridium attenuatum</i> (Sw.) Gasper & V.A.O.Dittrich (citada como <i>Lomaria attenuata</i> (Sw.) Willd.)	Feto	107	1	PO
Cyatheaceae				
<i>Alsophila aquilina</i> Christ.	Samambaia	104	1	NI
<i>Alsophila aspera</i> R. Br.	Samambaiaçu-do-brejo	104	1	NI
<i>Cyathea schenckii</i> Christ.	Samambaia	104	1	NI
<i>Cyathea</i> sp.	Samambaiaçú	25	1	M, O, Ou

<i>Cyathea sp.</i>	Samambaia	25	1	O
<i>Hemitelia grandifolia</i> Spreng.	Samambaiaçu	104	1	NI
Davalliaceae				
<i>Davallia sp.</i>	Samambaia	25	1	O
<i>Davallia sp.</i>	Samambaia	87	1	O
<i>Davallia sp.</i>	Canela-de-veado	91	1	Ou
Dennstaedtiaceae				
<i>Dennstaedtia ordinata</i> Moore	Feto-grande	107	1	NI
<i>Pteridium sp.</i>	Samambaia-de-cipó	49	1	M
Dicksoniaceae				
<i>Dicksonia sp.</i>	Xaxim	60	1	O, Ou
Dryopteridaceae				
<i>Dryopteris guadalupensis</i> Kze.	Feto	107	1	PO
<i>Dryopteris linkiana</i> Maxon	Feto	107	1	PO
<i>Dryopteris reticulata</i> Urban	Feto	107	1	PO
<i>Dryopteris tetragona</i> (Sw.) Urb.	Feto	107	1	PO
<i>Dryopteris villosa</i> (L.) O. Ktze.	Feto	107	1	PO
<i>Elaphoglossum auricomum</i> (Kunze) T.Moore	Feto	107	1	PO

<i>Elaphoglossum conforme</i> (Sw.) Schott	Feto	107	1	PO
<i>Elaphoglossum petiolosum</i> (Desv.) T.Moore	Cipó-de-coaty, coaty	108	1	NI
<i>Elaphoglossum schiadeanum</i> Kuntze	Elaphoglossum	108	1	NI
<i>Elaphoglossum simplex</i> (Sw.) Schott	Feto	107	1	PO
<i>Polystichum aculeatum</i> (L.) Roth (nome mal aplicado para <i>Polystichum platylepis</i> Fée)	Feto	107	1	O
Equisetaceae				
<i>Equisetum bogotense</i> Kunth.	Cavallinha, lixa-vegetal	108	2	M, NI
<i>Equisetum cf. giganteum</i> L.	Cavallinha	85	1	M
<i>Equisetum sp.</i>	Cavallinha	6	1	M
<i>Equisetum sp.</i>	-	28	1	M
<i>Equisetum sp.</i>	-	45	1	M
<i>Equisetum sp.</i>	Cavallinha	46	1	M
<i>Equisetum sp.</i>	Cavallinha	48	1	M
<i>Equisetum sp.</i>	Cavallinha	57	1	M
<i>Equisetum sp.</i>	Cavallinha	63	1	M
<i>Equisetum sp.</i>	Cavallinha	81	1	M
Hymenophyllaceae				
<i>Hymenophyllum lineare</i> (Sw.) Sw. (nome mal aplicado para <i>Hymenophyllum pulchellum</i> Schldtl. & Cham.)	Samambaia	104	1	NI
<i>Hymenophyllum sp.</i>	-	113	1	O
<i>Trichomanes aff. cristatum</i> Kaulf.	Samambaia	31	1	M

<i>Trichomanes sp.</i>	-	113	1	O
Lindsaeaceae				
<i>Lindsaea imrayana</i> (Hook.) Perez Arbel. (citada como <i>Saccoloma imrayanum</i> Kunze)	Feto	107	1	PO
Lycopodiaceae				
<i>Diplazium jussiaei</i> (Desv. ex Poir.) C. Presl ex Rothm. (citada como <i>Lycopodium scariosum</i> Forst.)	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI
<i>Lycopodiella alopecuroides</i> (L.) Cranfill (citada como <i>Lycopodium alopecuroides</i> L.)	Pinheirinho-de-sala, tupi-guarani	105, 124	2	M, NI
<i>Lycopodium fastigiatum</i> R. Br.	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI
<i>Lycopodium inundatum</i> L.	Pinheirinho	105	1	NI
<i>Lycopodium saururus</i> Lam.	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI
<i>Lycopodium verticilatum</i> L.	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI
<i>Urostachys brongniartii</i> (Spring) Hert. ex. Ness	Pinheirinho-de-sala	105	1	NI
Marattiaceae				
<i>Marattia alata</i> Radd.	Samambaiaçu-do-brejo	108	1	O, NI
Nephrolepidaceae				
<i>Nephrolepis sp.</i>	Avenca	9	1	O
<i>Nephrolepis sp.</i>	-	24	1	Ou
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia	39	1	O
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia	65	1	O

<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia	92	1	O
<i>Nephrolepis sp.</i>	Avenca	91	1	Ou
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia	69	1	O
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia	69	1	O
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia	69	1	O
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia	69	1	O
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia-paulistinha	69	1	M, O
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia-de-metro	69	1	O
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia-saia-de-baiana	69	1	O
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia-cabelo-de-anjo	69	1	O
<i>Nephrolepis sp.</i>	Samambaia, samambaia-cabeluda	69	1	O

Osmundaceae

<i>Osmunda regalis</i> L. (nome mal aplicado para <i>Osmunda spectabilis</i> Willd.)	Feto-real, samambaia-de-penacho	104, 112	2	M, O
--	---------------------------------	----------	---	------

Polypodiaceae

<i>Campyloneurum sp.</i>	Avenca	9	1	O
<i>Ceradenia meridensis</i> (Klotzsch) L.E.Bishop (citada como <i>Polypodium meridense</i> Klotzsch)	Samambaia-de-pendurar	104	1	PO
<i>Cochlidium graminoides</i> (Sw.) Kaulf. (citada como <i>Monogramma graminoides</i> (Sw.) Baker in Hook. & Baker, nome mal aplicado para <i>Cochlidium serrulatum</i> (Sw.) L.E.Bishop)	Feto	107	1	PO
<i>Cochlidium seminudum</i> (Willd.) Maxon (nome mal aplicado para <i>Cochlidium punctatum</i> (Raddi) L.E.Bishop)	Feto	107	1	PO
<i>Grammitis marginella</i> (Sw.) Sw. (citada como <i>Polypodium marginellum</i> Sw.)	Feto	107	1	PO

<i>Microgramma sp.</i>	Cipó-cabeludo	43	1	M
<i>Pleopeltis angusta</i> Humb. & Bonpl. ex Willd. (citada como <i>Polypodium angustum</i> (Humb. & Bonpl. ex Willd.) Liebm, nome mal aplicado para <i>Pleopeltis pleopeltifolia</i> (Raddi) Alston)	Feto	107	1	PO
<i>Pleopeltis polypodioides</i> (L.) Andrews & Windham (citada como <i>Polypodium polypodioides</i> (L.) Watt, nome mal aplicado para <i>Pleopeltis minima</i> (Bory) J. Prado & R.Y. Hirai)	Feto, mbyrujá, samambaia, silvina-miúda	8, 107, 124	3	M, PO
<i>Polypodium discolor</i> Hook	Feto	107	1	PO
<i>Polypodium dissimile</i> L.	Feto	107	1	PO
<i>Polypodium laevigatum</i> Cav.	Feto	107	1	PO
<i>Polypodium leucatum</i> Poir	Rabo-de-catinguelê	73	1	M
<i>Polypodium leucatomus</i> Poir	Lã-de-carneiro, rabo-de-caxinguelê, rabo-de-macaco	97	1	M
<i>Polypodium sp.</i>	Samambaia-do-brejo	52	1	O
<i>Polypodium sp.</i>	Samambaia-mato	52	1	O
<i>Polypodium sp.</i>	Samambaia	89	1	O
Pteridaceae				
<i>Adiantum sp.</i>	Avenca	92	1	O
<i>Adiantum sp.</i>	Avenca-verde	92	1	O
<i>Adiantum sp.</i>	Avenca-vermelha	92	1	O
<i>Adiantum sp.</i>	Avenca	103	1	M
<i>Adiantum aethiopicum</i> L. (nome mal aplicado para <i>Adiantum raddianum</i> C. Presl.)	Avenca	111	1	Ou
<i>Adiantum cf. subcordatum</i> Sw.	Avencão	69	1	O
<i>Adiantum cristatum</i> L. (nome mal aplicado para <i>Adiantum tetraphyllum</i> Willd.)	Feto	107	1	PO

<i>Adiantum denticulatum</i> Sw.	Avenca	111	1	Ou
<i>Adiantum</i> sp.	Avenca	25	1	M, O
<i>Adiantum</i> sp.	Avenca	83	1	M
<i>Adiantum</i> sp.	Avenca	52	1	O
<i>Adiantum</i> sp.	Avenca	60	1	M
<i>Adiantum</i> sp.	Avenca-da-pedra	65	1	M
<i>Adiantum</i> sp.	Avenca	89	1	O
<i>Adiantum</i> sp.	Avenca	123	1	M
<i>Aleuritopteris farinosa</i> (Forssk.) Fée	Feto	107	1	O
<i>Neurogramme scandens</i> Fée	Feto-cipó	107	1	NI
<i>Pteris</i> sp.	-	113	1	O
<i>Pteris</i> sp.	Vence-tudo	47	1	M, R

Selaginellaceae

<i>Selaginella brachylepsis</i> Christ	Selaginela	104	1	O
<i>Selaginella huberi</i> Christ	Selaginela	104	1	O
<i>Selaginella laevigata</i> Baker	Selaginela	104	1	O
<i>Selaginella lepidophylla</i> (Hook. & Grev.) Spring	Licopódio-da-ressurreição, planta-da-ressurreição	106	1	NI
<i>Selaginella plumosa</i> Baker	Selaginela	104	1	O
<i>Selaginella rupestris</i> (L.) Spring	Selaginela	104	1	O
<i>Selaginella</i> sp.	Avenca	9	1	O
<i>Selaginella</i> sp.	Samambaia	20	1	M

Woodsiaceae

Woodsia mollis (Kaulf.) J.Sm. (nome mal aplicado para *Woodsia montevidensis* (Spreng.) Hieron.) Feto 107 1 PO

Legenda: M = medicinal; O = ornamental; PO = potencial ornamental; R = ritualística ou mística; A = alimentícia; T = tóxica; Ou = outros; NI = não-informado.
